

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Camila Marques Silva Daher

“Cabulosa inversão, jornal distorção”: uma pesquisa participante sobre as produções de sentidos de jovens frente ao discurso midiático criminal

Juiz de Fora

2020

Camila Marques Silva Daher

“Cabulosa inversão, jornal distorção”: uma pesquisa participante sobre as produções de sentidos de jovens frente ao discurso midiático criminal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Processos Psicossociais em Saúde, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Fernando Santana de Paiva

Coorientadora: Luciana Ferreira Barcellos

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Daher, Camila Marques Silva.

"Cabulosa inversão, jornal distorção" : uma pesquisa participante sobre as produções de sentidos de jovens frente ao discurso midiático criminal / Camila Marques Silva Daher. -- 2020.
159 f.

Orientadora: Fernando Santana de Paiva
Coorientadora: Luciana Ferreira Barcellos
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

1. Mídia. 2. Juventude. 3. Violência. I. Paiva, Fernando Santana de, orient. II. Barcellos, Luciana Ferreira, coorient. III. Título.

Camila Marques Silva Daher

“Cabulosa inversão, jornal distorção”: uma pesquisa participante sobre as produções de sentidos de jovens frente ao discurso midiático criminal

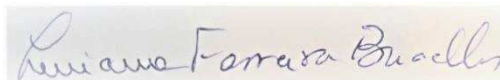
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de concentração em Processos Psicossociais em Saúde, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 19 de Novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernando Santana de Paiva – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof^ª. Dr^ª. Luciana Ferreira Barcellos – Coorientadora
Universidade Federal de São João Del-Rei



Prof. Dr. Paulo Cesar Pontes Fraga
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof^ª Dr^ª. Fernanda Mendes Lages Ribeiro
CLAVES/ENSP/FIOCRUZ; IESC/UFRJ; IBMR

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem uma rede de pessoas que fizeram parte, de diversas formas, da sua construção.

Agradeço primeiramente a meus pais, Marcia e Pedro por todo o carinho e suporte durante esse processo, e à minha irmã Luana pela parceria e pelas risadas que aliviam qualquer tensão. Nossas lutas não foram e não são fáceis, mas a união e a cumplicidade fazem com que tudo se torne mais leve. Sem vocês tudo isso seria impensável.

À minha madrinha Glorinha que sempre foi minha luz, e se emocionava comigo a cada passo. Cuidou de mim com muito carinho até partir. Me lembrar de sua torcida para que eu concluísse a dissertação e sentir o seu amor foi combustível em muitos momentos de angústia e de dificuldades.

Aos meus avós Maria José e Manoel pela proteção, apoio e pelos sorrisos que me inspiram. Me estendo também a minha tia Dina, meus primos Gabriel, Isadora e Guilherme pela parceria e à querida Marcia Kelly pelo cuidado.

Ao meu orientador Fernando que através de seu acolhimento, paciência, encorajamento, proximidade e apoio, possibilitou que esse trabalho acontecesse. À minha coorientadora Luciana que topou embarcar nessa ideia conosco, trazendo com muito carinho novas cores e perspectivas.

Ao grupo de pesquisa Martín-Baró, que foi um espaço rico de leituras, trocas e aprendizado.

À Cássia por estar tão próxima nesse percurso, à Luciana por ser escuta e acolhimento, e a todos os amigos que sempre estiveram comigo.

Aos amigos que fiz nesse percurso, pelo dividir das angústias, dos anseios e pelos momentos de alegria.

Agradeço também à CAPES pela bolsa de mestrado, que foi essencial para que eu pudesse concretizar este projeto.

Por fim, agradeço ao acolhimento da comunidade Boa Esperança e todos os atores e parceiros de pesquisa, mas principalmente a Jaya, Hualter, Dênis, Pablo, Leandro, Rony e Scot por dividirem suas histórias e por construírem comigo esse trabalho. Vocês são fôlego, energia, criatividade, resistência, inteligência e pura inspiração.

Porque se chamava moço
Também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo, aço, aço, aço, aço

Porque se chamava homem
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogênicos
Ficam calmos, calmos, calmos

E lá se vai mais um dia

(Clube da Esquina II, Milton Nascimento; Lô Borges; Marcio Borges, 1972)

Cabulosa inversão, jornal distorção [...]
Transcendental questão, não choca opinião
Silêncio e cara no chão, conhece?
Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece
Vence o Datena com luto e audiência
Cura, baixa escolaridade com auto de resistência

(Boa Esperança, Emicida, 2015)

RESUMO

As representações midiáticas atravessam as nossas vidas e contribuem na produção de nossas subjetividades. No Brasil, guardadas suas particularidades, a mídia hegemônica representa um poder político e econômico que se vale ideologicamente do discurso midiático como uma estratégia de manutenção da ordem social. A criminalização de determinados segmentos sociais tem sido uma importante ferramenta utilizada na produção de consensos e na perpetuação de uma adesão subjetiva à barbárie. Em especial, quando nos referimos à realidade dos jovens inseridos em territórios marcados pela pobreza e pela criminalização, cabe nos questionarmos sobre os desdobramentos do que tratamos como discurso midiático criminal em suas vidas. Nos propomos então a analisar os sentidos produzidos por jovens inseridos em um contexto de violência e criminalidade em relação a este discurso midiático. Trata-se de uma pesquisa participante, conforme preconiza o sociólogo colombiano Orlando Fals-Borda, tendo ainda como fundamentação os conceitos de linguagem, dialogismo e polifonia de Mikhail Bakhtin. A pesquisa foi realizada durante um período de 18 meses, considerando os processos de inserção no campo, a aproximação, a negociação do trabalho com os participantes da pesquisa e a realização de sete grupos de discussão com seis jovens com idades entre 14 e 16 anos. A aproximação com os jovens participantes se deu a partir do contato com uma Organização Não Governamental (ONG) local em diálogo com o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Para a realização dos grupos de discussão, foram selecionados trechos de programas jornalísticos, de diferentes veículos midiáticos, em que jovens eram associados a episódios envolvendo atos tidos como criminosos. Posteriormente, o material foi discutido com os sujeitos da pesquisa nos grupos realizados. A partir dos diálogos tecidos pelos jovens com o conteúdo apresentado, observamos que segundo eles, o discurso midiático ignora as histórias de vida dos sujeitos representados nas reportagens, produzindo violências e reificando o estereótipo sobre os denominados “bandido” e “cidadão de bem”. Verificamos também que uma potência de indignação é produzida, porém, esta pode não encontrar espaço de expressão e ação frente a esse ciclo de criminalização e violências que é vivenciado no cotidiano pelos jovens e expresso através das experiências de racismo, violências policiais e humilhações. Entretanto, a despeito da violência midiática, os jovens constroem, a partir de um movimento de criatividade e inquietude, formas de resistência e sinalizam a existência de mídias alternativas que podem contribuir para processos emancipatórios.

Palavras-Chave: Juventude; Mídia; Criminalização; Violência; Subjetividade.

ABSTRACT

Media representations cross our lives and contribute to the production of our subjectivities. In Brazil, despite its particularities, the hegemonic media represents a political and economic power that ideologically uses the media discourse as a strategy for maintaining social order. The criminalization of certain social segments has been an important tool used in the production of consensus and in the perpetuation of subjective adherence to barbarism. In particular, when we refer to the reality of young people inserted in territories marked by poverty and criminalization, we must ask ourselves about the consequences of what we call criminal media discourse in their lives. Therefore, we propose to analyze the meanings produced by young people inserted in a context of violence and criminality in relation to this media discourse. This study is a participatory research, as suggested by the Colombian sociologist Orlando Fals-Borda, also based on Mikhail Bakhtin's concepts of language, dialogism and polyphony. The research was made in a period of 18 months, considering the insertion processes in the field, the approach, the negotiation of meetings with the research participants and the realization of seven discussion groups with six young people aged between 14 and 16 years. The approach with the young participants was made by contact with a local Non-Governmental Organization (NGO) in dialogue with the Reference Center for Social Assistance (CRAS). For the realization of the discussion groups, parts from journalistic programs from different media were selected, in which young people were associated with episodes involving acts considered as criminals. Subsequently, the material was discussed with the research subjects in the groups. From the dialogues made by the young people with the content presented, we observed that, according to them, the media discourse ignores the life stories of the subjects represented in the reports, producing violence and reifying the stereotype about the so-called "bandits" and "good citizens". We also found that a power of indignation is produced, however, it may not find space for expression and action in the face of this cycle of criminalization and violence that is experienced in daily life by young people and expressed through the experiences of racism, police violence and humiliation. However, despite media violence, young people build forms of resistance based on a movement of creativity and restlessness, signaling the existence of alternative media that can contribute to emancipatory processes.

Keywords: Youth; Media; Criminalization; Violence; Health.; Subjectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Atores da pesquisa.....	63
Quadro 2 - Resumo da descrição dos encontros.....	68
Imagem 1 – Transcrição do vídeo 1.....	72
Imagem 2 – Transcrição do vídeo 2.....	73
Imagem 3 – Transcrição do vídeo 3.....	74
Fotografia 1 – Rascunho de Scot.....	79
Imagem 4 – Manchete 1.....	81
Imagem 5 – Manchete 2.....	81
Imagem 6 – Manchete 3.....	81
Imagem 7 – Manchete 4.....	83
Imagem 8 – Manchete 5.....	83
Imagem 9 – Manchete 6.....	83
Imagem 10 – Transcrição do vídeo 4.....	87
Imagem 11 – Resumo da notícia 1.....	89
Imagem 12 – Resumo da notícia 2.....	91
Imagem 13 – Resumo da notícia 3.....	94
Imagem 14 – Resumo da notícia 4.....	95
Imagem 15 – Resumo da notícia 5.....	96
Imagem 16 – Música 1.....	102
Imagem 17 – Música 2.....	103
Imagem 18 – Música 3.....	105
Fotografia 2 – Rascunho de Jaya.....	106
Fotografia 3 - Rascunho de Rony.....	106
Fotografia 4 - Cartaz da atividade final.....	112
Fotografia 5 - Reportagem do Fala Boa Esperança.....	114

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A MÍDIA E A MANUFATURA DE CONSENSOS	13
2.1	MÍDIA, PODER SIMBÓLICO E SUBJETIVIDADES.....	13
2.2	A MÍDIA HEGEMÔNICA NO BRASIL: O “CORONELISMO ELETRÔNICO”....	20
2.3	JUVENTUDE NA MÍDIA: CRIMINALIZAÇÃO E “ADESÃO SUBJETIVA À BARBÁRIE”	26
3	A CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE E O DISCURSO MIDIÁTICO	31
3.1	JUVENTUDES: OS JOVENS COMO SUJEITOS DE SUAS HISTÓRIAS	31
3.2	A CONSTRUÇÃO DO “JOVEM BANDIDO”: UM PANORAMA A PARTIR DA CRIMINOLOGIA CRÍTICA	32
3.3	A “CRIMINOLOGIA MIDIÁTICA” EM NOSSAS VIDAS: QUAIS OS SEUS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS?	41
4	APRESENTANDO A PESQUISA	45
4.1	OBJETIVO.....	45
4.2	DIREÇÕES ÉTICAS E METODOLÓGICAS	46
4.3	DESCOBRINDO O CENÁRIO DA PESQUISA: O CAMPO.....	50
4.3.1	A Cidade do Sol.....	50
4.3.2	O Bairro Boa Esperança e a ONG	51
4.4	ESTRATÉGIAS EMPREGADAS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	52
4.4.1	Familiarização com a comunidade.....	52
4.4.2	Seleção do material midiático utilizado	56
4.4.3	Os grupos de discussão	57
4.4.4	Análise dos dados da pesquisa.....	58
4.4.5	Ética, sigilo e consentimento ou “O que faz no rolê, fica no rolê”	58
5	OS ENCONTROS DO CAMPO: CONSTRUINDO A INTERVENÇÃO.....	60
5.1	MERGULHANDO NO CAMPO E COSTURANDO PARCERIAS	60
5.1.1	A aproximação com a ONG	60
5.1.2	A aproximação com os participantes	63
5.1.3	O convite para a roda de conversa.....	65
5.2	APRESENTANDO A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	67
6	O QUE OS JOVENS DISSERAM? OS DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM O DISCURSO MIDIÁTICO	71
6.1	UMA MÍDIA QUE IGNORA HISTÓRIAS E VIOLENTA SUBJETIVIDADES	71

6.1.1	“A culpa não é deles não! A vida que eles tem...”	71
6.1.2	“Podia até acontecer com um de nós”	80
6.2	BANDIDOS OU “CIDADÃOS DE BEM”?	86
6.2.1	“É osso tia, escutar isso!”	86
6.2.2	“Nunca veio aqui e fala que aqui é perigoso”	93
6.2.3	“Nós queremos nos apresentar para todos”	100
6.3	QUE VOZES REPRESENTAM ESSA JUVENTUDE? TECENDO ALTERNATIVAS E RESISTÊNCIAS	101
6.3.1	“Por falta de condições a gente se limitou”	101
6.3.2	“Taca memes, tia!”	107
6.3.3	“Agora é a vez do jovem falar!”	108
7	UMA ANÁLISE SOBRE OS DIÁLOGOS TECIDOS ENTRE OS JOVENS E A MÍDIA	115
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS	129
	ANEXO A – Material midiático utilizado nos grupos de discussão na íntegra	136

1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado trata-se de uma pesquisa participante construída a partir do objetivo de analisar os sentidos produzidos por jovens inseridos em um contexto de violência e criminalidade em relação a um discurso midiático que os aponta como os grandes responsáveis pela “crise de segurança pública” que supostamente assola o país. A delimitação da problemática que norteia a pesquisa e o interesse pelo tema de investigação é resultado do meu percurso pessoal, acadêmico e profissional. A questão da influência social da mídia desde muito cedo me desperta incômodo, inquietação e curiosidade. Foi através do ingresso no curso de Psicologia que pude, através da pesquisa, começar a estudar e me aproximar um pouco mais do tema. Como consequência dessa aproximação, acabei me encontrando com a Psicologia Social e comecei a me interessar pelas implicações políticas e psicossociais das nossas práticas e produções.

Nos caminhos de atuação profissional, esse contato com as questões sociais se intensificou. Durante o percurso de trabalho no campo da assistência social, pude conhecer melhor a cidade em que atuei (aqui nomeada Cidade do Sol), em suas nuances de desigualdade, arbitrariedade e preconceito, principalmente quando se trata da visão a respeito da juventude das periferias. Pude conhecer também um pouco do potencial desses jovens em sua indignação e incômodo sobre serem silenciados e representados erroneamente pela mídia local, sem possibilidades de “responder” a tamanha distorção. Nesse percurso também conheci um pouco mais de perto a comunidade que aqui chamaremos de Boa Esperança e assim, visualizar a possibilidade de uma pesquisa construída com os jovens daquele local. Através do ingresso no mestrado, as orientações do grupo de pesquisa e das parcerias traçadas, essa ideia pôde tomar forma e ser colocada em prática.

Sendo assim, a partir das leituras e orientações, foi sendo tecida a direção de uma pesquisa inspirada nas ideias de coautoria, que resultam das interpretações das reflexões de Bakhtin (2011; 2017) sobre linguagem, dialogismo e polifonia, e que delinearão todo o processo de aproximação com o campo, com os participantes e o curso da intervenção. As discussões sobre o fazer da pesquisa participante e do saber comunitário também serviram como base para a construção do trabalho (FALS BORDA, 1999; MONTERO, 2006).

A bibliografia sobre o tema da representação midiática da juventude pobre e a realidade de criminalização, indica que a conjuntura brasileira atual tem sido marcada por um forte viés de repressão e moralismo no debate sobre as juventudes. Nesse sentido, a criminalização da juventude pobre é uma questão que tem se destacado, ilustrada por um crescente clima de medo

e insegurança por parte da população. A massiva presença de representações na mídia de episódios criminosos envolvendo jovens pobres enquanto autores, através de uma espécie de “criminologia midiática”, aponta uma suposta crise de segurança pública em que esses são apresentados como principais responsáveis. Esse grupo historicamente e estruturalmente marginalizado acaba sendo compreendido como perigoso, criminoso e insuficientemente penalizado (FERREIRA et al., 2009; CASSAB et al., 2016; ZAFFARONI, 2012). Composto esse cenário, os dados mostram que esse é justamente o público mais afetado pela violência no país de forma crescente e seletiva (BRASIL, 2017; IPEA & FBSP, 2018).

A naturalização da associação entre jovens pobres e criminalidade, assim como a instauração do Estado Penal (WACQUANT, 2015) se apresentam através de uma mídia não desinteressada, composta por especificidades políticas e seus discursos que possuem largo alcance e o poder simbólico de moldar opiniões e forjar subjetividades (COIMBRA, 2001; GUARESCHI, 2012; SANTOS; AIRES, 2017). Diante da escassez de pesquisas que se dediquem a estudar essa temática a partir do que os jovens têm a dizer, compreendemos que se faz necessária a discussão a respeito da produção de sentidos desses jovens frente ao discurso midiático hegemônico em sua forma de os representar.

Para tanto, foi realizada uma seleção de trechos de programas jornalísticos de diferentes veículos midiáticos nacionais e locais em que jovens aparecem associados a episódios criminosos. O material selecionado foi apresentado a um grupo de jovens residentes no bairro Boa Esperança, uma região de periferia da Cidade do Sol. Foram realizados sete grupos de discussão, onde buscamos possibilitar um espaço de diálogo entre os discursos dos jovens e da mídia, tentando favorecer a construção de discussões críticas sobre o tema.

Na primeira parte do trabalho, com o capítulo “Mídia e a manufatura de consensos” discutimos teoricamente sobre a organização da mídia hegemônica, enfatizando suas peculiaridades no contexto nacional. Abordamos também como representações simbólicas produzidas pela mídia são capazes de movimentar nossas subjetividades, induzindo a posicionamentos amedrontados que podem reforçar e justificar violências e a crescente de medidas puramente punitivas.

No seguinte capítulo, “A criminalização da juventude e o discurso midiático”, também teórico, apresentamos um debate sobre a relação que se estabelece entre o processo de criminalização da juventude e o discurso midiático. Para isso, realizamos uma breve conceitualização sobre a perspectiva de juventude aqui adotada, para então desenvolvermos uma discussão sobre essa relação entre criminalização e mídia, contando com as contribuições da área criminologia crítica.

A partir do capítulo “Apresentando a pesquisa”, é descrita a pesquisa que foi proposta, expondo também as direções éticas e metodológicas que nortearam sua construção, a partir de um debate teórico. Ainda no mesmo capítulo, também é feita uma breve descrição do campo, seguida da exposição das estratégias utilizadas durante a construção da pesquisa. No capítulo “Os encontros do campo: construindo a intervenção”, apresentamos a pesquisa em seu processo de feitura no campo desde o processo de familiarização com a ONG através da qual pude me inserir da comunidade, com a própria comunidade e com os participantes, finalizando com as propostas dos grupos de discussão. São evidenciadas as negociações e desafios que foram sendo costurados pelas possibilidades do campo e pelos movimentos da pesquisadora e dos sujeitos de pesquisa. Para isso, foram utilizados os registros dos diários de campo.

Os resultados da pesquisa são descritos no capítulo “O que os jovens disseram? Os diálogos construídos com o discurso midiático”, onde é apresentado o diálogo entre o discurso midiático e os discursos produzidos pelos jovens a partir da discussão com o material apresentado através dos grupos de discussão. Trata-se então do desenrolar da conversa dos participantes com as notícias, vídeos, imagens e textos midiáticos. Os registros dos diários de campo e, principalmente, as transcrições dos encontros serviram como base para a construção desse capítulo, dividido a partir dos temas levantados pelos jovens e dos eixos de discussão dos grupos através dos encontros.

Em “Uma análise sobre os diálogos entre os jovens e a mídia”, propomos uma discussão dos resultados a partir dos atravessamentos entre o material teórico e o conteúdo produzidos pelos jovens a partir da intervenção. Por fim, com o objetivo de sintetizar, porém, sem a pretensão de esgotar o tema, mas sim apontar direções, limitações e possibilidades para novos trabalhos, ações e investigações, são tecidas as considerações finais.

2 A MÍDIA E A MANUFATURA DE CONSENSOS

No presente capítulo discutiremos sobre a organização da mídia hegemônica, enfatizando suas peculiaridades no contexto nacional. Além disso, abordaremos como representações simbólicas produzidas pela mídia são capazes de movimentar nossas subjetividades no sentido de nos conduzir a posicionamentos amedrontados que podem reforçar violências de diferentes matizes e contribuir na produção de um imaginário punitivo que se expressa em medidas de extermínio que recaem majoritariamente sobre o segmento constituído por jovens negros e pobres em nosso país.

2.1 MÍDIA, PODER SIMBÓLICO E SUBJETIVIDADES

A presença dos veículos de comunicação no cotidiano das sociedades contemporâneas é massiva e crescente, impactando cada vez mais diretamente na construção das nossas ideias e direções. Sendo assim, vale nos questionarmos sobre o papel exercido pela mídia nas diversas dimensões das nossas vidas. Um primeiro passo essencial nessa reflexão é que ultrapassemos a ideia da mídia enquanto mera instituição de transmissão de conteúdo e informações, ou seja, como algo neutro, que apenas reproduz ideias constitutivas da organização social. A mídia foi e segue sendo uma força determinante quanto à produção de direções ideológicas, simbólicas e políticas que incidem sobre a organização social. Podemos dizer que a mídia exerce um papel estrutural não desinteressado, impactando nas relações pessoais, institucionais e político-econômicas (HJARVARD, 2012). Nos interessa então tentar compreender como essa força midiática atua.

Thompson (2002) caracteriza a mídia como principal recurso no exercício do poder simbólico, que se entrelaça aos poderes econômico, político e coercitivo. Segundo o autor o poder econômico pode ser definido pelo acúmulo de recursos materiais e financeiros a partir da atividade produtiva, exercido por empresas e instituições econômicas no geral. O poder político é praticado essencialmente pelo Estado e se refere à coordenação e regulamentação dos indivíduos em suas relações sociais através da autoridade. Já o poder coercitivo diz respeito ao uso de força física e armada, seja de forma real ou sob ameaça através das instituições policiais, carcerárias e militares¹. Finalmente, o poder simbólico – também chamado pelo autor de

¹ É importante ressaltar que existem no campo das ciências humanas e sociais diferentes maneiras de se caracterizar as relações de poder que se expressam nas esferas econômicas e políticas. Salientar a perspectiva de Thompson no presente trabalho não nos impede de dialogar com outras formas de pensar o papel do Estado e mesmo do mercado

cultural – que tem a mídia como principal recurso, e se caracteriza pela produção, transmissão e recepção de significados e ideias, sendo capaz de interferir no curso dos acontecimentos, e influenciando fortemente sobre as outras formas de poder.

As trocas de conteúdo simbólico acontecem continuamente através da expressão e interpretação de mensagens em nosso cotidiano. Essas interações comunicacionais antes possibilitadas apenas por contato face a face, através do surgimento, popularização e avanço tecnológico dos meios de informação, passam a ocorrer de forma mediada por esses recursos. O uso desses meios para a transmissão amplificada de conteúdo simbólico depende da posse de meios técnicos, além do conhecimento do processo de produção. Apesar da existência de espaços e grupos de resistência, o domínio desses fatores concentra-se em mãos dos produtores e proprietários de instituições midiáticas. Através do que o autor compreende como Mídia, apresenta-se então a principal via de exercício do poder simbólico (THOMPSON, 2002).

Sobre as características dos meios técnicos de comunicação, Thompson (2002) enfatiza três aspectos. O primeiro diz respeito à possibilidade de, em maior ou menor grau, registrar, armazenar e fixar conteúdo simbólico, diferente do que ocorre em uma conversa face a face, por exemplo, onde a fixação irá depender totalmente da memória dos interlocutores. Esse primeiro aspecto é essencial para o exercício de poder de diversas naturezas através do controle da informação que será registrada. Um segundo aspecto é a possibilidade de reprodutibilidade, ou seja, de multiplicar o alcance das formas simbólicas. Essa é uma das principais características que permite a mercantilização de discursos simbólicos, já que alcançando várias pessoas ao mesmo tempo, se pode vender produtos e principalmente ideias que favorecem a ordem econômica, moral e política hegemônica.

O terceiro aspecto apontado pelo autor é o distanciamento espaço-temporal. Ou seja, afasta-se a forma simbólica de seu contexto de produção espacial e temporal, fazendo com que seja “reimplantada em novos contextos que podem estar situados em tempos e lugares diferentes” (p. 28). Sendo assim, o conteúdo será consumido em um contexto diferente do que aquele em que foi produzido originalmente, o que significa uma amplificação ainda maior do alcance do que é difundido. Soma-se a isso o desconhecimento geral da população sobre as formas de produção do conteúdo que se está consumindo. Dessa forma, na maioria das vezes desconhecendo os processos de produção do que consumimos, decodificamos os discursos

econômico na organização social. Interessa-nos especialmente a maneira como o autor concebe o papel da mídia na produção de um poder simbólico, que a nosso ver, está intimamente relacionado à manutenção dos interesses de classe e contribui para a manutenção de relações sociais de poder e dominação, que são funcionais à exploração e opressão no âmbito da sociabilidade capitalista vigente.

difundidos com base em nossos recursos culturais, materiais e técnicos, por um intercâmbio que possibilita a integração dessas formas em nossas vidas (THOMPSON, 2002).

Moraes (2013), na mesma direção, tratando das características do sistema midiático nos tempos atuais, define alguns aspectos centrais: primeiramente o autor destaca o potencial ideológico e simbólico da mídia de interferência no imaginário social; em segundo lugar, fala sobre a linguagem como ferramenta através da apropriação e modificação de sentido de determinadas palavras em favor da sustentação de ideias e deturpação de outras, ou o que Bourdieu (1997) chama de “ocultar mostrando” pelas escolhas semânticas midiáticas. Essas ideias sustentadas através da ocultação de outras, são pilares ideológicos da lógica neoliberal, suscitando principalmente as noções de competição, individualismo e consumismo.

Thompson (2002) define comunicação de massa como a “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico”. Sobre as características desse tipo de comunicação, o autor destaca a presença e necessidade das indústrias da mídia e dos meios técnicos de produção e transmissão, e com isso, a mercantilização, ou seja, atribuição de valor econômico às formas simbólicas que se tornam bens simbólicos. Além disso, destaca-se novamente a dissociação, o espaço “cego” entre a produção e a recepção do conteúdo, já que esses processos ocorrem em contextos diferentes e de modo assimétrico. Quem produz, possui informações sobre quem consome, mas na maioria das vezes, quem consome desconhece os processos de transmissão, edição e apuração daquele conteúdo.

É importante ressaltar que apesar do fluxo da comunicação “de massa” ter um sentido não dialógico, se caracterizando essencialmente muito mais como transmissão do que comunicação, nós não somos destinatários passivos. Seria um erro pensar que somos apenas receptáculos de conteúdo simbólico. O processo de recepção das formas simbólicas, ao mesmo tempo em que exerce um impacto inegável sobre a realidade social e no campo das relações individuais, também estabelece laços complexos com as nossas subjetividades, e isso não deve ser simplificado ou ignorado (THOMPSON, 2002).

O que não se pode negar é que os laços entre a produção de formas simbólicas e a constituição do sujeito existem. Através da produção do que se chama de “capital simbólico”, ou seja, a credibilidade e confiança atribuída a tais grupos transmissores de conteúdo simbólico pela população, vamos selecionando o que acreditamos ou não ser “informação confiável”, e esse material acaba atravessando a construção de nossas subjetividades. Estabelecida essa imagem de respeito, tem-se o aval para induzir a crenças e descrenças, modificar o curso dos acontecimentos, apontar respostas, deslegitimar movimentos populares, embasar ações

econômicas, coercitivas e políticas, ou seja, alterar direções pessoais e sociais (THOMPSON, 2002). Integrando a discussão, Bourdieu (1997, p. 29) afirma que: “A televisão se torna árbitro do acesso à existência social e política. [...] Se obtém, pela televisão, um efeito que pode não estar longe do que seria obtido por uma manifestação de 50.000 pessoas”.

Apesar de a televisão ainda ser um veículo amplamente consumido, ao pensarmos nessa discussão na contemporaneidade, devemos considerar que os grupos midiáticos, hoje se tornaram “megagrupos” midiáticos, incorporando tecnologias de diversas naturezas – emissoras de TV, sites, jornais, entre outros. Sendo assim, temos as chamadas “multiplataformas” sustentadas por esses megagrupos empresariais e políticos. Esse aglutinamento de tecnologias e naturezas comunicacionais representam uma expansão e ampliação ainda mais intensa da possibilidade de mercantilização das mídias e do seu poder de alcance (MORAES, 2013).

McCombs e Shaw (1972), através da formulação da hipótese do agendamento, discutem sobre a definição de uma agenda midiática, onde a veiculação do conteúdo define o que é ou não um assunto relevante socialmente em determinado momento. Guareschi (2007; 2012) e Moraes (2016) também destacam a mídia enquanto definidora da agenda de discussões, colocando em pauta o que se deseja que esteja em evidência e excluindo dela os assuntos que se deseja ocultar da arena social.

Assim, a opinião pública acaba sendo direcionada a determinados temas, perspectivas e discussões. McCombs, em entrevista mais recente cedida a Junior, Procópio e Melo (2008), afirma que mesmo com a evolução dos meios tecnológicos e interativos, a lógica do agendamento segue atual, pois mesmo com a popularização da internet, do compartilhamento e das redes sociais, ainda elegemos fontes confiáveis. Sendo assim, os megagrupos exercem ainda forte influência através do capital simbólico acumulado que continua sendo construído e adaptado aos novos meios e tecnologias.

Podemos dizer então que a mídia, através das grandes e poderosas instituições – com destaque na atualidade para as multiplataformas – possui recursos tecnológicos, simbólicos e ideológicos que produzem efeitos na vida social, considerando que as nossas representações sobre a realidade apresentam como uma de suas mediações, a mídia. Nesse sentido, ao nos propormos analisar questões de ordem social, econômica, política, programática ou de qualquer outra natureza, pode ser importante que consideremos as nuances dos entrelaçamentos que são produzidos a partir da rede de influências da grande mídia (BOURDIEU, 1997; THOMPSON, 2002; MORAES, 2013).

Nesta direção, Gobbo (2016) reforça o elemento político e estatal para além da questão empresarial, quando constata que a grande mídia, através de instituições poderosas que monopolizam a indústria da comunicação, fazem do controle das informações um grande e lucrativo negócio, mas que a problemática não se resume a isso. Esse controle não é algo puramente empresarial, pois está estreitamente alinhado e articulado a outras instituições e setores com interesses ideológicos. Sendo assim, podemos citar a articulação com o setor estatal, já que a disseminação de valores ideológicos tais como o individualismo e a competitividade através da mídia também é algo que interessa ao Estado, visto que tais valores embasam a manutenção do modelo neoliberal de sociedade (MORAES, 2013).

Compreendemos ideologia, neste trabalho, com base nas reflexões de Thompson (2002) inspiradas no conceito de Marx e Engels (2007). Os autores conceituam ideologia como uma ferramenta de dominação da elite econômica e cultural, sendo um conjunto de ideias e representações que validam a manutenção de posições de poder ao mesmo tempo em que fornecem elementos de interpretação e justificação da realidade aos sujeitos explorados, evitando que estes se deem conta de sua condição e do papel que ocupam no emaranhado de relações sociais e econômicas. Nesse sentido, os produtos culturais, sendo carregados de conteúdo simbólico, podem ser importantes ferramentas para a disseminação de discursos ideológicos.

Para Bourdieu (1997), o conhecimento desses interesses ideológicos, econômicos, estatais e privados não são suficientes para se compreender o papel que a mídia, principalmente, através do jornalismo e da televisão, exerce na sociedade. É preciso ir além e desvelar os mecanismos que propiciam a manutenção da ordem simbólica, tais como as censuras invisíveis que ocultam, distorcem e simplificam os fatos de modo a entreter e criar consensos sem causar reflexão. Através desses recursos os discursos ideológicos vão sendo delineados, tomando forma. Em um processo de ocultar o que não é conveniente e mostrar o que se deseja fazer ver, a mídia é capaz de distrair os espectadores de temas, assuntos ou informações que causariam debate, revolta ou que ameaçam a ordem.

Esse fazer ver e ocultar a visão dos telespectadores com o que se mostra – “ocultar mostrando” - funciona como óculos que direcionam nossos modos de ver o mundo. As imagens e as palavras são recursos potentes nesse sentido. Se coloca em cena acontecimentos selecionados para serem exibidos de forma dramatizada, trágica e com a importância exagerada através de palavras e expressões extraordinárias. Dessa forma, se faz ver a exceção, a tornando banal. Cria-se uma espécie de comum que compõe um cotidiano aterrorizante, enquanto oculta-se a realidade ordinária, os problemas reais que não se deseja mostrar (BOURDIEU, 1997).

O autor considera então, que a televisão é agente de violência simbólica através desses mecanismos de manipulação da informação. Há de se considerar que ainda hoje a televisão exerce um monopólio sobre a construção das opiniões e subjetividades de grande parte da população. Quanto mais se desconhece sobre o processo de produção midiática, ou seja, os percursos pelos quais uma informação passa antes de chegar até o espectador, e quanto mais um canal ou comunicador acumula capital simbólico, mais facilmente esse conteúdo simbólico é assimilado e incorporado à nossa bagagem de opiniões e representações (BOURDIEU, 1997). Considerando o contexto atual das multiplataformas que integram a televisão e meios de diversas outras naturezas tecnológicas através da posse dos megagrupos (MORAES, 2013), a violência simbólica encontra ainda mais caminhos e possibilidades de disseminação.

Ao discutir a hegemonia midiática, Moraes (2016) em convergência com os apontamentos aqui discutidos, discorre sobre essa capacidade ideológica do sistema midiático e também se debruça sobre as estratégias e mecanismos de manipulação de informação. Segundo o autor, através da seleção de conteúdo, agendas e pautas, da definição de enfoques e vozes que devem ou não ser ouvidas, acaba se fixando sentidos e difundindo julgamentos sobre os fatos que se baseiam em ideias e princípios que estão de acordo com a manutenção de um projeto conservador de sociedade. Através desse processo, o intuito é unificar e homogeneizar as opiniões de modo a se criar consensos em torno de uma leitura de mundo que favorece a ordem econômica, política e social vigente.

Quando ideias antagônicas são apresentadas, essas aparecem de forma esvaziada, descontextualizada, simplificada e confusa, para que o público não compreenda, evitando o dissenso. Ou seja, enquanto é apresentada uma visão ideológica que é supostamente embasada, crível e compreensível dos fatos, é apresentada em contrapartida (quando é apresentada) uma visão oposta propositalmente de forma distorcida e descontextualizada para que não seja compreendida e aceita, evitando atritos entre interpretações dos fatos. Tudo o que foge ao consenso se torna especulativo e ilegítimo (MORAES, 2016).

Esse processo ideológico, passa claramente pela escolha semântica. As palavras e termos que são utilizados e citados são escolhidos e colocados de uma forma que possibilita desacreditar, ressignificar e até mesmo distorcer completamente o sentido de uma expressão. Isso tem uma série de consequências políticas e dá ainda mais corpo ao consenso. Isto é realizada por intermédio dos comunicadores escolhidos como as “vozes confiáveis”, a quem o público atribui credibilidade e identificação, ou como define Thompson (2002), capital simbólico (BOURDIEU, 1997; MORAES, 2016).

Dessa forma, o modo como as informações são produzidas, organizadas e difundidas, assim como os discursos disseminados através de tais informações, independente do conhecimento ou vontade popular, exerce intensa influência sobre os territórios, a política, a economia e nas vidas dos mais diversos grupos. Tendo isso em mente, é imprescindível compreender então que a informação no contexto midiático não se trata da simples transmissão do que existe ou do que aconteceu, mas sim que “ela produz o que se quer que exista” (GOBBO, 2016, p. 12). Moraes (2013, p. 16) conceitualiza e sintetiza a mídia através da comparação com a constituição de uma árvore:

Em seus galhos, abrigam-se os setores de informação e entretenimento. Cada galho se combina com os outros por intermédio de um fio condutor invisível – as tecnologias avançadas –, que termina por entrelaçar e lubrificar os demais em um circuito comum de elaboração, irradiação e comercialização de conteúdos, produtos e serviços. A árvore pertence a um reduzido número de corporações que se incumbem de fabricar volume convulsivo de dados, sons e imagens, em busca de incessante lucratividade em escala global. Essas corporações se estabelecem graças à potência planetarizada de seus canais, plataformas e suportes de comunicação digitais, que interligam, em tempo real e com velocidade inaudita, povos, sociedades, economias e culturas. A impressão é de que só alcançaremos sintonia com o que acontece a nossa volta se estivermos inseridos no raio de alcance desse sistema audiovisual de amplo espectro. Como se telas, monitores e ambientes virtuais condensassem dentro de si a vida social, as mentalidades, os processos culturais, os circuitos informativos, as cadeias produtivas, as transações financeiras, a arte, as pesquisas científicas, os padrões de sociabilidade, os modismos e as ações sociopolíticas. Trata-se de um poder desmaterializado, penetrante, invasivo, livre de resistências físicas e territoriais, expandindo seus tentáculos para muito além da televisão, do rádio, dos meios impressos e do cinema. Já se infiltrou em celulares, *tablets*, *smartphones*, *palmtops* e *notebooks*, telões digitais, *webcams*... Tudo parece depender do que vemos, ouvimos e lemos no irrefreável campo de transmissão midiática – em atualização contínua – para ser socialmente reconhecido, vivenciado, assimilado, recusado ou até mesmo esquecido.

Em suma, um conjunto de firmas, agências privadas ou estatais, que produzem e distribuem informações que informam e desinformam, sendo determinantes na forma como os sujeitos se sujeitam às condições de existência, como sentem, pensam e agem no mundo (GOBBO, 2016). Dessa forma, a junção de todos os fatores aqui expostos faz com que a mídia seja um setor de extrema importância na difusão de ideologias, que são produtoras de consensos.

Martín-Baró (1989), analisando o contexto da guerra de El Salvador, destaca o papel dos meios de comunicação sobre a opinião pública, sendo uma ferramenta útil do que o autor chama de guerra psicológica. Existe o elemento psicossocial dos conflitos, ou seja, é necessário

convencer as pessoas para justificar a manutenção dos conflitos e ganhar novos aliados. Nesse sentido, a mídia é produtora de um discurso que reforça a polarização, a simplificação dos fatos e a manufatura de uma “história oficial”, onde se edita o que se quer expor e documentar. Sendo assim, acaba exercendo forte impacto psicológico sobre as pessoas, a opinião pública e consecutivamente sobre a realidade política e social.

Guareschi (2012) discutindo sobre os impactos psicossociais da mídia e seus efeitos nas subjetividades destaca que hoje os veículos de comunicação se tratam de novos personagens dentro das nossas casas, com o qual estabelecemos contato. Através das relações nos constituímos, logo, nossas subjetividades são perpassadas por esses personagens que nos dizem o que existe e o que não existe através da definição da agenda de discussões sociais e que nos diz o que é bom e o que é ruim.

Esse, porém, não é um processo simples e passivo. Nossas subjetividades são atravessadas de modo complexo pela mediação midiática. O que se deve considerar então é que através dessa mediação, ainda que hoje supostamente mais interativa tecnologicamente, estabelece-se um direcionamento estratégico e valorativo do contato que teremos com as discussões sociais, além da natureza das pautas postas em evidência. Isso exerce um impacto psicológico inegável, devendo ser pensados em relação com os efeitos políticos, coletivos, sociais e econômicos. Enquanto seres coletivos, nos constituímos através das relações com o mundo, e a partir do momento em que essa interação passa a ser mediada, devemos nos atentar ao poder constitutivo e aos elementos que constroem essa mediação que exerce influência sobre nossas vidas (COIMBRA, 2001; GUARESCHI, 2012).

2.2 A MÍDIA HEGEMÔNICA NO BRASIL: O “CORONELISMO ELETRÔNICO”

Ao falarmos de mídia no contexto brasileiro, é necessário nos debruçarmos sobre algumas especificidades organizativas e políticas. Segundo Cabral (2016), o cenário midiático brasileiro pode ser definido através da área das comunicações e das telecomunicações. Uma abrange as mídias tradicionais e a outra as novas mídias, respectivamente. Quando o assunto é radiofusão - rádio e TV enquanto mídias tradicionais “é assustador detectar que somente seis conglomerados nacionais e cinco grupos regionais midiáticos, através de parcerias com grupos locais, atingem quase 100% do território brasileiro” (p. 51). A Rede Globo (Grupo Globo) destaca-se como o principal grupo em relação a cobertura territorial, exercendo inegável impacto político e econômico e se tornando o maior conglomerado comunicacional brasileiro. Destacam-se também no cenário nacional o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), a RecordTV

(Grupo Record), EBC (Empresa Brasil de Comunicação), Band (Grupo Bandeirantes de Comunicação) e a RedeTV.

Os seis maiores grupos midiáticos citados possuem emissoras de TV aberta, alcançando quase em plenitude os lares do país. Através de alianças com grupos internacionais, regionais e locais, essa expansão de alcance em transmissão territorial se torna cada vez mais rápida e facilitada. Estando mais próximos da realidade local e regional, onde as famílias de tradição política detêm as filiais das emissoras, esses megagrupos comunicacionais conseguem exercer influência ainda mais contundente. Ao identificar o perfil e as necessidades do público-alvo é possível criar uma programação adaptada e que gere lucro (CABRAL, 2016).

Ainda segundo Cabral (2016), no setor das telecomunicações, abrangendo operadoras que fornecem serviços de telefonia, internet e TV a cabo, o cenário não é muito diferente, já que seis outros grupos, esses com proprietários estrangeiros, dominam o ramo. São eles: Telefônica/Vivo/GVT; América Móvil BR; Oi; Tim; Nextel; e SKY. Dessa forma, podemos dizer que a mídia brasileira é organizada de forma extremamente concentrada, o que é, inclusive inconstitucional, já que existem períodos legais para a troca de concessões (BRASIL, 1988) e que essa troca é realizada entre os próprios membros dos grupos familiares para burlar as especificidades jurídicas. Sendo assim, a democratização e regulamentação da mídia brasileira se torna um assunto espinhoso, já que não é de interesse de tais grupos inserir na agenda midiática esse tipo de discussão.

Azevedo e Fernandes (2015) caracterizam dois fatores importantes para se compreender a mídia brasileira na atualidade, sendo eles a sua expansão de alcance e evolução, e sua concentração em poder dos que chamam de “donos da notícia”. Os autores destacam que a grande mídia sempre esteve concentrada nas mãos da iniciativa privada, propriedade que foi garantida e é mantida até os dias de hoje pelo Estado. Afirmam então que a junção dos aspectos de desenvolvimento das tecnologias e da posse privada/estatal torna a mídia detentora de uma grande autonomia e poder social atualmente. Assim, concluem que a transmissão de informação tem longo alcance, e não é desprezada de opiniões, significações e discursos – mesmo que, em alguns casos, estes sejam discursos de ódio.

Sobre a hegemonia midiática brasileira, Rizzotto (2012) destaca através de uma análise histórica, o caráter industrial que a mídia tomou quando passa a ser compreendida como uma possibilidade de negócio o poder de transmissão de informações e disseminação massiva de padrões de comportamento. Porém, essa disseminação é travestida por um viés de neutralidade e imparcialidade, ocultando os inúmeros interesses envolvidos.

Na mesma direção, Santos e Aires (2017), em um livro que discute as relações entre mídia, estado, política e relações familiares no Brasil, elucidam aspectos importantes para que se compreenda de forma mais clara tais articulações. Segundo as autoras, se dedicar ao estudo sobre as estruturas comunicacionais e sua difusão no país é algo muito complicado. Isso, pelos registros fragmentados e imprecisos que culminam na ausência de trabalhos no campo da comunicação que consigam analisar o campo da radiofusão brasileira em suas complexas e nebulosas relações informais e coronelistas.

As autoras ainda ressaltam que a partir de um olhar minimamente cuidadoso, é possível perceber que quando se analisa o sistema comunicacional do país, se está analisando um sistema político. Nesse sentido, apontam que existem algumas especificidades midiáticas nacionais a serem consideradas. A primeira delas é que grande parcela da mídia é dependente do Estado através de concessões, verbas e isenções fiscais, o que impacta no conteúdo das pautas, que direta ou indiretamente é controlado pelos interesses estatais. Apesar disso, vende-se uma imagem ligada a uma natureza puramente comercial e privada, desprendida de qualquer outra influência (SANTOS; AIRES, 2017).

Essa relação clientelista com o Estado elucidada a presença e a importância da publicidade e propaganda política e estatal no cenário midiático brasileiro. As pautas nada despretensiosas foram assunto recorrente nos depoimentos de jornalistas através das entrevistas realizadas pelas autoras em sua pesquisa. Existe uma nítida relação entre a natureza da condução do conteúdo veiculado e as figuras envolvidas na aquisição de verbas (SANTOS; AIRES, 2017).

A segunda questão abordada pelas autoras na caracterização do cenário midiático nacional diz respeito à centralidade da televisão aberta: no Brasil, o veículo mais consumido e mais presente nas casas, mesmo com a explosão da internet e das redes sociais, ainda é a televisão. Por último, afirmam que é essencial ter conhecimento do que está por trás da lógica midiática - essencialmente televisiva - que reproduz os interesses e posições das elites brasileiras. Através de uma espécie de “coronelismo eletrônico”, algumas famílias de grupos políticos tradicionais detêm o poder e a posse dos meios comunicacionais. Isso produz uma espécie de ciclo coronelista de poder, onde a própria elite (que detém posses, poder político e os veículos de radiofusão) trabalha na manutenção dos seus privilégios (SANTOS; AIRES, 2017).

Ao trazer a discussão sobre o coronelismo eletrônico, Lima (2011) utiliza como analogia o coronelismo, sistema de controle político onde os coronéis tinham em mãos a posse das terras e o poder político local dos municípios. Esse poder era mantido através da troca de favores e relações com os estados e a União, tendo o voto de cabresto como principal moeda de troca.

Dessa forma, o Estado exercia a manutenção dos interesses políticos e posições através dos coronéis, que por sua vez controlavam politicamente e territorialmente a população local.

Santos e Aires (2017, p. 29), nessa direção afirmam que “a tradição histórica patrimonial-escravocrata e patriarcal da sociedade brasileira tem laços estreitos com o cenário midiático nacional. A base familiar das empresas e a propriedade de terras por radiofusores são tônicas de parcela relevante dos meios de comunicação”. Assim, reforçam que a maior parte dos veículos comunicacionais no contexto brasileiro servem de forma a validar poderes políticos locais e manter privilégios, dos ricos “coronéis contemporâneos” dos pequenos municípios e suas famílias.

Na tentativa de definir o coronelismo eletrônico, Lima (2011) descreve o fenômeno como uma prática brasileira do final do século XX que se baseia na outorga de exploração dos serviços públicos de radiofusão fornecida pela União a empresas privadas através das concessões. Portanto, estando em mãos dos novos coronéis – famílias com tradição política que detém tais empresas privadas -, a mídia brasileira é capaz de criar consensos, induzindo a opiniões políticas e determinadas visões sobre a realidade. Sendo assim, a moeda de troca continua sendo o voto, porém agora embasado no controle da comunicação, e não da posse de terras. Os coronéis eletrônicos seguem controlando a população local, porém agora ideologicamente, e como barganha, recebem da União as renovações das concessões que geram lucro e poder (LIMA, 2011).

Segundo a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), os serviços de comunicação são públicos. Teoricamente e juridicamente a mídia aberta brasileira pertence ao povo e não a determinadas empresas, organizações ou famílias. As concessões funcionariam como uma permissão temporária cedida para que esses meios de comunicação sejam conduzidos e ocupados por alguém. Na prática, o que acontece é que as concessões seguem sendo renovadas e outorgadas para pessoas do mesmo grupo, o que acaba descaracterizando sua natureza pública.

Guareschi (2012, p.87) discute os impactos desse imbróglio jurídico: “Tal absurdo só é comparável a uma situação em que alguém detém o serviço de telefonia, que é um serviço público, e só ele pode telefonar; ou alguém que detém a concessão de uma estrada, mas só ele se permite andar nela”. Segundo o autor, através dessa tradição brasileira de burlar as normas sobre comunicação pública, os direitos humanos à informação e à comunicação são violados todos os dias. Violações essas que a população, de forma mais geral, nem sabe que acontece porque não faz parte da agenda midiática de discussões de interesse para a manutenção da

ordem. Nosso contato com o mundo tem sido cada vez mais mediado pela mídia, e se algo não é veiculado, boa parte da população nem sabe da sua existência.

Outra peculiaridade jurídica que pode ser citada é o artigo 38 do Código Brasileiro das Telecomunicações (BRASIL, 1962) que decreta o impedimento do exercício de gerenciamento ou direção de grupos de rádio e TV por parte dos que possuem imunidade parlamentar. Desde sua aprovação, em 1962, essa norma vem sendo burlada. Segundo Lima (2011), durante o período da ditadura militar, principalmente nos últimos governos autoritários, diversas concessões de canais de rádio e TV foram cedidas a políticos, o que foi delineando o cenário midiático coronelista que existe ainda hoje.

Nesse sentido, a realidade da democratização das mídias no Brasil se torna um tema delicado, complexo e distante. Um exemplo concreto do controle da manutenção da centralidade comunicacional no país é o fechamento das rádios comunitárias. Existe um cenário considerável de rádios comunitárias não legalizadas espalhadas pelo país, porém existe pressão sobre o judiciário para que a regulamentação não aconteça e que essas rádios sejam desativadas e seus idealizadores punidos. Dessa forma, a centralização midiática segue sendo cuidadosamente mantida em uma espécie de ciclo controlado pelo Estado, pelas empresas e seus novos coronéis (LIMA, 2011; CABRAL, 2016).

Leal Filho (2018) aposta nas novas tecnologias proporcionadas pela internet como instrumentos essenciais de contra-hegemonia e no movimento de democratização das mídias. O autor acredita que a internet, através da possibilidade de compartilhamento de conteúdo de diferentes naturezas, é capaz de promover a quebra de determinados consensos que a televisão, por exemplo, trabalha para disseminar. Como exemplos de parcialidade através de mecanismos linguísticos implícitos, são citadas as coberturas televisivas de eventos esportivos de grande porte e das eleições.

Sendo assim, conforme apontado por Santos e Aires (2017), a televisão exerce um papel de destaque no cenário midiático nacional, se caracterizando como o principal veículo na execução do controle e hegemonia. Um meio de comunicação que se caracteriza pela quase ausência de interatividade, por amplos recursos audiovisuais, alto alcance territorial e tradição é um potente disseminador de discursos, ideias e consensos (BOURDIEU, 1997; THOMPSON, 2002; MORAES, 2016). Considerando que a internet ainda é uma ferramenta em ascensão, esse aspecto de mediação quase unilateral entre o conteúdo e o receptor ainda é uma característica básica da mídia hegemônica – essencialmente televisiva. As residências fixas brasileiras em quase sua totalidade possuem uma TV com conexão à programação aberta,

enquanto o acesso à internet – setor que conforme mencionando anteriormente, também vem sendo apropriado por grupos hegemônicos - ainda possui algumas barreiras (IBGE, 2018).

A última Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2016) demonstra com clareza esse panorama de centralidade da TV e ascensão da internet através dos dados levantados. A grande maioria dos brasileiros disse recorrer à televisão quando o objetivo é se informar e saber das notícias (89%). Atrás da TV aparece a internet com a porcentagem de 49%. O tempo médio de consumo televisivo é de três horas e 21 minutos por dia, aumentando 18 minutos nos dias do final de semana. Outro aspecto importante a ser considerado é de que o percentual de confiança nas notícias veiculadas pela mídia tradicional, principalmente pela televisão, ainda é muito superior ao percentual de confiança nas notícias da internet. Sendo assim, a mídia televisiva brasileira ainda é amplamente detentora do que Thompson (2002) denomina como capital simbólico.

Um elemento importante no campo da construção ideológica dos discursos televisivos brasileiros é o aspecto religioso. Segundo Santos e Aires (2017), a religião sempre teve seu espaço reservado na mídia nacional desde a década de 1940. A princípio, a veiculação de programas religiosos era realizada principalmente através das emissoras de rádio católicas com a intenção de evangelizar e educar a população analfabeta. Atualmente a presença católica na televisão se consolidou principalmente através da “Santa Missa” exibida pela Rede Globo. A tradição evangélica também foi ganhando espaço, sendo marcada pela tradição da bênção do copo com água iniciada na rádio e na televisão por Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus em 1978.

Gradualmente os programas religiosos foram ganhando mais espaço na televisão e isso se tornou uma espécie de consequência que reflete a centralização midiática nacional e sua amplitude de poder ideológico. Um exemplo da proporção da influência religiosa exercida hoje pelos donos de emissoras é a compra da Record pela Igreja Universal do Reino de Deus (CABRAL, 2016). Santos e Aires (2017) destacam que a presença de conteúdo religioso na emissora não é mais apenas direcionada a programas específicos como acontecia no “Fala que eu te escuto” durante as madrugadas, mas agora invade também a programação jornalística da emissora. As diversas inserções diárias de figuras religiosas em programas regulares tais como “Balanço Geral” e “Cidade Alerta” para realizar uma oração e a bênção do copo com água já se tornou uma tradição.

Dessa forma, a mídia brasileira se sustenta nos pilares de centralização de posse, da moralidade, da família e da política de cunho conservador. Assim, forma-se um ciclo onde Estado e empresários (os novos coronéis) amparam ideologicamente um sistema de privilégios

que reflete e embasa as relações e medidas políticas e sociais adotadas e mantidas no país (LIMA, 2011; CABRAL, 2016; SANTOS; AIRES, 2017). Essa disseminação hegemônica de ideias caras à manutenção da ordem simbólica, moral e política passa pelas mais diversas estratégias e mecanismos discutidos por McCombs e Shaw (1972), Bourdieu (1997), Thompson (2002) e Moraes (2013; 2016) tais como a definição da agenda de discussão, a ocultação/espetacularização de informações e acontecimentos e distorção de termos.

Mendes (2017) ainda destaca que essas estratégias e técnicas criam conexões, desconexões, cortes, inversões, destaques e edições que não são imparciais. Cria-se cenários, contextos e realidades, muitas vezes sensacionalistas, que adaptam a construção da informação aos interesses ideológicos. A junção dos fatores aqui expostos, portanto, fazem com que a mídia nacional seja um setor de extrema importância na produção e difusão de consensos.

Como já sabemos, a televisão protagoniza o cenário brasileiro e faz parte das nossas realidades, mediando nossas conexões com o mundo, com as informações, e constituindo as nossas subjetividades. Em nossas casas nos relacionamos então com esse personagem – televisão – que “é o único, praticamente, que fala; estabelece com os interlocutores uma comunicação vertical, de cima para baixo; não faz perguntas, apenas dá respostas etc. Já imaginaram o poder de tal personagem?” (GUARESCHI, 2012, p.84).

Portanto, é essencial se ter em mente o caráter midiático de produção de subjetividades. O principal a ser ressaltado é a capacidade midiática de sintetizar, organizar, hierarquizar e ordenar os fatos, além de pertencer a poucos grupos e indivíduos que possuem poder sobre esse segmento. É inegável a forte influência midiática na opinião pública, na forma de interpretar e significar o mundo, podendo forjar opiniões dominantes e amplamente disseminadas (COIMBRA, 2001). Sendo assim, cabe discutirmos sobre os processos que contribuem para que estejamos, majoritariamente, aderidos subjetivamente a esses discursos criminalizantes difundidos pela mídia.

2.3 A JUVENTUDE NA MÍDIA: CRIMINALIZAÇÃO E “ADESÃO SUBJETIVA À BARBÁRIE”

A partir do exposto até aqui, partimos do pressuposto de que a mídia exerce um forte impacto sobre as nossas subjetividades e que possui o poder de definir os assuntos sociais que se destacarão e estarão em evidência, principalmente através da televisão (MARTÍN-BARÓ, 1989; BOURDIEU, 1997; THOMPSON, 2002; GUARESCHI, 2012; MORAES, 2016). Podemos pensar então na grande presença de representações jornalísticas de episódios

criminosos envolvendo jovens pobres enquanto autores. A presença massiva dessas pautas aponta uma suposta crise de segurança pública em que a juventude pobre é apresentada como o grupo responsável. Sendo assim, esses jovens historicamente e estruturalmente marginalizados acabam sendo compreendidos como perigosos, criminosos e insuficientemente penalizados (FERREIRA et al., 2009; CASSAB et al., 2016). É pertinente observar que os dados mostram que esse é justamente o público mais afetado pela violência no país de forma crescente e seletiva (BRASIL, 2017; IPEA, FBSP, 2018).

Para iniciarmos a discussão, devemos destacar que há inegavelmente uma utilidade sistêmica em apontar esses jovens como responsáveis pela “crise de segurança pública” instaurada no país, e que nesse sentido, a mídia é um setor imprescindível na reprodução ideológica de um senso simplista e violento. Dessa forma, devemos pensar nos mecanismos utilizados para que a população reproduza esse discurso. Trata-se de desvelar o que Freire (2014, p. 57) chama de “manufatura do consenso”, que produz “modos hegemônicos de ser e de existir no mundo, na contemporaneidade”.

Nesse sentido, o que se questiona é o que faz com que estejamos aderidos a uma lógica truculenta, punitivista, violenta e militarizada que ignora as problemáticas sociais e seleciona os vilões. O que faz com que acreditemos que esses jovens pobres, devem ser inteiramente marginalizados, culpabilizados, agredidos, encarcerados e eliminados, como se tais medidas pudessem solucionar toda a questão da violência urbana? A mídia (embebida por interesses político-estatais), principalmente através do “jornalismo policial” televisivo tem papel essencial nesse processo, disseminando discursos que embasam, naturalizam e justificam medidas que reproduzem a barbárie expressa pelas estatísticas dos jovens mortos no Brasil (BATISTA, 2011; FREIRE, 2014; SÁ MARTINO, 2014).

Martín-Baró (1989) nos dá algumas direções ao analisar o papel dos meios de comunicação na guerra de El Salvador. O autor aponta sobre a capacidade midiática de polarização é extremamente necessária se pensarmos na guerra psicológica que precisa embasar os conflitos físicos e bélicos em si. É preciso que as pessoas sejam levadas a assumir posições, que sejam convencidas. Sendo assim, definir o “mal” e o “bem” são estratégias centrais, possibilitadas pelo poder de construção de realidades e perspectivas que a mídia exerce sobre nós.

Segundo Zaffaroni (2012), a criminologia midiática, que elege o grupo dos jovens pobres como vilões, os bodes expiatórios das mazelas sociais, tem na televisão o seu principal meio técnico. Cria-se, através das imagens e do discurso, uma realidade onde existem as “pessoas decentes”, atualmente conhecidas como “cidadãos de bem”, e os “maus”, os

criminosos que são identificados através de estereótipos – no caso dos jovens de periferia, os símbolos culturais como o jeito de se vestir, de andar, de falar, e até mesmo o gosto musical (principalmente representado pelo funk) se tornam signos atrelados a criminalidade.

Existem então “nós” e “eles”. “Eles” são representados como pessoas sujas, imorais, como os que perturbam o “nosso” sossego, que nos impedem de circular em paz, que nos obrigam a encher as casas de muros e cadeados. Para que esses problemas se resolvam, a solução apontada passa por políticas mais duras, por uma proteção policial mais truculenta ou qualquer outra alternativa que separe ou elimine “eles” de “nós” (ZAFFARONI, 2012).

O *eles* não é composto de delinquentes, não se trata do conjunto relativamente pequeno de criminosos violentos, mas do conjunto muito mais amplo de estereotipados que não cometeram qualquer delito e que nunca hão de cometer. Para tanto, a criminologia midiática joga com imagens, selecionando as que mostram os poucos estereotipados que delinquem e em seguida os que não cometeram crimes ou que só incorreram em infrações menores, mas *são parecidos*. Não é necessário verbalizar para comunicar que a qualquer momento os *parecidos* farão o mesmo que o criminoso. [...] A mensagem é que o adolescente de um bairro precário que fuma maconha ou toma cerveja em uma esquina, amanhã fará o mesmo que o *parecido* que matou uma velhinha na saída de um banco e, portanto, é preciso isolar a sociedade de todos *eles* (ZAFFARONI, 2012, p. 307).

Dessa forma, é construído um clima de medo e de terror protagonizado pelo jovem pobre, que aparece como o grande e praticamente único responsável. Mendes (2017) ao analisar um telejornal policial local, explicita uma série de elementos utilizados na construção visual e discursiva do programa que é comum a vários outros do gênero que todos os dias são assistidos pelos brasileiros na TV aberta. Um dos elementos, muito comum aos telejornais policiais, é que os apresentadores não se limitam a repassar os fatos, mas opinam e se expressam de forma inflamada sobre o que é exibido, sempre ressaltando a importância da existência do programa para julgar os acontecimentos diante a suposta ineficiência do sistema judiciário. Sendo assim, o programa aparece como um substituto simbólico à justiça.

Além disso, através da trilha sonora de suspense, do tom de revolta do apresentador, das cores da vinheta de abertura, da escolha de exibição de crimes cometidos por jovens pobres e sua espetacularização, é criado um clima de tensão e medo. Outra estratégia utilizada diz respeito a verbalização: são utilizados termos comumente associados ao julgamento e descredibilização, tais como “não adianta” ou “isso é pura conversa”. Frequentemente, os telespectadores e a própria equipe do programa são questionados diretamente pelo apresentador

quanto aos pontos de vista expressados por ele, como se tratasse de uma obviedade (MENDES, 2017).

Zaffaroni (2012), na mesma direção, explicita o uso de um vocabulário bélico pelos apresentadores, desumanizando o jovem em questão e o tratando como “drogado” ou “vagabundo”. Somado a isso, é comum que sejam exibidas imagens do sofrimento dos familiares da vítima no sentido de mobilizar sentimentalmente o público. Nesse momento, explora-se o momento de dor para direcionar perguntas que apontarão para o desejo de uma resposta rápida e direta do sistema judiciário. O apresentador então, diante de todo o clima de sofrimento, clama por mais repressão e punitivismo do Estado. É comum que os apresentadores sejam pessoas de origem popular, criando um vínculo de identificação e confiança com o telespectador.

O Estado e as elites formadas pelos “coronéis contemporâneos”, através da mídia e suas relações políticas, utilizando principalmente dos telejornais policiais, criam um clima de medo e ameaça constante, bombardeando a audiência com representações que apontam os jovens pobres como grandes culpados. Com as “vozes confiáveis” dos apresentadores populares em seus discursos inflamados, se clama por punição, e medidas repressivas imediatas como solução do problema (FREIRE, 2014; SANTOS; AIRES, 2017; MENDES, 2018).

A seleção da pauta em si, da escola das reportagens a serem exibidas, as palavras a serem ditas e a forma como serão expressas não acontecem por acaso. São escolhas ideologicamente direcionadas para a construção de um discurso teatral que reforça e exagera a ideia dos jovens como vilões, e que ignora, simplifica e descredibiliza qualquer argumento que tente apontar para uma discussão mais contextualizada e complexa (BOURDIEU, 1997; MORAES, 2016). Assim, não há espaço para discussões que humanizem ou historicizem esses jovens ou apontem para outros caminhos mais críticos ou estruturais de interpretação. Muito pelo contrário, se despersonaliza e desumaniza o sujeito. Isso pode ser claramente representado pela negação e criminalização dos direitos humanos, expressa por frases disseminadas fortemente através da mídia, tais como “direitos humanos para humanos direitos” (FREIRE, 2014).

Martín-Baró (2017) aponta que demonizar, descredibilizar e desumanizar as pessoas são recursos psicológicos que possibilitam e de certa forma autorizam a aplicação de violência sobre elas. Dessa forma, fazendo com que os jovens sejam enxergados como os grandes vilões frios, loucos e atribuir a culpa sobre eles individualmente, pode se configurar como uma estratégia funcional para justificar e contar com o apoio popular para medidas de repressão, violência e extermínio. Medidas essas que contribuem no controle da gestão da pobreza, mantém os privilégios das elites, sendo extremamente importantes na manutenção da

credibilidade do Estado e sua lógica neoliberal (ZAFFARONI, 2012; FREIRE, 2014; SILVA, 2019).

Acabamos então, segundo Freire (2014), por naturalizar a barbárie que vitimiza esses jovens todos os dias. Para a autora, barbárie e capitalismo estão estreitamente relacionados. O paradigma bélico de segurança pública seria então um processo de construção político no sentido de gerir as consequências das desigualdades e violências produzidas pelo capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a mídia é uma ferramenta ideológica indispensável para que esse projeto de sociedade se mantenha forte através do consentimento popular.

Diante de um sistema político e econômico neoliberal que produz uma realidade extremamente desigual, é funcional para o Estado individualizar a culpa pelas mazelas sociais, criar uma lógica de ascensão social por merecimento e apontar um grupo - os jovens de periferia como culpados pela “crise de violência urbana”. Nesse sentido, “à medida, portanto, que organiza as visões dos múltiplos fluxos dos acontecimentos, a mídia constrói consensos invisíveis através da produção de subjetivações que forjam existências” (FREIRE, 2014, p. 70).

3 A CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE E O DISCURSO MUDIÁTICO

Neste capítulo discutiremos de forma um pouco mais detalhada a relação que se estabelece entre o processo de criminalização da juventude e o discurso midiático. Para debatermos sobre essa relação, primeiramente será apresentada uma breve conceitualização sobre a perspectiva de juventude aqui adotada, para então desenvolvermos uma discussão sobre essa relação entre criminalização e mídia, contando com as contribuições da área criminologia crítica.

3.1 JUVENTUDES: OS JOVENS COMO SUJEITOS DE SUAS HISTÓRIAS

Antes de entrarmos especificamente na questão da criminalização da juventude, é necessário que façamos algumas delimitações sobre o conceito de juventude e a perspectiva que aqui adotaremos. Buscamos romper com a lógica biomédica/biologicista e com qualquer possibilidade de generalização de outras naturezas, considerando os jovens enquanto seres plurais, sujeitos que se produzem a partir de suas histórias e suas condições de existência, ao mesmo tempo que interferem na constituição do mundo à sua volta (CASTRO; MATTOS, 2009; ABRAMOVAY; CASTRO, 2015; GROppo, 2016).

Existem diversas maneiras de se ser jovem e de se vivenciar a juventude em nossa realidade social. Isso depende diretamente, além de diversos outros fatos, dos territórios em que se está inserido, da cultura, da micro e macropolítica, das relações de raça/etnia, gênero e sexualidade, religião e renda (ABRAMOVAY, CASTRO, 2015; GROppo, 2016). É possível encontrar na literatura inúmeras concepções culturais e históricas que são frutos de diferentes contextos que embasaram/embasam os papéis desempenhados pelos jovens ao longo do tempo. Sendo a juventude uma condição social que está sempre se modificando e se construindo de acordo com diferentes contextos históricos, políticos, econômicos e sociais, nessa perspectiva, é utilizado o termo “juventudes”, que simboliza a pluralidade das formas de se vivenciar tal condição (SOUZA; PAIVA, 2012; AMORIM, 2013).

O termo em questão não reflete a negação de fatores gerais comuns aos jovens, mas a relevância de se compreender e ponderar os sistemas identitários que fazem parte do universo de cada um. É necessário, portanto, que se considere e se dê a devida importância às questões geracionais, políticas, contextuais, fatores históricos, assim como as demais situações e marcadores sociais que condicionam sua existência (ABRAMOVAY; CASTRO, 2015; GROppo, 2016).

Ao longo da história, as discussões sobre a juventude em distintos campos do conhecimento se resumiram às perspectivas reducionistas que não consideravam a complexidade e as especificidades das realidades que refletem e são refletidas por esses sujeitos. Ou o jovem é considerado como perigoso, problemático, rebelde e desviante, ou é compreendido através de uma ótica desenvolvimentista homogênea de transição através de etapas – a ideia de “adolescência” (CASTRO, AQUINO, ANDRADE, 2009).

Iulianelli e Fraga (2013) apontam a ideia de juventude como acúmulo de experiência, como processo de afirmação de suas condições humanas, familiares, afetivas, identitárias, entre outras, não se reduzindo a uma faixa de idade. Essas condições construídas na juventude são atravessadas por questões socioeconômicas, sendo assim, a renda, o contexto territorial e político exercem forte impacto sobre o jovem e suas relações.

Conforme mencionado anteriormente, Costa (2019) evidencia a importância de situarmos os jovens enquanto sujeitos históricos e políticos nessa discussão. A autora ressalta como os estereótipos relacionados às representações que disseminamos sobre a juventude, especialmente sobre os jovens pobres, exercem influência sobre a realidade de violência e criminalização em que são inseridos:

A violência simbólica sofrida pelos jovens relaciona-se diretamente com a generalização de suas identidades e a padronização de suas condutas. A partir de estigmas imputados a jovens da periferia, constituem-se maniqueísmos que acabam por justificar menor credibilidade em relação aos adolescentes das classes populares (COSTA, 2019, p. 25).

Dessa forma, compreendendo que os jovens não devem ser resumidos através de um olhar puramente biologicista que os reduz a um “vir a ser”, mas sim como sujeitos sociais marcados inscritos em um tempo histórico (CASTRO; MATTOS, 2009), é importante nos atentarmos a essas diversas nuances das juventudes brasileiras. Nesse sentido a violência, a pobreza e a criminalização merecem atenção na medida em que fazem parte da história do país, da organização política e social de forma estrutural e se configura como uma condição de grande parcela da população jovem em nossa realidade.

3.2 A CONSTRUÇÃO DO “JOVEM BANDIDO”: UM PANORAMA A PARTIR DA CRIMINOLOGIA CRÍTICA

A partir do exposto até aqui, é possível dizer que a mídia, através de diversos recursos simbólicos, econômicos e tecnológicos, embasa e reforça a lógica da criminalização dos jovens,

exercendo impactos sobre nossas subjetividades e contribui para forjar um clima de medo e terror, que naturaliza ações de extermínio e encarceramento em massa, especialmente da juventude pobre e negra. Nos cabe então discutir sobre as raízes da criminalização desse grupo e suas razões sociais (COIMBRA, 2001; ZAFFARONI, 2012).

A construção dessa realidade bélica onde, majoritariamente e hegemonicamente um grupo é apontado como perigoso e responsável pela violência urbana tem então razões, interesses e raízes históricas. Segundo Silva (2019), apesar de parecerem coisas desconexas inicialmente, as condições estruturais e o ato criminoso “individual” possuem relações íntimas que precisam ser discutidas de forma cuidadosa. Na tentativa de uma compreensão de toda essa complexidade que constitui a criminalização da juventude pobre, a vertente da criminologia crítica – enquanto corrente que analisa a criminologia de forma historicizada, contextualizada e crítica - representa uma imensa contribuição, assim como o conhecimento da relação do Estado com esses jovens ao longo da história (BARATTA, 2011).

Iniciaremos essa discussão traçando um breve panorama sobre o papel da criminologia e da penalização ao longo da história. Rusche e Kichheimer (1999) se debruçam historicamente sobre o sistema penal enquanto ferramenta de dominação, apontando as raízes globais da construção de um direito preocupado com a proteção da propriedade privada. Durante a transição do capitalismo, ocorrida a partir do século XV, a mão de obra dos trabalhadores passa a ser abundante e ultrapassa a demanda, fazendo com que os desempregados, popularmente conhecidos como “vagabundos” comecem a aparecer pelas cidades. O capital passa então a se tornar o centro das relações econômicas enquanto o empobrecimento da população salta aos olhos através dos que vagam pelas ruas. Quanto mais pobres espalhados pela cidade, maior a necessidade burguesa de proteger sua propriedade com punições cada vez mais severas, envolvendo mutilações e execuções. Nesse sentido, o direito aparece como uma ferramenta essencial de controle e extermínio daqueles em condição de pobreza.

Já no século XVI, diante a uma realidade mercantilista de crescimento demográfico e escassez de mão de obra, o direito aparece novamente como uma possibilidade de controle, com a criminalização dos desempregados. Havia ameaça de punição e encarceramento aos trabalhadores que abandonassem seus postos sob péssimas condições de trabalho. No século XVII, podemos observar o surgimento da premissa do sistema carcerário atual: passa-se a perceber a utilidade da força de trabalho dos encarcerados, explorando-a. Esse aspecto foi algo decisivo para que o direito penal e a formalização das penas de desenvolvesse a partir no século XVII. A pena de morte passa a ser substituída pelo confinamento em instituições lucrativas que “qualificavam” os presos para o trabalho. A pena de morte não era mais útil e gerava um terror

que poderia mobilizar a revolução social, ameaçando a propriedade. A prisão, a pena e a criminalização da pobreza se tornam um negócio (RUSCHE, KICHHEIMER, 1999).

Com essa formalização do direito penal, algumas ideias como a de proporcionalidade da pena de acordo com a gravidade do delito são inauguradas. Com a industrialização, o controle social passa a ser exercido pelo mercado através da concretização e exploração do exército industrial de reserva e os baixíssimos salários. As prisões se concretizam como principal ferramenta penal durante os séculos XVIII e XIX, quando os ataques contra a propriedade aumentam a necessidade de punições mais severas, dessa vez substituídas pelo recurso liberal do encarceramento, embasado em uma lógica positivista. Isso resulta na superlotação e militarização das prisões. O trabalho no cárcere agora já é considerado uma ameaça ao mercado competitivo, sendo convertido a instrumento de tortura e disciplinarização (RUSCHE, KICHHEIMER, 1999; BATISTA, 2009).

Nesse mesmo período, ao fim do século XIX, tratando mais especificamente do contexto brasileiro, as medidas institucionais de controle, tutela, repressão e disciplinarização dos jovens pobres, que fizeram e fazem parte da construção das representações dessa juventude até hoje fortemente disseminadas se iniciam em um contexto de migração populacional para as cidades e desemprego com o fim da escravidão. O “menor” (criança e jovem pobre) passa a figurar como preocupação ao Estado, visto que estaria se tornando um mal social crescente que precisava de disciplina e controle, mesmo que através de práticas violentas (AMORIM, 2013; SOUZA; PAIVA, 2012).

Segundo Amorim (2013), nesse período são inaugurados então os abrigos para “acolher” esses “menores” que eram considerados como abandonados ou delinquentes. A partir disso, a política de institucionalização da juventude pobre passa a ser prática corriqueira e cada vez mais forte no Brasil, com a criação de órgãos especializados na “problemática” contando com a validação da Psicologia através de seu aparato técnico de classificação e rotulação desses jovens. Isso em contraste ao discurso inflado de esperança e grandes expectativas que permeava a realidade das crianças e jovens da elite.

Esse movimento de controle, aprisionamento e rotulação da juventude pobre está então fortemente entrelaçado ao desenvolvimento das ciências criminológicas, já que nesse mesmo século a criminologia se fortalece enquanto saber autônomo, embasado por uma lógica positivista, médica e ensimesmada na busca da manutenção das desigualdades frente ao perigo da noção iluminista de igualdade. A causa do crime passa a ser reduzida à figura do seu autor. Afinal, se os pobres são a maioria dos encarcerados, a tendência ao crime está na natureza da pobreza. Os pobres passam então a ser biologicamente “criminalizáveis”, necessitando de

medidas de controle mais acirradas e punições cada vez mais longas e severas (RUSCHE, KICHHEIMER, 1999).

Ao final do século XX o cenário mundial era de um aumento alarmante dos contextos de pobreza, miséria e disparidade social por conta da ascensão da lógica de mercado e domínio do capital. Eram necessárias então cada vez mais estratégias de criminalização e controle social para que fosse possível conter essa massa desprovida de direitos, acesso a políticas e possibilidades. Era preciso garantir a manutenção da “harmonia/hierarquia social” através de um ainda maior endurecimento das penas e aumento dos encarceramentos. No Brasil, a esse processo, somam-se principalmente as heranças da escravidão (racismo), da sangrenta colonização e seus moldes de funcionamento político (BATISTA, 2011).

Sendo assim, através do acirramento da lógica liberal de acúmulo do capital e mais tarde o neoliberalismo cada vez mais presente no Estado brasileiro, principalmente a partir da década de 90 do século XX, assim como no cenário mundial, a pobreza e a miséria passam a alcançar novas dimensões. O consumismo, a segregação e hierarquização econômica e social, a presença da influência das mídias hegemônicas no âmbito privado (massificando a “opinião” popular através da disseminação de discursos ideológicos de interesse das elites) e a precarização das políticas sociais em face ao investimento massivo em medidas de encarceramento e tutela fizeram parte do que historicamente produziu e produz a realidade contemporânea (BARROS; MOREIRA; DUARTE, 2008; SOUZA; PAIVA, 2012).

Através da lógica que embasa o processo de criminalização da pobreza, principalmente dos jovens pobres, é possível perceber como a noção de crime, criminoso, e o campo da criminologia em geral, tratam-se de dispositivos socialmente construídos historicamente a serviço da manutenção da ordem econômica e política de interesse das elites, consecutivamente operando em favor da manutenção da estrutura de classes vigente. Ao contrário do que se pode entender a partir de uma análise superficial, a ideia de crime não é de base ontológica “que teria aparecido na natureza como os peixes, os abacates e as esmeraldas” (BATISTA, 2011, p. 21).

Através de um modelo de sociedade que preza cada vez mais pela concorrência e ascensão econômica mundialmente, problemáticas sociais tais como a pobreza são concebidas como sendo problemas individuais que passam pela moral, pelo mérito e planejamento familiar. Ignora-se a origem histórica e estrutural de exploração que resultou na realidade de pauperização (MONTAÑO, 2012).

Instaura-se um ciclo da criminalização de problemas de origem social, uma espécie de guerra que para Flores (2016), tem contornos institucionais de controle social e racial. Isso se reflete de forma mais ou menos oculta nas ações estatais militarizadas que exercem esse

controle punindo jovens que estejam ou não relacionados ao crime. Para embasar essas medidas bélicas e de encarceramento, o tráfico aparece como principal ferramenta. Com nossa legislação ambígua quanto à identificação do usuário e do traficante de drogas, e o cenário midiático de “guerra às drogas” protagonizado pelos jovens das periferias que causa alarde e pânico popular, os precedentes para justificar o caráter repressor das intervenções sobre os jovens pobres e negros estão garantidos (COSTA, 2019).

Essa é uma questão explorada por Batista (2009), em uma análise sobre a realidade de criminalização da juventude no Rio de Janeiro através das drogas a partir dos processos arquivados no Juizado de Menores de 1968 até 1988. É possível notar, principalmente a partir dos anos 70, quando o volume de infrações aumenta consideravelmente por conta da popularização da cocaína, que a demanda de uso pela classe média resulta no recrutamento dos jovens das periferias para o trabalho no tráfico. Na década de 80, com a recessão econômica, o tráfico se consolida de vez enquanto trabalho nos subúrbios, intensificando a criminalização. Através dos processos, o que se percebe, é que aos jovens ricos que consomem a droga, é atribuída uma visão médica – “está doente e precisa ser tratado”. Aos jovens pobres recrutados pelo tráfico, ou usuários de alguma substância, aplica-se o estereótipo criminal – “é um perigo para a sociedade e deve ser duramente punido e contido”.

R.O.M. [...], preto, 17 anos, morador de favela em Rocha Miranda, margeador gráfico, foi detido em 18/2/73 com dez cartuchos de maconha. Declarou na delegacia que “é viciado há cerca de dois anos; que resolveu vender maconha para ajudar sua genitora financeiramente; que seus pais não sabem que se encontra na venda de maconha”. É internado no Instituto Padre Severino em fevereiro de 73, foge, é recapturado, foge de novo e tem seu caso arquivado em outubro de 1974. A gravidade do crime de tráfico poderia justificar a sentença, mas comparemos com L.A.B.M., 17 anos, branco, detido em 25/7/73 fumando maconha em um carro roubado. L.A.B.M. já havia sido detido em 1971 por furto, mas é internado no Instituto Padre Severino por 2 dias. A internação é rapidamente convertida em liberdade vigiada pelo Juiz, “uma vez que a mãe se compromete a leva-lo para Brasília e lá submetê-lo inclusive a tratamento adequado” (BATISTA, 2009, p. 89).

Dessa forma, além de estruturalmente, o tráfico (indústria alimentada majoritariamente pela mão-de-obra das periferias, mas que serve em grande medida aos que estão bem longe dos subúrbios, rendendo bilhões) ser uma ferramenta de controle e criminalização da juventude pobre diante a uma realidade de extrema pobreza e dificuldades de acesso à educação, direitos básicos e ao mercado de trabalho formal, acaba servindo também para generalizar o estereótipo de “jovem bandido”. Assim, justifica em conjunto a uma legislação interpretativa sobre drogas, a punição, encarceramento e extermínio - através de verdadeiras operações de guerra - dos

jovens pobres e negros, inclusive os que não estão inseridos no tráfico. Esse estereótipo pode ser percebido claramente através do conceito de “atitude suspeita” utilizado pela polícia, que geralmente não se refere a atos, mas está relacionada à circulação de jovens das periferias pelas cidades (BATISTA, 2009; ZAFFARONI, 2010; BARATTA, 2011).

O Estado, para fins de controle e manutenção dos interesses de determinados grupos que detém o poder e a hegemonia em nossa sociedade, cria aparatos para se haver de alguma forma com a questão da pobreza e conter a crescente população miserável que se espalha pelas cidades. Condições de miséria que o próprio Estado, imerso em uma sociedade autoritária e violenta como a brasileira e em demais cenários do ocidente, cria e mantém, especialmente através das consequências do acirramento da lógica neoliberal em nossa conjuntura (COIMBRA, 2001; BARATTA, 2011).

A estratégia estatal cada vez mais explícita na atualidade é então a de criminalizar as chamadas “classes perigosas”, a miséria e seus desdobramentos, endurecer as medidas de repressão ao invés de investir em políticas sociais. A orientação em voga, especialmente em época bolsonarista, mas não somente, é justamente precarizar o conjunto de políticas sociais com teor de proteção e investir massivamente nas práticas de encarceramento e punição. É a instauração do Estado Penal (WACQUANT, 2015) que gera cada vez mais lucro, mais desigualdade e mais mortes com endereço certo – as periferias:

Medidas portadoras de alto grau de violência – não vistas como tais pelas camadas dominantes -, propagadoras de múltiplas formas de violências, são viabilizadas com o discurso de que determinadas ações irão contê-las: aumento da repressão e diminuição do estado social, contrarreformas que adensam desigualdades, precarizações e disposição de fundos públicos como atos adotados em defesa dos “empregos”, entre outras medidas que visam, “em nome do coletivo”, retomar a estabilidade para todos e todas, lutar pela “paz social” (SILVA, 2019, p. 39).

Assim, o clima de terror que justifica a consolidação do Estado Penal é generalizado, apesar da clara disparidade da realidade dos subúrbios e das regiões mais ricas. De acordo com Fraga (2013), as intensas transformações demográficas, epidemiológicas e sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas são refletidas através das infladas estatísticas de crimes violentos onde os jovens pobres e negros são os principais atingidos. O crime e a violência que assolam o país estão geograficamente concentrados, colocando em risco e vitimando primordialmente os homens negros e jovens que residem nas periferias. Apesar disso, o que percebemos é esse clima geral de medo, fazendo com que os grupos menos atingidos – pessoas brancas e com alto poder aquisitivo – sejam os que mais investem em segurança privada.

Dessa forma, a disseminação midiática simbólica da realidade de violência acaba sendo parcial e cumprindo sua função de apresentar uma crise geral de segurança pública que ameaça a todos e valida as ações de extermínio. O cenário atual brasileiro é caracterizado por essa suposta violenta crise de segurança pública em que jovens pobres são considerados por grande parte da população como responsáveis. Há um grande clamor por medidas repressivas, encarceramento, vingança e agressividade policial. Por outro lado, fatores sociais, raciais, econômicos e políticos, que são determinantes nas vidas e trajetórias desses mesmos jovens são “ignorados” e precarizados pelo Estado. A mídia enquanto instituição hegemônica serve de forma a validar a realidade do Estado Penal, criando uma atmosfera de terror em relação à segurança pública, amedrontando a população (SILVA, 2019).

Ferreira et al. (2009), além de Azevedo e Fernandes (2015) apontam que a exposição midiática é excessiva quando são jovens pobres os autores em episódios violentos, o que não representa a realidade da enorme mortalidade desse público, como indicam estatísticas. Os jovens negros e de periferia são as pessoas que mais morrem no país. De acordo com o último IVJ – Índice de vulnerabilidade juvenil à violência, um jovem negro do sexo masculino, de 15 a 29 anos, tem 2,7 mais chances de morrer do que um jovem branco (BRASIL, 2017). O Atlas da Violência do ano de 2018 revela que em 10 anos, entre 2006 e 2016, os homicídios aumentaram em 23,1% entre a população negra, em contraste à queda de 6,8% entre não negros (IPEA, FBSP, 2018).

Observando as representações da grande mídia sobre criminalidade, Barros, Moreira e Duarte (2008) e Freire (2014) também indicam que existe um viés teatral e exagerado de culpabilização quando esses jovens aparecem como autores. Quando aparecem como vítimas de episódios violentos, a abordagem leva à naturalização e banalização.

Essa juventude que aparece nas estatísticas de violência e é representada pela mídia de forma simplificada e teatralizada, é a mesma juventude que tem constantemente seus direitos violados e encontra barreiras de acesso a políticas públicas de caráter universal. Castro e Bicalho (2013), em estudo que analisa os processos de escolhas profissionais de jovens residentes em periferias, questionam a naturalização das trajetórias dessas pessoas, em que o acesso à educação de qualidade e oportunidades de trabalho encontra sérios obstáculos, fazendo com que o “natural” seja esperar que um jovem negro, pobre e de baixa escolaridade seja envolvido pelo crime (ou no máximo tenha profissões “socialmente reservadas aos pobres”). Essa juventude se torna então um “perigo em potencial” que atrapalha o desenvolvimento social, devendo ser controlada e oprimida.

Quando se discute a questão da juventude pobre, é corriqueiro o discurso meritocrático que ressalta a importância de se esforçar, estudar, batalhar e trabalhar para vencer na vida e superar a pobreza. O problema é que quando se analisa a questão da pauperização a partir de um ponto de vista estrutural como Siqueira (2012) e Montañó (2012), fica nítida a constatação de que essa não é uma condição individual a ser superada ou um mal passageiro, uma crise de um sistema econômico em desenvolvimento. Trata-se de uma consequência, algo necessário no modo de produção capitalista (MPC). Quanto maior a produção de riqueza e maior o desenvolvimento e modernização dos meios de produção, maior será a acumulação do capital (não sua distribuição). Assim, quanto mais capital acumulado, maior a desigualdade de renda e consequentemente maior a população pobre.

Os pobres são necessários para o equilíbrio de funcionamento da lógica neoliberal. É necessário que existam pessoas trabalhando na produção de riqueza – e se apropriando de uma parte quase insignificante dessa produção - para que uma elite a acumule cada vez mais. Assim como é necessário haver desempregados buscando desesperadamente por emprego para que haja flexibilização das leis trabalhistas (SIQUEIRA, 2012). Sendo assim, não é de interesse do Estado hoje em voga, que haja plena garantia de direitos e políticas que atendam às necessidades de todos, promovendo igualdade. Fazem parte da agenda, no máximo, medidas compensatórias destinadas apenas aos que estão em uma situação de miséria, incapazes de competir no mercado, não interferindo na lógica da produção da pobreza e das desigualdades (SIQUEIRA, 2012; YAZBEK, 2012).

Nesse sentido, a mídia hegemônica sendo um dispositivo que no Brasil possui a especificidade de estar em mãos de uma elite “coronelista”, há a produção de um conteúdo de interesse político e econômico (SANTOS, AIRES, 2017), que colabora na (re) produção massiva e muitas vezes mascarada de discursos e justificativas que naturalizam a pobreza: falta de planejamento, problemas de ordem educacional, moral e comportamental. São essas as explicações que mais circulam no senso comum ideológico (MONTAÑO, 2012).

Dessa forma vão sendo construídas as representações que dão origem a discursos como o da meritocracia e da pobreza como uma problemática individual. Conforme Yazbek (2012), a representação da pobreza, o lugar social do pobre não se expressa desigualmente apenas no campo econômico, mas também nos valores culturais. Sendo assim, tudo o que é associado à pobreza: crenças, expressões, valores, formas de se comportar são características, indesejáveis socialmente.

Essa representação midiática equivocada sobre os jovens e a pobreza acaba gerando conclusões simplistas e lombrosianas como a de que os jovens pobres são naturalmente

violentos, devendo ser cada vez mais reprimidos e penalizados. Conforme já sinalizado anteriormente, Zaffaroni (2012) pormenoriza essa discussão através do conceito de “criminologia midiática”. Segundo o autor, ao longo do tempo e com o contexto histórico, são eleitos os grupos potencialmente perigosos, que serão funcionalmente os bodes expiatórios de todas as mazelas sociais. Nos tempos atuais, o inimigo é o jovem de periferia, que tem sua imagem e estereótipo cuidadosamente construído e reforçado pela mídia como criminoso.

Para que os jovens pobres sejam considerados os inimigos da pátria “naturalmente” violentos, delinquentes e perigosos, algumas direções psicológicas são tomadas e estimuladas. Martín-Baró (1989; 2017) e Fanon (2006) analisam uma dessas estratégias, que é despersonalizar esses sujeitos, ou seja, fazer com que sejam considerados corpos animalizados, desprovidos de humanidade, justificando assim qualquer ato de violência sobre eles. Isso pode ser ilustrado através de determinadas mediações psicológicas de desumanização aprendidas pelos militares que permitem a eles considerarem, por exemplo, uma operação que envolve o assassinato ou a violência sobre determinados jovens como um mero ato técnico.

Essa violência justificada psicologicamente possui claramente um papel ideológico visto “(a) que a violência expressa ou canaliza forças e interesses sociais concretos nos marcos de um conflito estrutural de classes; (b) que a violência tende a ocultar forças e interesses que a determinam” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 293-294). É nesse contexto que se insere a função da representação midiática hegemônica no ciclo da criminalização: na disseminação e manipulação de discursos que constroem e sustentam ideologicamente tais estratégias psicológicas de animalização através da espetacularização dos casos que envolvem a juventude das periferias e a criminalidade, e da ocultação de questões e discussões que são abafadas afim de manter a ordem – inclusive as relacionadas à precariedade das políticas e condições sociais, das raízes da pobreza e da criminalização (MARTÍN-BARÓ, 1989; BOURDIEU, 1997).

Por fim, em síntese, sabendo que a violência e seus atravessamentos pela juventude fazem parte da realidade e compreendendo esse como um fenômeno não explicável por si mesmo e produto da organização social, sendo uma questão pluricausal, estrutural e complexa, é coerente que se evite simplificações e que se debata o assunto de forma historicizada e contextualizada (FRAGA, 2010). Por diversas vezes o discurso midiático, indo na contramão de uma discussão embasada e situada historicamente, leva a esse movimento de criminalização, simplificação, generalização e estigmatização a partir da representação do fenômeno da violência urbana.

As mortes desses jovens, por exemplo, são banalizadas e naturalizadas, despersonalizando tais sujeitos. É como se as vidas dos jovens pobres não tivessem valor algum.

Nessas situações não é algo incomum escutar frases como: “menos um para nos amedrontar nas ruas” e “foi merecido”. São conclusões tiradas a partir de discursos que permeiam a realidade e a mentalidade da população através dos jornais, dos diálogos nas ruas, em família e entre amigos (COSTA, 2019).

As violências são produzidas e reproduzidas em um contexto complexo. Sendo assim, pessoas que cometem crimes são seres sociais e históricos, ou seja, que cresceram em uma determinada sociedade que é organizada estruturalmente de forma a proporcionar uma série de barreiras e limitações sobre o acesso a políticas (de habitação, saúde, educação, renda e etc), espaços, territórios e relações, especialmente quando se nasce pobre. Dessa forma, é no mínimo um equívoco simplista classificar a “violência urbana” como mera expressão de maldade, loucura ou frieza desses jovens (SILVA, 2019). É exatamente esse discurso equivocados que a mídia hegemônica brasileira reproduz através de uma espécie de “criminologia midiática”, conforme Zaffaroni (2012) analisa.

3.3 A “CRIMINOLOGIA MIDIÁTICA” EM NOSSAS VIDAS: QUAIS OS SEUS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS?

Conforme já abordamos, Zaffaroni (2012) através do conceito de criminologia midiática, aponta que a mídia tem papel fundamental na construção e disseminação da imagem criminoso atribuída aos jovens pobres – os atuais eleitos como bodes expiatórios da violência, da pobreza e dos problemas sociais. Cabe a nós tentar compreender quais as ferramentas comunicacionais envolvidas no processo e como elas exercem impacto sobre as nossas representações, nossas vidas e principalmente sobre as vidas desses jovens.

Considerando o poder midiático na construção de versões dos fatos, induzir sentidos, interpretações e valores a partir da reprodução de discursos hegemônicos de interesse de seus financiadores por trás do viés de credibilidade e imparcialidade, não é surpreendente a constatação de que através de jogos de linguagem e apelos de pautas estrategicamente selecionadas, são disseminadas representações ideológicas sobre a juventude pobre. Isso, atravessado por interesses e estratégias políticas na validação de concepções hegemônicas da realidade (CAVALCANTI, 2017; MENDES, 2017).

A mídia enquanto dispositivo é capaz de produzir então uma condição essencial a toda a lógica da criminalização: a indignação popular. Consideramos que os aspectos da violência urbana, da juventude pobre e a criminalidade são parte da sociedade brasileira e seu histórico de desigualdades. Na contramão desse pensamento, quando as imagens selecionadas pela mídia

são veiculadas, é despertado e intensificado um sentimento de revolta, medo, desejo por punição e indignação (BATISTA, 2011; FRAGA, 2010; ZAFFARONI, 2012).

No contexto brasileiro, podemos citar como o retrato nítido da criminologia midiática, os jornais televisivos policiais. É interessante tomar como exemplo a pesquisa de Mendes (2017) discutida em seu livro “Juventude e Mídia Tribunal: Considerações sobre a Violência a partir de uma Abordagem Televisual”. São analisadas as representações da mídia televisiva sobre os jovens da periferia a partir de um telejornal policial – modalidade ainda preferida da população por seu alto índice de audiência - transmitido na Paraíba através da TV aberta. Segundo a autora, o discurso produzido pelo apresentador do programa atribui à ineficiência do sistema jurídico e das leis brasileiras o envolvimento dos jovens pobres com a violência.

Além disso, a pesquisa ainda aponta que o apresentador atribui a esses mesmos fatores a existência do programa, que estaria substituindo o papel da justiça enquanto analisa os acontecimentos para além dos fatos. Sendo assim, as medidas punitivas existentes são descredibilizadas, levando o telespectador a acreditar na necessidade de novas e mais rígidas leis e instituições que protejam a população dessa juventude. Tudo isso, utilizando um suposto papel de “utilidade pública” desempenhado pelo programa e sua linguagem sensacionalista (MENDES, 2017).

Assim, inúmeras supostas verdades sobre a juventude de periferia – consonantes com o discurso moral de controle social de instâncias conservadoras - acabam sendo construídas, disseminadas e aceitas pela população, afinal, a narrativa midiática é articulada de forma a envolver valores hegemônicos e fortemente compartilhados, baseados em clássicas dicotomias (normal/anormal, moral/imoral, bondade/maldade, honestidade/desonestidade, sensatez/insensatez, “presença/ausência de caráter”). Dessa forma, até mesmo o extermínio desses jovens pobres é justificado, naturalizado e desejado (PIVETA; CARVALHAES, 2016; PIVETA, 2018).

Tudo isso segue sendo validado por dispositivos sociais, tais como a mídia, que segundo Piveta (2018), banaliza e simplifica o fenômeno do extermínio dos jovens pobres. Assim, suas mortes são legitimadas como forma de justiça, como forma de proteção aos “cidadãos de bem”. A autora conclui então que esses jovens, através da representação midiática, são vistos como inimigos da população, que reproduz o discurso que objetifica, reduz, espetaculariza e elimina a historicidade das trajetórias de vida dessas pessoas.

O papel de “mídia tribunal”, porém, não se resume aos jornais televisivos policiais, apesar de seu protagonismo no cenário brasileiro (FREITAS, 2014). Podemos ilustrar as

estratégias e os desdobramentos da criminologia midiática a partir de pesquisas que se debruçam sobre outros formatos midiáticos.

Machado e Dupret (2010), em uma pesquisa que se dedica às representações midiáticas do jovem negro em uma região conhecida pelos estereótipos da criminalidade e miséria, formada principalmente por jovens pobres e negros, exemplifica a violência simbólica exercida pela mídia através do conteúdo das entrevistas feitas com os próprios jovens, que comentaram seus pontos de vista sobre a forma como são representados pelos meios de comunicação. Os trechos das falas, apontam principalmente para o fator do preconceito relacionado ao território e à cor da pele. Os mesmos relatam que a mídia os coloca como alguém que sempre irá utilizar de meios ilícitos em seu benefício, tornando sempre evidências as notícias de fatos dessa natureza, especialmente se o jovem for negro.

Cassab et al. (2016) também identificam na mídia questões relacionadas ao jovem pobre e produção do medo a partir da ideia de território. A imprensa apela à sensação de medo e insegurança, criminalizando certos grupos e locais, colaborando com a associação entre violência com elementos como pobreza, periferia, tráfico e juventude. Assim, não é surpreendente o fato de que 95% das manchetes - sobre juventude - de um jornal analisado pela pesquisa, tinha associação com episódios violentos.

É importante chamar atenção a outras duas questões discutidas nessa mesma pesquisa acima mencionada. A primeira relaciona-se aos termos utilizados pelos jornais para se referir aos jovens enquanto autores de crimes (“marginal”, “meliante”, “bandido”, “indivíduo”) em contraste aos termos utilizados para descrever as vítimas (“jovem”, “transeunte”, “rapaz”, “estudante”). A segunda é o fato de que as pessoas entrevistadas nomearam bairros de periferia que consideram perigosos sem nunca ter tido contato direto com o local, baseando suas opiniões em falas e representações midiáticas.

Dessa forma, a representação midiática sobre o jovem, utilizando de categorias como a delinquência, a violência e as drogas, produz um discurso que apresenta o grupo como protagonista da marginalidade, reforçando estereótipos presentes na sociedade (MINAYO et al., 1999), cada vez mais aceitos e naturalizados nas falas, na crescente popularidade dos discursos de ódio e na defesa de medidas punitivas e radicais de caráter seletivo.

No estudo de Santibanez, Frattari e Oliveira (2015), explora-se esse discurso punitivo pelo viés da criminalização da juventude e do terror construído em torno desse grupo. Analisando as falas de moradores de bairros nobres, entrevistados pelos autores, é nítida a influência e reprodução do discurso midiático na construção dos estigmas e discursos punitivos, fato que pode ser observado pelo seguinte trecho de fala sobre jovens da periferia (p. 311): “(...)

Então, são esses grupinhos de adolescentes e de rapazes é que me põe medo. O setor, como toda cidade, a gente ouve dizer e vê pela televisão muitos assaltos. (...) Essa moçadinha é perigosa! Você vê que hoje quem tá praticando a maioria dos crimes é eles.”.

O discurso ideológico da mídia acaba então por ter um papel altamente significativo na (re) produção de estereótipos que criminalizam a juventude negra e pobre, atuando como verdades absolutas que abrem precedentes a um clamor por punição e encarceramento. Essa lógica repressiva fornece o aval necessário ao sistema penal para criar medidas supostamente emergenciais – direcionadas seletivamente a esses jovens - que muitas vezes violam direitos constitucionais (BARBOSA, 2016). Através dessa lógica, pode-se dizer que a grande mídia atua concreta e ideologicamente de forma a promover o controle social justificando essas ações estatais autoritárias e até mesmo de extermínio. Isto, tendo como base o discurso da criminalização e da criação do sentimento de insegurança no imaginário da população (GERSHENSON et al., 2017).

4 APRESENTANDO A PESQUISA

Neste capítulo será apresentada a pesquisa que foi proposta, assim como as direções éticas e metodológicas que nortearam sua construção, a partir de um debate teórico. Será apresentada também uma breve descrição do campo, seguida da exposição das estratégias utilizadas durante a construção da pesquisa.

4.1 OBJETIVO

A partir dos apontamentos teóricos, consideramos que se faz necessária uma discussão a respeito dos desdobramentos psicossociais do papel do discurso midiático na representação de determinados segmentos da população, tal como o jovem pobre, que tem seus direitos frequentemente violados nesse meio (ARAÚJO, 2015). A importância do debate dessas questões está na percepção de que tais discursos na maioria das vezes aparecem de forma velada, indireta, mascarada, podendo ser simplesmente reproduzidos como verdades, sem possibilidade de questionamento e criticidade, tendo em vista o caráter produtor de realidade das mídias, como discorre Coimbra (2001).

Apesar do grande volume de produção bibliográfica sobre a criminalização da juventude e a mídia, há dificuldades em encontrar pesquisas atuais no âmbito da Psicologia que se dediquem a um diálogo entre os discursos midiáticos e os dos próprios jovens (grupo afetado diretamente pela realidade de criminalização) em contextos de pobreza a respeito de suas construções subjetivas vividas num contexto de estigmatização, violência e criminalidade. Considerando que os jovens devem ser compreendidos como sujeitos sociais marcados pelo contexto social e político, assim como diversas outras determinações (CASTRO; MATTOS, 2009), consideramos necessária a construção de uma intervenção conjunta que possibilite a expressão e discussão de seus pontos de vista sobre a realidade em que estão inseridos a partir dos atravessamentos da representação midiática.

As representações midiáticas atravessam as nossas vidas e subjetividades. Quando nos referimos à realidade dos jovens em territórios marcados pela pobreza, devemos pensar nos desdobramentos de um discurso embasado na “criminologia midiática” e na “mídia tribunal”. Nos propomos então, a partir da presente pesquisa, a analisar os sentidos produzidos por jovens inseridos em um contexto de violência e criminalidade em relação a este discurso midiático.

Para tal, foi realizada uma seleção de trechos de programas jornalísticos de diferentes veículos midiáticos nacionais e locais em que jovens aparecem associados a episódios tidos

como criminosos. O material selecionado foi apresentado aos participantes – sendo interpelado e construído em conjunto a eles - um grupo de jovens residentes no bairro Boa Esperança, uma região de periferia da Cidade do Sol, através da realização de grupos de discussão. O contato com os jovens se deu através da parceria com uma ONG – Organização Não Governamental que atua no bairro. Buscamos possibilitar um espaço de diálogo entre os discursos dos jovens e da mídia, tentando favorecer a construção de discussões críticas sobre as formas como estes são representados. Esse processo será descrito detalhadamente ao longo deste e dos capítulos seguintes

4.2 DIREÇÕES ÉTICAS E METODOLÓGICAS

Como orientações éticas e metodológicas que delinearão a pesquisa, nos inspiramos nas direções propostas pela abordagem da pesquisa participante, preconizada principalmente por Fals Borda (1978; 1999; 2014). Sendo assim, se trata de uma investigação ancorada na participação e na construção de relações entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. Os caminhos metodológicos tomados neste trabalho, então, são singulares e construídos no terreno da ação. No âmbito de tais ações realizadas, a dimensão da linguagem, e os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin (2011;2017) foram balizadores das direções compartilhadas e negociadas com os participantes e o campo.

De acordo com Brandão e Borges (2007), as pesquisas participantes podem ser definidas pelo caráter de compromisso com as ações sociais e a participação popular. As atividades promovem um encontro entre sujeitos e instituições sociais teoricamente “eruditas”, tais como o pesquisador e a universidade, e os “populares”. Esse encontro, dentro desta abordagem de investigação, é marcado pela cisão e pela quebra do distanciamento entre o “científico” e o “popular”.

Os agentes populares não são considerados como objetos de estudo, mas sim como sujeitos atuantes que devem interferir no processo de pesquisa. Afinal, o estudo é compreendido como instrumento, um método de ação científica, pedagógica e política a serviço das questões dos sujeitos e das comunidades. Questões essas que ultrapassam as dimensões da pesquisa (BRANDÃO; BORGES, 2007).

Fals Borda (1999) aponta que o que caracteriza o trabalho na pesquisa participante é a valorização do saber popular. Esse tipo de estudo então se dedica a questões que causam impacto e interferem na vida de determinado grupo ou comunidade. Por essa razão, a participação da população que é afetada diretamente por tais problemáticas, e que vivencia o

cotidiano através de determinados signos sociais que o pesquisador não conhece ou compreende, é essencial.

Partindo dessa direção ética e política de pesquisa, compreende-se então que a ciência deve ser uma ferramenta que possa contribuir com as necessidades da população, devendo o profissional conhecer e participar, na medida do possível, das atividades da comunidade. O pesquisador, nessa perspectiva, rompe com o ideal positivista de neutralidade, pois além de assumir a sua condição humana de sujeito com motivações, interesses, emoções e que parte de uma história, também assume um compromisso político a partir do momento em que se questiona que tipo de conhecimento e ciência se deve produzir e como a comunidade poderá se beneficiar dessa produção (FALS BORDA, 1999).

Nesse sentido, é necessário buscar conhecer os impactos sociais, políticos e econômicos da pesquisa a ser realizada. Tendo ciência de tais desdobramentos é possível delinear com mais clareza estratégias e atividades que tornem o trabalho de pesquisa coerente com nosso compromisso social, ético e político. Em contraposição ao paradigma positivista de pesquisa, busca-se uma investigação que seja situada e envolvida pela práxis – ação com direções teóricas e desdobramentos políticos que buscam compreender e atuar na realidade, visando a sua transformação. Apenas conhecer a realidade através da ciência não é o suficiente, é necessário trabalhar para a sua modificação (FALS BORDA, 1978; BONILLA et al., 2008).

Por conta das especificidades que atravessam de formas diferentes os contextos, as pessoas e as comunidades, Montero (2006) aponta que não há um modelo particular a ser seguido, mas sim uma construção dinâmica que será moldada de acordo com as interpelações do campo, das comunidades, dos sujeitos, e com as direções éticas e metodológicas que embasam a pesquisa. Trata-se, por conseguinte de um estudo que pretende ser crítico, dialógico, coletivo, participativo, político e reflexivo orientado à mudança social.

De acordo com a autora, os modos de fazer na pesquisa participante devem ser guiados pela problematização, no sentido de questionar os modos cristalizados e hegemônicos de se compreender a realidade e como tais modos estão presentes naquele contexto; pela geração e integração de conhecimentos, na direção de incorporar saberes de várias naturezas para produzir outros novos saberes a partir dessa pluralidade; e pela emancipação, buscando através de uma participação ativa e uma relação dialógica e horizontal com os participantes, a mudança e o fortalecimento comunitário por meio de suas capacidades e recursos. É um processo que deve integrar investigação, educação, ação e participação, onde o pesquisador tem sua presença marcada, e a comunidade está longe de ser mera “receptora de serviços” (MONTERO, 2006).

Os participantes, são aqui, sujeitos vivos e companheiros numa relação de alteridade e construção. Isso faz com que o profissional repense a noção de “minha pesquisa”, assim como a sua posição enquanto pessoa pesquisadora, compreendendo seu trabalho como ferramenta para que os sujeitos se reconheçam na produção de conhecimento científico, popular e produzam transformação (BRANDÃO, 2008).

Sendo uma pesquisa dessa natureza, desde a escolha temática e o campo a ser pesquisado, até mesmo as escolhas metodológicas são atravessadas pela experiência da pesquisadora. Assim, fica explícita a relação e o envolvimento com o processo de pesquisa, o campo e os participantes. Não há espaço para a busca de qualquer tipo de neutralidade pelo profissional, visto que é necessário se deixar afetar para se construir uma pesquisa com os interlocutores (SOUZA; CARVALHO, 2016).

Durante o processo, é necessário que o pesquisador saiba dosar reflexão e ação, ou seja, consiga abarcar o saber popular, o envolvimento e a interferência desejada dos participantes, porém sem perder de vista o embasamento teórico. Além disso, se deve prezar pela quebra das relações assimétricas, assumindo uma postura de quem deseja aprender, ouvir e descobrir, incluindo os participantes como indivíduos ativos e pensantes no processo de pesquisa (FALS BORDA, 1999).

Essa leitura vai ao encontro das ideias de Bakhtin, que também nortearam e dialogaram com todo o processo de pesquisa. Souza e Albuquerque (2012), em seu texto que traz uma leitura bakhtiniana sobre a pesquisa em ciências humanas, apontam que o pesquisador, a partir do momento em que assume a si e ao outro como sujeito ativo, e que se constitui em meio as relações sociais e políticas, passa a transitar em um terreno de produção de sentidos que ocorre no encontro entre ele e o outro. A profundidade da construção do conhecimento se dá exatamente nessa relação dialógica. O pesquisador então não controla totalmente suas ações no sentido de buscar uma atuação neutra, mas sim, explicita em seu relato as condições produzidas pela construção compartilhada de conhecimento.

Bakhtin (2011; 2017), em seus conceitos de linguagem, dialogismo e polifonia traz contribuições importantes para se pensar a produção da pesquisa. Parte-se do princípio de que os discursos trazem uma coletividade de vozes e um debate mais amplo que não se restringe à temporalidade presente em que se dá sua expressão. No tocante à investigação em questão, as imagens, bem como os discursos construídos e proferidos pelos veículos midiáticos, refletem certos valores ideológicos e redes de forças presentes no contexto histórico e sócio-político em que estão situados.

Nessa perspectiva, é na linguagem (compreendida aqui a partir de uma perspectiva histórica e atrelada às condições concretas onde esta é produzida) que o sujeito se constitui e é constituído, produzindo sentidos sobre si e o mundo. A língua é viva, está sempre em relação, e para que se compreenda essa produção de sentidos, é necessária uma análise contextual sobre as condições políticas, ideológicas e sociais em que os discursos são construídos, já que os enunciados são elaborados e proferidos de forma completamente vinculada a tais circunstâncias. Sendo assim, os significados só podem ser compreendidos concretamente, se pensados em relação com as particularidades envolvidas na produção e decodificação dos discursos pelos interlocutores (BAKHTIN, 2011).

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas mais importantes da interação verbal. Pode-se compreender a palavra diálogo em um sentido mais amplo, e não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas frente a frente, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo (BAKHTIN, 2011; 2017).

Dessa forma, o discurso é constituído na interação e no campo das relações de modo dialógico. O diálogo está em qualquer forma de comunicação, mesmo quando não se trata de uma interação face a face. Assim, mesmo os discursos proferidos por um veículo de comunicação, que não permite uma conversação direta, são constituídos dialogicamente, dialogando com uma série de outros discursos (políticos, ideológicos e sociais, inclusive os discursos de quem “ouve”, pois esse “ouvir” é ativo e também é constituído por uma série de outros discursos) que dão sentido ao que ali é dito e ao que é compreendido. Assim, as questões humanas são atravessadas e constituídas pela linguagem, e só podem ser pensadas de modo dialógico, em relação (BAKHTIN, 2011; 2017).

As vozes presentes no discurso em seu movimento dialógico, são perpassadas por diversas outras diferentes vozes que expressam ideias e pensamentos que são até mesmo contraditórios. Nesse sentido, os discursos são polifônicos, pois são constituídos por uma série de outros textos sociais (BAKHTIN, 2010). Partindo desses conceitos, conforme já mencionado, nenhum enunciado se constitui isoladamente. Sempre parte de alguém e se destina a alguém. Qual o destino e endereço destes discursos? Partindo desse questionamento, é pertinente nos debruçarmos sobre a relação entre os discursos proferidos pela mídia (considerando o caráter ideológico e a dimensão política do discurso) e a construção de sentidos

feita pelos sujeitos que o consomem, considerando a posição social que cada sujeito ocupa. Para discutirmos sobre tais relações, começaremos conhecendo o campo em que a pesquisa foi construída.

4.3 DESCOBRINDO O CENÁRIO DA PESQUISA: O CAMPO

Neste tópico será apresentada uma breve descrição do campo com informações básicas sobre a cidade, o bairro e a ONG (Organização Não Governamental). Essas informações foram construídas pela própria pesquisadora através de material disponível no blog da ONG e a partir da colaboração de moradores e parceiros de pesquisa durante o processo de observação e aproximação com a comunidade e a instituição em questão. São informações essenciais para que se compreenda o cenário em que a pesquisa foi realizada, considerando que o campo da linguagem, da vida e da ação é vivo e compartilhado (BAKHTIN, 2011; 2017). As decisões tomadas pela pesquisadora se deram a partir do diálogo, negociação e interlocução com esse campo e os sujeitos que o compõe em todo seu dinamismo e especificidades. Para proteger a privacidade dos participantes, todos os nomes aqui apresentados, tanto das pessoas quanto da cidade e do bairro, são fictícios.

4.3.1 A Cidade do Sol

O município onde a pesquisa foi realizada se localiza na Zona da Mata Mineira, possuindo por volta de 100.000 habitantes (IBGE, 2020). Duas rodovias importantes cruzam a cidade, que apesar de seu crescimento e expansão, ainda mantém características que marcam os pequenos municípios. Pode-se atribuir esse fator ao histórico marcado pela produção de café e pelo domínio dos grandes fazendeiros, tanto na economia quanto na política local.

Atualmente, segundo os portais online da prefeitura, o município é considerado um pólo mineiro no setor das confecções, possuindo também o setor terciário desenvolvido, contribuindo com grande parte da renda da cidade. A Cidade do Sol possui PIB estimado acima de R\$ 2 000 000, 00, sendo a renda per capita estimada em mais de R\$ 18 000,00 (IBGE, 2020). Essas informações são importantes para se analisar o fator da desigualdade de renda presente na cidade, visto que a maior parte da população se situa nas periferias e a concentração de renda está em mãos de um pequeno grupo de empresários e fazendeiros.

As regiões centrais são marcadas pelas praças e bares, que são os locais onde a juventude da cidade costuma frequentar. Principalmente aos fins de semana, enquanto os jovens que

residem nas regiões centrais se aglomeram nos bares e restaurantes, é nítido o movimento de aglomeração dos jovens da periferia nas praças da cidade. Nessas praças, frequentemente ocorrem batidas policiais noticiadas pela imprensa local.

Atualmente, a imprensa local é caracterizada pelos jornais impressos, programa de televisão, rádio e portais online. Com o declínio dos jornais impressos e o número reduzido de acesso ao sinal do programa de TV local, a rádio e os portais online se caracterizam como os principais veículos midiáticos regionais que a população utiliza para se informar.

4.3.2 O Bairro Boa Esperança e a ONG

Boa Esperança é um bairro que se situa na região periférica da Cidade do Sol, às margens de uma BR, sendo marcado pela altitude dos seus morros e por ser um dos locais mais populosos da cidade. O bairro possui 18 ruas, além das vielas e becos, sendo que a maior concentração de habitantes encontra-se em sua parte mais alta. Faz divisa com outras três comunidades e dois bairros centrais da cidade.

O histórico do bairro é marcado pela existência da chácara de uma família tradicional que inaugura a comunidade a partir da venda e doação de lotes na década de 30 a 50 com a intensa migração para a Cidade do Sol em busca de trabalho. O processo de povoamento durou cerca de 30 anos e contou com ocupações ilegais, construção de casebres e ocupação de famílias em situações precárias.

É importante ressaltar que até a década de 70 não havia encanamento, calçamento ou energia elétrica no local. Nessa mesma época, o patriarca dono da chácara é procurado pelas autoridades da cidade para ceder um espaço de seu terreno para uma construção da prefeitura. Na década de 90, os moradores são comunicados de que as obras serão iniciadas, se vendo obrigados a desapropriar o terreno cedido, onde muitas famílias residiam na época. É travado então um embate entre as forças políticas e a resistência da comunidade marcada pela associação de moradores e liderada pelo padre local. O embate termina com início da obra e a desapropriação do local pelos moradores e com a transferência do padre a outro estado. As obras até hoje não foram concluídas.

O bairro ainda hoje é altamente populoso. Seu histórico é então marcado pela forte atuação da igreja católica e pela organização e luta dos seus moradores. Atualmente, o bairro conta com escolas, creches, UBS (Unidade Básica de Saúde), CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e circulação (ainda precária) de transporte público. Frequentemente o bairro

figura nas manchetes locais pelos casos de criminalidade, principalmente atribuídos ao tráfico de drogas. Por conta disso, fica estereotipado como um dos bairros mais “perigosos” da Cidade do Sol.

As atividades da ONG que atua no território do bairro Boa Esperança se iniciaram na década de 90, a partir de um grupo de jovens da igreja católica que decidiu colocar em prática o tema da “Campanha da Fraternidade” do ano: “Fraternidade e Educação”. Os jovens então iniciaram um projeto de incentivo à leitura no bairro que aos poucos foi crescendo com doações de equipamentos, livros e materiais e se tornou uma biblioteca comunitária.

O grupo seguiu promovendo atividades culturais na comunidade, e 4 anos depois institucionaliza-se enquanto ONG. Conta atualmente com oficinas de dança, percussão e hip-hop realizadas em parceria com a Prefeitura através do CRAS local. Conta também com um bloco de carnaval pioneiro no carnaval da cidade. Nos documentos da ONG, os seus objetivos são descritos como a promoção da cultura e da vida, defesa de direitos, realização de controle social, incentivo à leitura e produção de cidadania. A instituição conta com recursos municipais, estaduais e doações.

4.4 ESTRATÉGIAS EMPREGADAS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

4.4.1 Familiarização com a comunidade

O primeiro momento da pesquisa consistiu no processo de entrada, aproximação e familiarização com a ONG, a comunidade e os participantes através da observação participante (OP) e registro em diário de campo (DC). Após buscar informações públicas sobre a comunidade, a ONG e os possíveis contatos para uma aproximação, foi possível iniciar esse percurso, participando de reuniões, circulando pela comunidade e presenciando as atividades e oficinas realizadas pela ONG em questão.

Montero (2006) afirma que o trabalho em pesquisa comunitária deve acontecer, tendo como ponto de partida o processo de contato e familiarização, ou o que Bonilla et al (2008) chamam de modos de aproximação. É um movimento necessário para que se conheça e seja conhecido pela comunidade, se estabeleça uma relação de confiança com os possíveis participantes, e para que o pesquisador tome consciência dos recursos disponíveis, as potências, limitações, necessidades e demandas em questão. Tendo como horizonte uma pesquisa participante, politicamente situada, comprometida com o saber popular e a transformação

social, é essencial que esse processo ocorra antes que se determine exatamente o que fazer e como deve ser feito.

Segundo a autora acima citada, a familiarização é então uma atividade dialética e mútua onde o agente externo e os agentes internos entram em contato, encontram pontos em comum, buscam conhecer e compreender aspectos culturais e de linguagem. Os membros da comunidade devem, além de ser informados sobre o profissional que está buscando ali se inserir, se sentirem à vontade para inteirar-se sobre ele. Assim, é possível se iniciar um projeto participativo e em conjunto (MONTERO, 2006).

Esse processo deve ser conduzido de forma crítica e aberta pelo pesquisador, para que se evite uma ação incutida por visões, opiniões e impressões estereotipadas e naturalizadas. É importante ressaltar que o pesquisador, ao chegar no campo, carrega suas próprias visões e impressões. Dessa forma, não existe neutralidade possível. O exercício proposto então, é a reflexão sobre tais visões e impressões, estando aberto a escutar e modificar seu ponto de vista, ou seja, se deixar surpreender pelo campo (MONTERO, 2006).

O processo de construção dos papéis de agente externo e agente interno é dinâmico e dialogado, sendo delineado nas interações e nos atravessamentos das realidades, das trocas e através de uma postura de abertura que possibilite tal movimento (BAKHTIN, 2011; 2017). No âmbito dessa investigação, a pesquisadora reside na cidade em que a intervenção foi realizada, sendo assim, esse movimento se torna ainda mais essencial, já que, ao mesmo tempo em que é “interna” por residir na cidade desde o nascimento, é “externa” por ocupar essa cidade de modos diferentes – como estudante universitária residente em uma região não-periférica, frequentando e circulando principalmente por locais centrais da cidade. Se trata de um território que é dividido, tendo diversas nuances marcadas pelas desigualdades sociais.

Assim, a pesquisadora pode ser considerada interna, uma vez que possui certo conhecimento sobre a comunidade em tela. Entretanto, é, ao mesmo tempo externa por se tratar de um território muito diferente do vivido por mim como habitante da cidade. Nesse sentido, esta relação entre interno e externo deve ser tomada por um prisma dialético, em que um e outro se co-constituem no processo da práxis investigativa.

É necessário circular pela comunidade, conhecer os espaços e as pessoas que fazem parte daquela realidade. Para isso, é importante que antes de entrar nos espaços e iniciar o estabelecimento de relações, se pesquise e se caminhe cuidadosamente, pedindo “licença” para se fazer presente. Nesse sentido, estabelecer vínculo com uma “pessoa-chave”, sendo geralmente uma liderança comunitária, facilita o contato entre o agente externo e as pessoas da comunidade. Porém, é necessário tomar cuidado para que o pesquisador não seja compreendido

como uma extensão ou representação desse agente interno que o ajudou a se aproximar, já que este ocupa um lugar definido nas relações da comunidade (MONTERO, 2006; BONILLA et al, 2008).

Por esses motivos, esse é um processo em que o pesquisador deve ter voz e expressão. Mesmo com as atividades da pesquisa em curso, a familiarização deve continuar se desenrolando com o devido cuidado e atenção (MONTERO, 2006). Assim se faz a participação possível numa relação de confiança continuamente construída, onde há espaço para a intervenção da comunidade e dos participantes no curso da intervenção.

Através desse processo, é possível perceber se o tema a ser pesquisado faz sentido e como faz sentido na realidade em questão. É a partir da identificação de necessidades e recursos que essa percepção pode ser construída. Essa identificação será possibilitada por atividades grupais como rodas de conversa, onde as pessoas da comunidade serão ouvidas e poderão debater sobre as demandas, problemas e recursos (MONTERO, 2006).

Pode ser que o tema de interesse não seja, a princípio, compreendido como uma demanda para a comunidade. Nesse caso, a sensibilidade do pesquisador será essencial para analisar quando se trata de algo que realmente não faz sentido na realidade em questão, ou quando essa “falta de interesse” encobre uma necessidade não sentida, embebida pela ideologia e hegemonia de certas ideias racionalizadoras que representam a manutenção de determinadas posições dominantes na organização social. Em situações como essa, o caminho é promover a sensibilização através da problematização e questionamento da realidade estabelecida através do diálogo com a comunidade (MONTERO, 2006).

Além disso, é preciso que o pesquisador esteja atento aos recursos disponíveis, até mesmo a nível mais prático. Dessa forma, é importante identificar os espaços físicos que poderão ser utilizados durante a pesquisa, o tipo de material disponível, assim como as melhores formas de acessar e dispor das técnicas, meios e da linguagem para estabelecer contato claro e acessível durante as ações (MONTERO, 2006).

A observação participante (OP), nesse sentido, foi uma ferramenta que possibilitou os processos de familiarização e identificação de recursos. Trata-se de uma atividade metodológica que pode ser definida como uma observação sistemática direcionada a produção de conhecimento para nortear a condução dos objetivos da pesquisa. O pesquisador, através da OP, busca meios de se inserir naquela realidade de forma aberta e flexível, assumindo seu papel enquanto investigador, e observando, através da participação, as atividades da comunidade e se relacionando com os sujeitos. A OP tem como objetivos proporcionar uma visão mais ampla e

detalhada da realidade, da produção dos sentidos, valores e normas que norteiam as relações, facilitando assim o acesso a pessoas, grupos e perspectivas (MONTERO, 2006).

Revisitando as ideias de William Foote Whyte sobre OP, Valladares (2007) descreve alguns aspectos essenciais na sua descrição e conceptualização. Entre eles, destaca-se o tempo longo que envolve a OP, afinal, para que se conheça minimamente os processos comunitários e grupais, é necessária uma exploração cuidadosa. Além disso, se trata de um desconhecido – pesquisador - entrando numa cadeia de relações em um campo em construção, que não é fechado, que está vivo.

A autora evidencia também o aspecto de interação entre pesquisador e sujeito proporcionada pela OP e a necessidade de uma constante autoanálise do profissional em sua forma de conduzir as relações e a entrada no campo, sendo consciente – e reafirmando - sua condição de agente externo, nos termos acima mencionados, e não-nativo constantemente observado. Trata-se, portanto de um outro elemento que reforça a necessidade e importância do vínculo com as “pessoas-chave” da comunidade na facilitação do processo de OP (VALLADARES, 2007).

O diário de campo (DC) foi um recurso essencial no decorrer da pesquisa, sendo uma fonte rica de registro, reflexão e análise. Sem essa ferramenta, pode-se dizer que um trabalho de qualidade, considerando as direções metodológicas e éticas em questão, não seria possível. Através do registro das observações nas anotações do DC é possível revisitar e analisar acontecimentos e impressões que foram se desenrolando ao longo do processo discursivo. Trata-se de um instrumental indispensável que proporciona a ampliação da visão do pesquisador e o adensamento da sua capacidade de análise e reflexão sobre possíveis elementos que necessitam de aprofundamentos ou revisão (VIEIRA, 2002).

Mais que um instrumento, no decorrer do processo de pesquisa, o DC se revelou como um recurso atuante, ativo. O ato de “ouvir-se” pelo/no diário ultrapassa o que é esperado na relação estabelecida entre pesquisador e uma ferramenta de investigação, mas configura-se como uma experiência que integra a memória do que aconteceu, norteando com mais clareza os próximos passos e ações. Portanto, é algo que não se limita ao registro de informações, mas que se trata da produção de memórias baseadas em ações e concretudes, e do entrelaçamento de vozes e experiências (MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014).

Vale ainda salientar que a escrita é um processo em que o pesquisador organiza as ideias e reflete, ao mesmo tempo em que escolhe o que considera pertinente ser registrado. Dessa forma, o texto escrito é também um texto dialógico, polifônico já que traz várias vozes e

impressões construídas nas relações com os sujeitos, contextos, pesquisadores, autores – os interlocutores da pesquisa (BAKHTIN, 2011; 2017).

4.4.2 Seleção do material midiático utilizado

Uma atividade que atravessou a pesquisa desde o primeiro momento até o final, foi a seleção do material midiático utilizado como disparador das discussões nos encontros com os participantes. As reportagens, vídeos e imagens escolhidos justificam-se, primeiramente, pela escolha da discussão que tem como base o apelo da mídia popular “policial”, por vezes até mesmo sensacionalista, que através de suas estratégias, realiza edições, inversões e destaques nada imparciais. Assim, são criados cenários através da abordagem direcionada às informações. Cenários esses, ideologicamente construídos e que, por vezes, utiliza o jovem de periferia como protagonista da realidade de violência, reforçando e retratando o ciclo da criminalização dessa juventude (ZAFFARONI, 2012; FREIRE, 2014; SÁ MARTINO, 2014; MENDES, 2017).

Foram selecionadas então, notícias nacionais, regionais e locais que tinham como característica principal a juventude como protagonista de episódios tidos como criminosos. Em uma pré-seleção, foram escolhidas algumas notícias online nacionais emblemáticas e atuais que envolviam jovens pobres relacionados a casos de violência e geraram polêmica no país, assim como trechos de programas televisivos policiais com audiência nacional.

No âmbito das notícias locais, foram selecionadas reportagens de portais online altamente consumidos na cidade, dando preferência a episódios que ocorreram na própria comunidade ou com jovens da comunidade e periferias da região. Em ambos os casos, um crivo importante foi a presença de imagens, vídeos e linguagem simples e acessível, pois são elementos que poderiam enriquecer os disparadores das discussões.

Esse momento de pré-seleção foi realizado através de discussões e reflexões ocorridas nas reuniões de orientação, onde debatíamos sobre a importância, potência, relevância e possibilidades de cada parte daquele material midiático. Assim, pudemos afunilar as escolhas e definir, a princípio, o material que serviria como base para as discussões, porém, cientes de que o posterior aval e intervenção dos participantes sobre aquele material seria essencial e completamente desejável, considerando a natureza da pesquisa compartilhada e dialogada que nos propomos a realizar (BAKHTIN, 2011;2017; FALS BORDA, 1999).

Em uma ação inspirada pelas ideias de participação, dialogismo e uma linguagem viva (BAKHTIN, 2011; 2017; FALS BORDA, 1999), a seleção desse material que posteriormente foi utilizado nos grupos de discussão se deu então, não só nesse primeiro momento, mas

principalmente através do longo movimento de familiarização dialogado, aproximação, observação, identificação de recursos, possibilidades e registro. Foi uma escolha que se iniciou na idealização da pesquisa e foi sendo modificada pelos participantes durante todo processo até o último dia de intervenção.

Uma escolha verticalizada, que não passasse por esse contato com os sujeitos e o campo, poderia resultar em escolhas desprovidas de sentido, que desencadeariam numa ação incoerente em relação às direções éticas e metodológicas que nos embasam. Sendo assim, os vídeos e fragmentos de reportagens utilizados foram modificados a partir das interpelações realizadas pelos participantes, que deram o tom da pesquisa, conforme será apresentado no decorrer da apresentação da ação realizada com os jovens.

4.4.3 Os grupos de discussão

Em um segundo momento da pesquisa, após o convite aos participantes, ocorreram os encontros dos grupos de discussão, através dos quais as atividades da intervenção foram realizadas de forma mais objetiva em conjunto com os sujeitos. Além da pesquisadora e co-pesquisadora, participaram dos grupos, com pequenas variações entre os dias dos encontros, uma média de cinco jovens. O espaço utilizado foi a biblioteca comunitária da ONG. Os sete encontros, que tiveram duração de, em média 60 minutos, foram gravados em áudio, registrados através do DC, e posteriormente transcritos e analisados através de uma análise de conteúdo temática (GOMES, 2009).

Goig (2004) conceitualiza os grupos de discussão como um espaço de conversação. Não há um conceito cristalizado ou procedimentos específicos a serem seguidos, mas de forma geral, trata-se de uma reunião de aproximadamente sete a dez pessoas que se encontram para conversar sobre o tema proposto pelo pesquisador, que orientará e mediará o debate. A conversa deve ser conduzida de forma leve e em um ambiente que proporcione um clima em que os participantes se sintam confiantes e confortáveis para expor seus pontos de vista e compartilhar suas ideias

Os grupos de discussão são então um recurso metodológico que consiste em uma atividade que se interessa pelas construções de sentido coletivos. Diferente de uma entrevista em grupo, por exemplo, o grupo de discussão permite que os participantes troquem ideias entre si, discorrendo e debatendo em conjunto sobre o tema em questão (WELLER, 2006).

Com a permissão dos participantes, além de registrados em DC, os encontros foram gravados em áudio. Todos os dias, antes de iniciar os grupos, era pedida a permissão dos jovens

para iniciar a gravação, explicando que seria utilizada apenas para os fins da pesquisa, e informado que eles poderiam solicitar que a gravação fosse interrompida a qualquer momento. Com o registro através da gravação e transcrição, foi possível ter acesso ao conteúdo do que foi dito durante os encontros, sendo possível assim analisar as falas em seu momento e contexto de produção.

4.4.4 Análise dos dados da pesquisa

Para análise dos dados qualitativos dos grupos de discussão, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo do tipo temática, possibilitando, assim, uma maior compreensão sobre o material coletado (GOMES, 2009). Essa análise culminou com a construção das categorias analíticas que foram determinadas *a priori* e *a posteriori* da realização da pesquisa de campo, a partir da literatura base, OP, diário de campo e o material dos grupos de discussão, totalizando 3 categorias.

Para tanto, as seguintes etapas construíram o processo de análise do material: 1) transcrição dos grupos de discussão; 2) construção do banco de dados; 3) construção das categorias de análise. Para esta última etapa, foi efetuado o seguinte processo: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, a partir das referências bibliográficas na área. Todo o material foi analisado pela pesquisadora e pelos pesquisadores orientadores.

4.4.5 Ética, sigilo e consentimento ou “O que faz no rolê, fica no rolê”

Burocraticamente, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os jovens participaram dos encontros da pesquisa mediante a assinatura de termos de assentimento, e de consentimento por parte de seus responsáveis, já que se tratavam de menores de idade. Compreendendo que a dimensão ética e consensual de uma investigação que se propõe a ser participativa ultrapassa a assinatura de termos e burocracias, envolvendo questões muito mais complexas do compromisso entre pesquisador e participantes, é importante ressaltar que o processo de consentimento aconteceu ao longo de todo o percurso da pesquisa (SOUZA, CARVALHO, 2016).

Os termos de assentimento foram enviados aos pais com um bilhete anexado, em que era explicado do que se tratava o documento e com a oferta da possibilidade de uma visita para

esclarecer melhor sobre a pesquisa. Quanto aos jovens, no primeiro encontro, antes da assinatura dos termos, foi explicada a proposta e processo de pesquisa, e no que implicaria a participação deles. Na tentativa de uma aproximação com suas realidades vivenciadas, foi feito um paralelo com os trabalhos que eles realizam na escola, pontuando as diferenças.

Ao início de todos os encontros, antes de iniciar a gravação, era pedida a autorização dos jovens, deixando claro que poderiam solicitar a pausa da gravação ou desistir de participar do encontro a qualquer momento. Além disso, também era retomada a todo encontro a importância do sigilo do que era discutido nos grupos, respeitando as experiências trazidas pelos colegas. Jaya, um dos jovens, resumiu essa discussão como “*o que faz no rolê, fica no rolê*”.

O processo de intervenção, de análise e escrita ocorreram buscando respeitar os limites e as trajetórias dos participantes, na medida em que os procedimentos foram sendo aceitos, consentidos e fazendo sentido para eles. A busca foi sempre pelo compromisso com o discurso desses jovens (SOUZA, CARVALHO, 2016).

5 OS ENCONTROS DO CAMPO: CONSTRUINDO A INTERVENÇÃO

Neste capítulo será apresentada a pesquisa em todo seu processo de feitura no campo, desde o processo de familiarização com a ONG, a comunidade e os participantes até o que foi proposto nos grupos de discussão. O caminho será descrito dando destaque às negociações, desafios que foram sendo costurados pelas possibilidades do campo e pelos movimentos da pesquisadora e dos sujeitos de pesquisa. Esse movimento dialógico e reflexivo foi sendo construído com base na inspiração de uma pesquisa compartilhada com o campo e os participantes, onde suas vozes dão o tom às direções da intervenção e narram, em diálogo com o pesquisador, o percurso do trabalho (BAKHTIN, 2011; 2017). Para isso, serão utilizados como base para esse texto, os registros dos DC.

O acesso a esses registros é fundamental para que se compreenda melhor as escolhas dos caminhos metodológicos tomados ao longo do processo, tendo em mente os conceitos que delineiam a construção da pesquisa. Primeiramente será retratada a descrição do processo de aproximação e inserção em seus impasses, desafios e negociações, utilizando como base os registros do DC, narrados em primeira pessoa através de uma linguagem mais informal. Em seguida, será apresentada a descrição das principais estratégias e ferramentas utilizadas para embasar as intervenções.

5.1 MERGULHANDO NO CAMPO E COSTURANDO PARCERIAS

5.1.1 A aproximação com a ONG

O acesso aos jovens através dessa ONG local partiu da ideia de que o contato com os participantes pudesse ser algo menos burocrático e com menos interferências institucionais. A partir de então comecei a buscar referências dessa instituição e sobre o seu representante para uma possível aproximação. Entrei em contato com o representante da ONG, me apresentando e mostrando de forma resumida a ideia do projeto. Marcamos uma reunião para que pudessemos conversar melhor. Nesta reunião, Luiz, o representante da ONG e líder comunitário, acolheu o projeto e se mostrou disposto a colaborar com o que fosse necessário.

A partir desse aceite e contato com Luiz, busquei conhecer melhor a história da comunidade e da ONG. Isso foi possível a partir da disponibilidade desse líder comunitário que foi a “pessoa chave” para minha entrada no campo, e do meu movimento de participação nas atividades da instituição, sempre com o cuidado de marcar minha posição para não ser

compreendida como mais um membro da ONG, nem como uma pessoa supostamente “neutra” e “de fora” que estaria em busca de um mero objeto. Foi necessário dosar esse envolvimento para demarcar minha posição nesse primeiro momento. Ao longo dos encontros e reuniões eu pude ter acesso aos espaços físicos e aos acervos de fotografia da ONG, assim como sua forma de operação, sua história, parcerias, o público e as oficinas realizadas.

Conhecendo um pouco mais o campo em suas possibilidades, compreendendo melhor como funcionavam as atividades e o perfil dos jovens que frequentava cada uma delas, pude começar a elaborar possíveis caminhos para tentar construir uma aproximação com eles. Pude também pensar um pouco mais concretamente em possíveis direções para minhas ações enquanto pesquisadora que busca um diálogo com esse campo.

As oficinas oferecidas, em que os jovens participam mais ativamente, são as de percussão e de hip-hop. Segundo Luiz, participavam dessas atividades, jovens entre 13 e 17 anos em situação de “vulnerabilidade social”. Esses jovens seriam identificados e convidados a participar dessas oficinas através dos profissionais do CRAS, ou por uma vinculação anterior à ONG.

Além de ter me interessado bastante pelo histórico de trabalho comunitário que permeia toda a história da ONG, percebi que muito provavelmente encontraria ali ricas possibilidades de troca com os jovens, além do espaço físico e apoio da instituição. Através dessa parceria, eu teria também a “credencial” necessária para começar a circular nos espaços da comunidade e conhecer as pessoas. A parceria foi então firmada “burocraticamente” através da assinatura do termo de compromisso.

Esse primeiro momento pode ser definido como um tempo de observação e negociações com a instituição, onde transitei entre uma posição de abertura e disponibilidade de inserção nas atividades da ONG, e uma postura de precisar demarcar algumas diferenças entre a natureza da pesquisa e as direções pedagógicas e morais ali presentes. Pontuar a minha proposta de intervenção como sendo algo participativo e focado na voz dos jovens foi um processo gradual e lento.

Durante esse processo, pude identificar elementos interessantes do próprio campo que poderia utilizar nos grupos de discussão, a depender do interesse e sentido dessas possíveis ferramentas na realidade dos jovens. Entre esses elementos, está o informe comunitário de distribuição local produzido pela ONG anualmente para divulgar suas atividades: o jornal “Fala Boa Esperança”. Se tratava de um outro veículo em que os jovens apareciam realizando suas atividades e habilidades, ou seja, uma representação diferente da que é apresentada cotidianamente através dos meios de comunicação de massa.

Outra questão que apareceu como um outro elemento possível de ser utilizado na intervenção foi o carnaval e toda a construção do enredo e do desfile como um todo, por também se tratar de outra forma de representação. Porém, a ideia foi sendo descartada na medida em que foi possível notar que os desfiles de carnaval, assim como outras atividades da ONG, são conduzidos de forma mais verticalizada pela gestão, contando com participação bastante limitada da juventude no âmbito das decisões.

Particpei ainda de outras reuniões com Luiz para conhecer melhor os espaços e a história da ONG naquela comunidade. Em outro momento, circulei com ele pelo bairro, e esse foi um momento muito importante para que eu pudesse compreender melhor sobre as origens do histórico religioso e comunitário que caracteriza o trabalho da ONG. Nascida através de um grupo de jovens da igreja com o desejo de democratizar a educação, a organização foi crescendo com a ajuda da comunidade, se tornando um projeto pedagógico, cultural e educativo.

Mesmo com o termo já assinado e a parceria firmada, participei também de uma reunião com a equipe da ONG para apresentar oficialmente o projeto aos demais membros e monitores, que foram igualmente receptivos. Durante esses encontros e reuniões, foi possível notar que a suposta falta de adesão, aproximação e participação da juventude é uma queixa frequente no espaço institucional da ONG. Ao mesmo tempo, pude observar que as decisões tomadas nesse espaço sobre atividades com a juventude partem de um crivo influenciado pela linha de pensamento atravessada pela religiosidade e moralidade.

Sendo assim, acaba existindo uma limitação da participação dos jovens na construção das atividades. Em determinado momento da reunião foi dito que algumas músicas de *funk* e *rap* que os jovens querem ouvir não são permitidas naquele espaço, nem mesmo em momentos de comemoração, por conta do conteúdo sexual. Essa passagem ilustra como alguns assuntos presentes na realidade dos jovens como a sexualidade, por exemplo, acabam sendo evitados por conta desse crivo moral.

Em certo momento desses encontros foi expressa também uma outra questão a se considerar: a existência de jovens “perdidos” e dos “bonzinhos”. Com os primeiros, que seriam os meninos envolvidos pelo tráfico e/ou pelo uso de drogas, não existiria uma aproximação. A ONG então se dedicaria aos segundos.

Por fim, o processo de aproximação com a instituição foi marcado pela abertura e disponibilidade, assim como a necessidade de negociação e reflexão sobre as minhas ações enquanto pesquisadora. Ao mesmo tempo em que definia limites que delineavam minha posição no campo, foi construída uma relação que possibilitou uma autonomia essencial na tentativa de realizar uma pesquisa que pudesse seguir seus próprios caminhos em diálogo com os jovens.

5.1.2 A aproximação com os participantes

Antes de descrever o processo de aproximação com os jovens, para facilitar a leitura a oferecer um breve panorama das vozes envolvidas em toda essa construção, apresento um quadro descrevendo os nomes fictícios dos participantes (escolhidos por eles) e demais atores que compõe a teia de relações da pesquisa:

Quadro 1 – Atores da pesquisa

Nome Fictício	Descrição
Luiz	Líder comunitário e membro da ONG
Allana	Monitora da oficina de percussão da ONG
ana	Psicóloga e Educadora Social do CRAS
Lana	Monitora da oficina audiovisual da ONG
Ana	Psicóloga e co-pesquisadora
Pablo	Jovem participante, 15 anos, negro
Dênis	Jovem participante, 15 anos, branco
Jaya	Jovem participante, 15 anos, negro
Rony	Jovem participante, 16 anos, negro
Scot	Jovem participante, 16 anos, branco
Leandro	Jovem participante, 16 anos, negro
Hualter	Jovem participante, 14 anos, negro

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Após alguns meses desse processo de negociação, vinculação e confiança com a instituição, pude adquirir um pouco mais de autonomia para circular na comunidade e pelos espaços. Nesse momento busquei conhecer os jovens para ter um primeiro contato mais direto. Para isso, com a autorização de Luiz, comecei a acompanhar a oficina de percussão. Através do contato com Allana, a monitora dessa oficina, participei pela primeira vez da atividade e pude começar a conhecer os jovens a partir daquele espaço.

Foi possível observar que Allana tem um vínculo bem horizontal e estreito com o grupo, o que me fez perceber que ela poderia ser uma importante parceira nesse processo de contato e aproximação com os jovens. Nesse primeiro dia, pedi que Allana cedesse um momento da oficina para que me apresentasse brevemente aos jovens, apenas pedindo permissão para que eu estivesse ali os acompanhando e observando as atividades, pois não me senti confortável para “invadir” aquele espaço essencialmente deles sem pedir licença. Sendo assim, me

apresentei brevemente a eles como estudante, dizendo que me interessava pela juventude e estava ali para conhecê-los e participar das atividades que eles fazem na oficina, caso permitissem.

Os jovens permitiram minha presença, e se mostraram atentos e curiosos (cutucavam e comentavam com os colegas enquanto eu falava) como se aquele pedido de licença fosse algo estranho e novo. Acredito que foi um momento essencial para possibilitar o início de uma relação mais horizontal, em que suas vozes fossem importantes. Ao fim da minha fala, questionaram se eu não ia perguntar sobre seus nomes - era óbvio, como eu estava ali para conhecê-los e nem perguntava os nomes? Estava posta a primeira interpelação direta daqueles sujeitos em minha ação, marcando a importância da sua presença e dos seus nomes. Fizemos então uma breve apresentação e a oficina seguiu.

Alguns meses depois desse primeiro contato, pude me fazer mais presente nas oficinas de acordo com a aproximação e abertura por parte dos jovens, em nossas graduais interações e na medida em que nos familiarizávamos com a presença uns dos outros. Era como uma troca: uma pergunta sobre mim daqui, uma brincadeira dali, e assim fomos nos aproximando. Nesse processo de aproximação, foi possível também criar um vínculo com Luciana, a Educadora Social do CRAS, onde acontecem as atividades da ONG. Esse vínculo foi extremamente importante, pois Luciana se trata de uma pessoa muito querida pelos jovens, e pôde mediar questões práticas essenciais para a feitura dos encontros.

Tive também uma conversa com a coordenadora do CRAS, explicando sobre a pesquisa e a minha presença ali, buscando evitar qualquer possível mal-estar burocrático. Nesse encontro, me foi indicado que procurasse por Lana, a monitora das oficinas audiovisuais que também aconteciam no CRAS em parceria com a ONG. Segundo a coordenadora, suas oficinas “combinavam” com a ideia da pesquisa, e além disso, ela estava produzindo um clipe musical com os jovens. Procurei por Lana, que foi muito solícita. O contato com ela foi marcado pela troca e negociação, onde eu me comprometi a colaborar com a feitura do clipe e das oficinas como pudesse, na contrapartida de acompanhar e participar das atividades. Iniciei minha participação nas oficinas audiovisuais acompanhada por Ana, uma amiga psicóloga da época da graduação que sempre se mostrou interessada pela temática das juventudes, e que aceitou o meu convite de ser co-pesquisadora nesse estudo. Ana foi uma parceira essencial, colaborando com suas observações e pontuações até o final do processo de campo.

A participação dessas atividades mais dialogadas me permitiu assumir uma posição mais ativa e participativa na medida em que tanto eu quanto os jovens já nos sentíamos mais confortáveis para interagir uns com os outros. A conversa, a troca, a interação pelo diálogo possibilitou o início da construção de laços mais estreitos e de mais confiança de ambos os

lados. Foi possível que nos aproximássemos mais – se antes mal notavam minha presença, agora me abraçavam e me identificavam como “tia”. Isso permitiu um movimento no campo em direção ao convite para as atividades da pesquisa.

5.1.3 O convite para a roda de conversa

Após quase um ano de trabalho de campo buscando formas de aproximação com os jovens e lapidando os laços com a ONG e os demais atores envolvidos, convidei os possíveis participantes para uma roda de conversa informal com o objetivo de conhecê-los melhor, explicar sobre a pesquisa, convidá-los, e compreender um pouco a relação deles com a mídia, buscando me informar sobre o que eles consomem. Para que essa conversa fosse possível, foi necessário negociar com Luciana e Luiz sobre o melhor dia, o melhor horário e o local onde esse encontro poderia acontecer. Além disso, foi necessário pensar no cenário que compôs a conversa: quem estaria presente? Como fazer para que eles se interessassem e comparecessem? Apenas a minha presença seria suficiente ou caberia, nesse primeiro momento, a presença de uma das monitoras, já que sua relação com eles é marcada pela horizontalidade, confiança e abertura – justamente o que eu buscava, como uma ponte para que eu e eles nos sentíssemos mais seguros?

Nessa conversa informal ocorrida na biblioteca comunitária, optei por permitir a presença de Allana, me baseando na ideia de que ela seria a pessoa ideal na construção de um clima de segurança para mim e para os jovens nesse momento em que estaríamos mais próximos pela primeira vez. O convite foi realizado no CRAS, em um momento onde os jovens estavam reunidos aguardando o início de uma oficina, e foi reforçado por Luciana, o que acredito ter sido essencial para que eles comparecessem.

O objetivo dessa primeira atividade foi ter um contato mais próximo e direto com os jovens, possibilitando um espaço para conversar sobre juventude e mídia, discutindo sobre os veículos de mídia que consomem ou que são consumidos em suas casas e sua comunidade. Esse encontro foi essencial para que fosse possível ouvi-los e esboçar uma intervenção com material midiático que fizesse sentido para discutir as representações de violência e juventude com os participantes em sua realidade (FALS BORDA, 1999; MONTERO, 2006).

Nesse espaço foi possível que nos apresentássemos, nos conhecêssemos melhor, e que eu pudesse conversar sobre a pesquisa aos jovens, convidando-os a participar. Por conta disso, tratou-se de uma conversa mais livre, aberta e informal, com a participação de todos os jovens que demonstraram interesse ou curiosidade. Esse primeiro encontro foi registrado apenas

através das anotações do DC, sem gravação em áudio. Destaco a partir daqui, com base nos registros do DC, alguns pontos marcantes dessa primeira conversa que foram determinantes para os próximos passos da pesquisa.

Desde o início da conversa, a internet apareceu como protagonista nas falas. O uso dos grupos de *Whatsapp* como fonte de informação e circulação de notícias foi unânime. Ao questionar a fonte das notícias compartilhadas pelos grupos, logo os dois principais portais online da cidade foram citados. Os jovens disseram também que ficam informados através “*das mães, avós e aqueles colegas que sabem de tudo*” (Trecho do DC). Pergunto a eles como essas pessoas, que também são fonte de informação para eles, ficam sabendo das notícias, e novamente os portais online da cidade são citados, juntamente com um programa local policial de rádio e “*uns jornais do SBT*” (Trecho do DC). Tanto os portais locais quanto um jornal do SBT já faziam parte da pré-seleção do material que seria utilizado posteriormente nas intervenções.

Apesar de relatarem não assistir a esses jornais televisivos por muito tempo por acharem “chatos”, ficou muito claro que esses fazem parte de suas vidas através dos seus familiares, e que a TV em casa está sempre sintonizada nesses programas. “*Perguntei o motivo de considerarem esses jornais chatos, e um deles logo disse que ‘só tem tragédia, é só morte e violência, coisa boa não mostra*” (Trecho do DC). Criticaram também os apresentadores dos jornais televisivos, dando destaque aos âncoras do “Primeiro Impacto”, programa presente na pré-seleção midiática da pesquisa: “*aquele Dudu Camargo é insuportável, fica falando umas coisas nada a ver [...] depois tem o outro apresentador que troca com ele, o que fala que ‘não vou ficar passando manteiga no bigode do gato*” (Trecho do DC).

Conversando sobre a mídia local, alguns dos jovens demonstraram desconforto com a abordagem das notícias sobre o bairro: “*quando fala que é Boa Esperança é só tiro e morte ou então campanha política*” (Trecho do DC). Outro destaca que notícia sobre o bairro é “*só de morte, tiroteio e carnaval*” (Trecho do DC). Enquanto acontece esse movimento de crítica, alguns outros questionam os colegas sobre a mídia apenas mostrar o que realmente acontece, sinalizando que o bairro é realmente violento. Os outros rebatem dizendo que não é só isso que existe para ser mostrado. Esse movimento de discussão foi bem interessante para perceber que logo no início já apareceram visões distintas sobre a abordagem midiática local.

Outro ponto interessante dessa conversa inicial, foi que eles começaram desconfiados com a ideia de participar da pesquisa, mas ao longo da conversa, na medida em que avançamos na conversa e que entenderam melhor do que se tratava, pareceram ficar crescentemente animados com a proposta. Um dos jovens, muito empolgado, divertiu os colegas dizendo “*vou*

ficar famoso!” (Trecho do DC) quando eu mencionei que a pesquisa seria baseada nas discussões que iriam surgir de acordo com o que eles pensam sobre o assunto.

O conteúdo das discussões levantadas pelos jovens logo nesse primeiro dia direcionou muito as minhas ações sobre o que ocorreria nos encontros seguintes, iniciando esse processo mais direto de troca. Foi possível perceber também que a discussão era algo do interesse deles e que fazia sentido em suas realidades. *“Achei que eles trouxeram elementos muito interessantes e que teremos muito material para discutir, e principalmente que a discussão faz sentido para eles. Acho que foi iniciado um vínculo que precisará ser muito bem cuidado”* (Trecho do DC).

A partir dessa conversa, bem como todo o percurso até então realizado, foi possível finalmente convidá-los para participar da pesquisa e ter um embasamento para esboçar a intervenção de acordo com suas realidades. Trata-se realmente de um esboço, já que o diálogo e o atravessamento das vozes e dos sentidos produzidos por eles guiaram as ações.

5.2 APRESENTANDO A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Serão apresentados aqui os direcionamentos que embasaram os encontros realizados com os jovens, divididos por eixos. É importante ressaltar que numa pesquisa de caráter participativo e inspirada no conceito de dialogismo de Bakhtin, os direcionamentos se tratam apenas de um esboço para delinear o trabalho, já que ao longo do tempo as interpelações dos sujeitos participantes foram atravessando e modificando as discussões, os caminhos e o material utilizado (SOUZA, CARVALHO, 2016). Sendo assim, como será possível notar a partir da apresentação dos resultados, muitos elementos foram fruto de sugestões dos próprios participantes ou de questões que surgiram durante o desenrolar das discussões.

Quadro 2 - Resumo da descrição dos encontros

EIXOS	ENCONTROS	DESCRIÇÃO
Eixo I	2	<p>Objetivo: Discussão da representação midiática nacional da juventude.</p> <p>Encontro 1: Apresentação de vídeos com trechos de falas de apresentadores de programas televisivos jornalísticos policiais em reportagens sobre jovens pobres que cometeram algum crime.</p> <p>Encontro 2: Apresentação de notícias impressas retiradas de portais online envolvendo jovens pobres que praticaram atos ilegais e que em seguida foram vítimas de violência, em contraste a notícias de jovens ricos cometeram crimes e ficaram impunes ou sofreram punições brandas.</p>
Eixo II	2	<p>Objetivo: Discussão da representação da juventude na mídia local.</p> <p>Encontro 3: Apresentação de reportagem local sugerida pelas jovens no eixo anterior, seguida de reportagens e comentários de portais online locais sobre os jovens das periferias da cidade.</p> <p>Encontro 4: Apresentação de notícias e comentários de portais locais online sobre operações policiais nas praças centrais frequentadas pelos jovens das periferias.</p>
Eixo III	3	<p>Objetivo: Discussão sobre conteúdos com os quais os jovens se sentem representados e identificados, esboçando alternativas e caminhos de ação.</p> <p>Encontro 5: Apresentação de material trazido pelos jovens como conteúdo em que se sentem representados.</p> <p>Encontro 6: Escolhas editoriais do “Jornal Boa Esperança”, criado pelos jovens.</p> <p>Encontro 7: Apresentação da versão final do “Jornal Boa Esperança” e finalização das atividades com a síntese das questões levantadas durante os grupos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Tomando como base as discussões e informações construídas através da roda de conversa sobre os veículos midiáticos mais consumidos pelos jovens, a comunidade e seus familiares, alguns eixos de intervenção foram formulados. No primeiro eixo, a proposta para os dois primeiros encontros girou em torno da discussão da representação midiática nacional da juventude, já que muitos dos meios apontados como sendo consumidos com mais frequência, tratavam-se de noticiários televisivos de circulação nacional.

Primeiramente, o objetivo da discussão foi debater sobre a descrição dos apresentadores a respeito dos jovens pobres suspeitos de algum crime, já que no encontro-piloto comentaram se incomodar com esses apresentadores e seus bordões e “brincadeiras”. Durante a roda de conversa, os jovens apontaram que o noticiário televisivo mais assistido em suas casas é o matinal “Primeiro Impacto”, exibido pela emissora SBT, seguido do “Balanço Geral”, exibido pela emissora Rede Record de Televisão. Foram apresentados então, através da TV da biblioteca, trechos de alguns programas em que são utilizados esses bordões e “brincadeiras” ao narrar a notícia do crime. Três vídeos foram selecionados, entre eles, dois foram retirados dos programas apontados pelos jovens como mais assistidos em suas casas.

No segundo encontro desse eixo, a proposta se baseou na discussão sobre notícias emblemáticas envolvendo jovens que praticaram atos ilegais e que em seguida foram vítimas

de violência, em contraste com notícias em que jovens ricos cometeram crimes e ficaram impunes ou sofreram punições brandas, para que analisem as imagens e a linguagem utilizada. As notícias utilizadas foram retiradas de portais online.

Nesse segundo momento, o objetivo foi tornar o debate mais “complexo”, inserindo mais claramente a questão da violência e da pobreza. As reportagens foram impressas e expostas na roda, deixando que os jovens lessem e explorassem livremente, gerando debate. Primeiro foram apresentadas as notícias dos jovens ricos como autores, e em seguida a dos jovens pobres como autores/vítimas. Ao final de cada encontro desse eixo, foi proposta a ideia de que selecionassem a reportagem que mais chamou a atenção, e fizessem um comentário, ou recontassem aquele fato da forma que achavam mais adequado.

Com base nas discussões geradas no eixo anterior, nesse segundo eixo, a proposta foi trabalhar as notícias locais, também apontadas pelos jovens como sendo bastante consumidas por eles e pela comunidade. Composto por dois encontros, a ideia desse eixo foi aproximar a discussão da realidade da cidade e do bairro, abordando de forma mais direta a questão da violência e da criminalização da juventude pobre através da mídia na cidade, investigando sobre como essa questão atravessa as vidas dos participantes em suas histórias e cotidiano.

Sendo assim, a ideia do primeiro encontro desse eixo (encontro 3) foi iniciar esse debate mais local, começando a aproximar a conversa da realidade da comunidade. O objetivo foi debater como esses jovens são representados na mídia local e se/como isso afeta a visão das pessoas em geral sobre essa juventude, utilizando os comentários deixados nas notícias. Para isso, iniciamos discutindo a reportagem que os jovens citaram nos encontros anteriores, que tem como tema o assassinato de um colega que fora exibida no “Balanço Geral - MG”, programa regional exibido pela Rede Record de Televisão. Em seguida, foram apresentadas notícias de um portal online local tratando da juventude das periferias em episódios de violência. As reportagens foram debatidas em sua linguagem através dos vídeos, áudios, imagens e comentários.

Em seguida, no segundo e último encontro do eixo 2 (encontro 4), trabalhamos com as notícias locais de operações nas pracinhas do centro da cidade. A partir das reportagens, discutimos sobre o jovem pobre ocupando os locais centrais, assim como os discursos e opiniões da população expressados através dos comentários. O foco foi a relação entre o acontecimento, o conteúdo, as vozes presentes e forma da reportagem, e a produção de discursos da população. As notícias de operações nas pracinhas ilustram de forma mais direta da criminalização do jovem pobre, e por esse motivo foram a escolha para fechar as discussões do eixo.

Por conta das experiências anteriores com reportagens impressas, em que os jovens não se adaptaram bem (como será possível notar durante a descrição dos resultados), dessa vez a escolha foi adaptar e exibir as notícias na tela da televisão nos dois encontros do eixo. Assim como nos dias anteriores, ao final de cada encontro, foi proposto que selecionassem a reportagem que mais chamou a atenção, e fizessem um comentário, ou recontassem aquele fato como considerassem mais adequado.

O objetivo desse eixo final, composto pelos três últimos encontros, foi realizar uma discussão sobre conteúdos com os quais os jovens se sentem de fato representados, esboçando alternativas e caminhos de ação. Após toda a discussão a respeito da ausência da voz do jovem nas notícias, a ideia foi tentar tecer outras formas de identificação. O material utilizado nesse eixo foi totalmente produzido ou trazido pelos participantes, desde as músicas sugeridas, até os vídeos gravados para o Jornal Boa Esperança.

A ideia para o primeiro encontro desse eixo (encontro 5) foi de discutirmos outras formas possíveis de se representar a juventude, utilizando sugestões trazidas pelos participantes. Para isso, pedi que sugerissem músicas, vídeos, filmes, personagens ou qualquer outro material através do qual se sentiam identificados e representados.

O segundo encontro (encontro 6) deu sequência ao encaminhamento do fechamento das discussões da intervenção através da edição do material de vídeo que os jovens criaram durante os grupos para o Jornal Boa Esperança. O objetivo foi de que fizessem suas escolhas de edição. Dessa forma, o encontro foi totalmente dedicado a esse processo de escolhas editoriais dos vídeos produzidos por eles. Todos os vídeos gravados foram apresentados aos jovens, permitindo que eles fizessem suas escolhas. O meu papel foi apenas de orientação e mediação.

No encontro final (encontro 7), o objetivo foi apresentar aos participantes a edição final do “Jornal Boa Esperança”, além de realizar uma síntese das discussões da intervenção, ou seja, organizar e expor as discussões que os próprios jovens foram tecendo ao longo de todos os encontros, para que fosse possível conduzir um fechamento dos nossos debates e atividades. Foi um momento de confraternização, reflexão e análise. Conversamos também a respeito de como eles se sentiram ao longo dos encontros, sugestões, impressões, críticas e ideias para possíveis futuras intervenções e os próximos passos da pesquisa.

6 O QUE OS JOVENS DISSERAM? OS DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM O DISCURSO MIDIÁTICO

Neste capítulo será exposto o diálogo entre o discurso midiático e os discursos produzidos pelos jovens a partir da discussão com o material apresentado através dos grupos de discussão. Se trata da tecedura da conversa dos participantes com as notícias, vídeos, imagens e textos midiáticos. O material deste capítulo foi construído com base nos registros dos diários de campo e, principalmente, nas transcrições dos encontros. Por conta de sua extensão, o material midiático utilizado será apresentado de forma editada ao longo do texto, sem que comprometa a compreensão do leitor. Esse material será disponibilizado na íntegra em anexo.

A partir dos principais temas que foram surgindo através da discussão de cada encontro, os resultados foram divididos em categorias e subcategorias temáticas – estas nomeadas com trechos de falas marcantes dos jovens. De acordo com essa organização, o material será apresentado. A primeira categoria é “Uma mídia que ignora histórias e violenta subjetividades, subdividida em “A culpa não é deles não! A vida que eles tem...” e “Podia até acontecer com um de nós”. A segunda categoria é “Bandidos ou “cidadãos de bem”? Uma identidade atravessada pela representação midiática, subdividida em “É osso, tia, escutar isso!”, “Nunca veio aqui e fala que aqui é perigoso!” e “Nós queremos nos apresentar para todos”. Por fim, a terceira categoria é “Que vozes representam essa juventude? Tecendo alternativas, identificações e resistências”, subdividida em “Por falta de condições a gente se limitou”, “Taca memes, tia!” e “Agora é a vez do jovem falar!”.

6.1 UMA MÍDIA QUE IGNORA HISTÓRIAS E VIOLENTA SUBJETIVIDADES

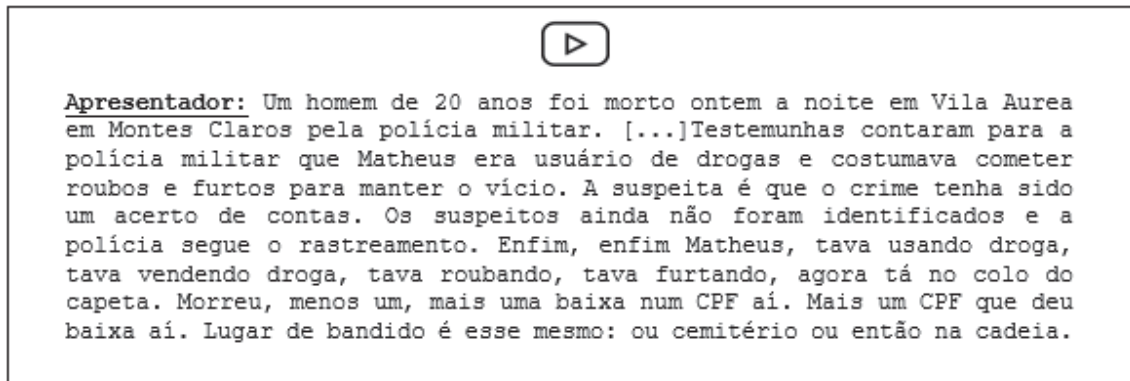
Nesta categoria serão apresentadas as principais discussões abordadas pelos jovens a partir do diálogo com as notícias apresentadas nos dois primeiros encontros. Em sua visão, muitas vezes a abordagem midiática é agressiva e deixa de considerar as histórias das pessoas que ali aparecem. Isso acaba por refletir nas experiências cotidianas narradas pelos participantes, marcadas por inúmeras violências e preconceitos.

6.1.1 “A culpa não é deles não! A vida que eles tem...”

No começo do primeiro encontro, sentados ao chão da biblioteca, os jovens pareceram muito inibidos e mal falavam ou respondiam ao que eu dizia. Mesmo tentando quebrar o gelo

e deixar que eles conversassem livremente no começo, ao abordar mais diretamente o tema do nosso encontro, as cabeças balançando afirmativamente e os olhares desconfiados predominavam naquela cena. Os três vídeos escolhidos para o dia foram exibidos em sequência sem pausas.

Imagem 1 – Transcrição do vídeo 1



Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de Balanço Geral MG (2019)

Imagem 2 – Transcrição do vídeo 2



Apresentador: Apreendeu mais de dois quilos de Maconha! E uma espingarda calibre 12 na noite de ontem no bairro Maria Andreas em Bahia. Gleidson dos Santos, 18 aninhos, disse à polícia que alguém, alguém... pessoal, presta atenção... alguém pediu para ele guardar... ((tom de deboche)) Guarda essa maconha pra você, só 2kg, você pode guardaaar? E quem acreditou? Ninguém. Vamos ver.

Repórter: Esses policiais militares que aqui estão da força tática conseguiram fazer a prisão desse homem que tem 18 anos de idade e apreender uma espingarda de repetição calibre 12, e quase 3kg de maconha. [...] Ele disse ao senhor porque estava usando essa arma de grosso calibre?

Policial: É... ele, é o que todos dizem, que alguém mandou guardar... ele disse que o pessoal tava pagando a ele para guardar todo esse material.

Repórter: E deu água pra ele porque quem está de plantão é Carlos Othon.[...]

Policial: ((rindo)) Isso, com certeza.

Repórter: [...] O que é que o senhor tem a dizer a respeito dessa prisão? ((pergunta ao jovem sentado, cabeça baixa e algemado))

Jovem: Nada a declarar não.

Repórter: Não é sua não? Alguém que deu pra você guardar, foi?

Jovem: Sei não.

Repórter: Você não disse para a polícia que tava guardando?

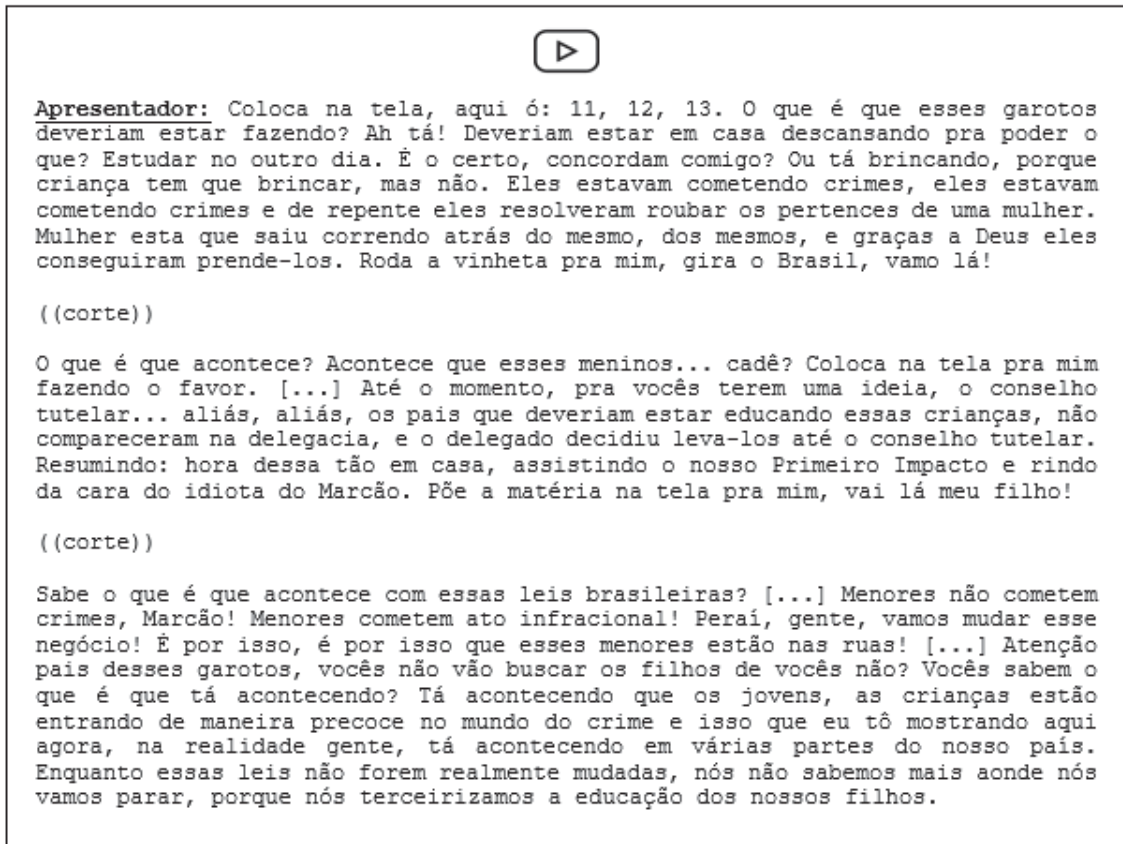
Jovem: Eu disse nada não. Disse que tava guardando não.

Delegado: Como a gente vê que a polícia militar faz uma apreensão dessa estirpe aí, tirando de circulação uma arma com grande poderio de fogo e também uma quantidade aí considerável de entorpecente... a gente fica feliz, a gente tá aqui é pra trabalhar mesmo. [...]

Apresentador: Minha gente, eu vou mostrar pra vocês o dono dessa maconha. Coloca a cara dele. Minha gente, isso é assustador... isso é assustador, isso é o Bjozo paraibano não é? Veja... veja o corte de cabelo. Pelo corte de cabelo, é um advogado? ((Produção responde: "Não!")) É um engenheiro? ((Produção responde: "Não!")) É um cirurgião dentista? ((Produção responde: "Não!")) É um maconheiro? ((Produção responde: "É!"))

Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de Cidade em Ação (2019)

Imagem 3 – Transcrição do vídeo 3



Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de Primeiro Impacto (2017)

As primeiras reações foram as seguintes: durante a exibição do vídeo 1, não houveram comentários, apenas olhares; no vídeo 2, os jovens riram das piadas do apresentador; já no vídeo 3, os jovens se identificaram, comentando entre si que os garotos que apareciam nas reportagens eram parecidos com os amigos.

Comecei a conversa perguntando o que mais chamou a atenção nos vídeos. Hualter foi o primeiro a responder, comentando sobre o terceiro vídeo: *“hoje em dia esses menino novo já tá começando a se envolver com essas vida aí, mexer com essas coisa”*. Dênis logo interrompeu: *“eu achei as palavras muito agressivas do primeiro lá, que o cara falou”*, e completou: *“coloca ele aí de novo pra senhora ver, tia”*.

A fala de Dênis fez com que os outros ficassem imediatamente falantes. Jaya menciona a falta de respeito do apresentador com a família do rapaz da reportagem: *“o cara não teve consciência com a família do menino, dos filhos, da família que tava passando maior aperto, aí o cara nem teve consciência do que ele falou, e falou um monte de coisa!”*. Nesse momento, Hualter se lembra do caso de um colega que morreu e teve uma reportagem exibida na TV, onde o mesmo apresentador do vídeo 1 comenta sobre essa morte: *“É mesmo, esse daí o que*

falou até do A. também, né!”. Foi uma reportagem que segundo eles causou muita revolta na família e nos moradores do bairro. Eles pediram para que eu procurasse esse vídeo para assistirmos, e eu, feliz por essa interpelação logo no início, me apressei em dizer que levaria esse vídeo em um próximo encontro para discutirmos, e assim fiz.

Revedo o vídeo 1, os comentários seguiram: *“Não! O cara fez errado? Tá bom, ele tá errado? Vai pagar! Mas não precisa falar assim desse jeito com a família do cara...”*, diz Jaya. Dênis completa o colega: *“Se ele era usuário, era com a vida dele, ninguém tinha nada a ver! Se ele roubava, [...] traficava [...], ia ter uma hora que a polícia ia pegar ele [...], ele ia sofrer com as consequências, ele não tem nada que falar assim das coisas dos outros não, eu acho isso muito errado!”*. Pablo também comenta: *“Esse aí só fala assim mesmo, tá tia? Ele fala que bandido bom é bandido morto”*. Questionei se aquele programa jornalístico costuma passar em suas casas, e todos responderam que sim. Muito envolvidos pela discussão, logo começam a comentar sobre o vídeo 3:

Travis: No último também... que ele falou das crianças lá ó, que ele falou que é pra tipo prender, fazer como faz com os de maior... pode não, tem que dar a chance pros molequinho, os molequinho tão entrando agora...

Jaya: A culpa não é deles não! A vida que eles tem...

Sobre o vídeo 2, o que mais incomodou foi a fala do apresentador sobre o corte de cabelo. Mesmo assumindo uma posição crítica sobre isso, os jovens riam enquanto comentavam sobre o assunto. Dênis diz: *“O segundo lá também, tia! O cara abusou do estilo do corte do rapaz lá, falou que ele é o Bozo”*. Pablo completa o colega: *“Pelo corte de cabelo não vai mostrar que você é bandido, não vai mostrar que você é um marginal! Vai mostrar o jeito que você é”*. Travis concorda: *“O seu jeito!”*.

Seguindo a discussão, pergunto aos jovens sobre a influência das falas dos apresentadores sobre quem está assistindo a esses programas: *“E vocês acham que a forma como esses apresentadores falaram aí influencia na forma das pessoas pensarem?”*. Todos concordam de forma inflamada, e pela primeira vez evocam a “justiça”: *“Eu se fosse um parente desses cara aí, eu ia entrar com um processo”*, diz Pablo. *“Eu ia processar, entrava na justiça!”*, *“Eu também!”*, seguem Jaya e Dênis, respectivamente. Esse apelo à justiça é algo que se repete bastante ao longo dessa e das demais discussões.

Comentando sobre a abordagem dos apresentadores, principalmente “Marcão do Povo”, o âncora do jornalístico matinal exibido pelo SBT (vídeo 2), começa a aparecer outra questão

interessante que volta a se destacar na fala dos adolescentes ao longo desse encontro e dos outros. A questão diz respeito aos âncoras ignorarem as histórias das pessoas:

Jaya: Eles julga muito as pessoas sem saber a história das pessoas...

Dênis: Eles julgam muito pela aparência, eles não vê primeiro não...

Jaya: ele vai olhar no histórico criminal da pessoa, vai achar um monte de coisa, ué! Agora, vai olhar na vida o que é que a pessoa passou!

[...]

Hualter: É, e tipo também tia, esses menino aí, os que entraram aí de 11, 12, 13 anos, eles nem devem saber por causa que eles tentaram assaltar a mulher. Nem sabe a caminhada desses menino aí!

A partir dessa discussão, sigo a conversa tentando compreender se existe identificação entre eles e os jovens mostrados nas reportagens: “*O que foi representado ali foram jovens, né? Vocês enquanto jovens se sentem mal por eles falarem dessa forma? Como vocês se sentem?*”. Jaya responde: “*Uhum! Eu me sinto mal, porque se fosse comigo? Eu não ia gostar que falasse assim comigo também não!*”. Dênis sinaliza identificação, porém não associa aquela imagem a ele diretamente: “*Eu me sinto mal porque ali poderia ter sido um parente meu ali no lugar daquele cara*”.

Jaya nesse momento fica bastante tocado pela discussão e faz uma fala bem interessante sobre a falta de suporte do Estado, e ao ser questionado pelos colegas sobre como ele acha que esses programas influenciam nessa questão, diz:

O governo não ajuda, não dá suporte pra população, aí a única maneira que tem é isso! Aí é por isso que o Brasil tem uma das maiores penitenciárias, negócio de presídio, pessoas mais presas no mundo! Porque a violência na cadeia, tem como não! O governo não ajuda o pessoal, aí dá nisso.[...] Eles tem hora que eles fala de negro. Se uma pessoa passa e vê um negro na rua com capuz, jeitinho de bandido [...], minha mãe fala pra mim “cê anda igual um bandido”! Mas ó, se passar alguém na rua cê vai fazer o que? Sua impressão... a primeira coisa que cê vai lembrar: “ah, aquele cara falou negócio de preto, bandido...”. Cê vai assustar! Os policiais já te deram informação errada influenciando os outros, aí cê vai ver a pessoa e vai pensar naquilo! Aí cê vai ficar com medo! Aí e a pessoa? Como é que vai ficar o sentimento da pessoa? Ele vai se sentir mal, porque tipo, cê passa pela pessoa achando que ele é bandido, sendo que a pessoa trabalha o dia inteiro [...], aí é osso! Dar opinião errada sem saber das coisas!

Nesse momento a discussão pareceu os afetar bastante. Alguns pareciam incomodados: mexiam em livros da biblioteca e abaixavam a cabeça. Mesmo assim, depois de um tempo se manifestavam dando alguma opinião ou contando alguma história. Muitas histórias e relatos

peçoais foram despertados a partir dessa fala de Jaya. Todos os relatos ficam marcados pela violência policial. “É osso tomar coça de polícia. Eles leva você pro bequinho, irmão”, diz Jaya. Dênis completa: “Bequinho? No meio da rua mesmo!”.

Dênis: É tia, é igual aconteceu uma vez, [...] a polícia foi dar batida lá. Foi muito, mas muito carro de polícia, helicóptero, foi tudo quanto é coisa lá! Aí, eles, lá... aí eu tava lá na casa da minha avó nesse dia [...], eles já chegaram no guarda-roupa assim, [...] na hora eu tava até dormindo, aí o policial pegou o cacete e tipo "pum" na porta! Quase quebrou a porta da minha avó pra me acordar, aí eu acordei assustado, aí depois eles começaram a jogar tudo pro chão, jogaram as roupas, tiraram as mala de cima do guarda-roupa, saiu pegando tudo, fez uma bagunça danada, depois eu que ainda tive que juntar! Aqueles filho da... [...] Não, e o engraçado é que nesse dia, o meu tio, ele ia trabalhar, aí ele sempre ia lá pra casa da minha vó pra pegar o almoço. [...] Aí ele ia lá pegar o almoço e tomar um café antes de sair. Nesse dia [...] minha vó teve que levar pra lá fora pro meu tio na porta, porque ninguém podia entrar e nem sair, aí nesse dia também, os homi mais um cadim eles queria revirar a comida da minha vó... Que a minha avó tava colocando. Na hora que o policial pegou assim a colher pra começar a revirar ali pra ver o que é que tinha, pra ver se tinha escondido alguma coisa, a minha vó falou "ô... ô senhor, pode ficar tranquilo que eu não vou esconder droga pro meu filho não, ele tá indo trabalhar, ele é um cara honesto, ele não é igual esses vagabundo que tem por aí não, ele é trabalhador!". O policial colocou a colher de novo. Não, aqui, naquele dia mais um cadim quebra a porta de minha vó, bagunçou a casa toda e ainda quase bateu na minha avó também!

Travis: Tomar coça de polícia aconteceu comigo e meu primo. Nós tava indo pra célula lá em cima lá, o carro de polícia tava parado e já tinha passado pela gente já, nós tinha acabado de sair de casa, todo mundo com a bíblia na mão subindo. Aí os policial parou a gente e nós tava com a bíblia debaixo da blusa, aí na hora que o policial botou a mão assim ele assustou, levantou assim rapidão e viu que era a bíblia [...]. Aí ele falou assim: “o que é isso no seu bolso aí?”, que eu tava cheio de pirulito no bolso, aí falei assim: “quer que eu tiro?”, aí ele meteu a mão assim, quase rasgando minha blusa já, ó!

Durante esses relatos de violência policial, um outro elemento aparece: as “credenciais” utilizadas para se proteger dessa violência, representadas por objetos que possuem determinadas representações sociais. Isso já aparece na fala de Jaya citada anteriormente, quando ele utiliza a noção do trabalhador, assim como na fala da avó de Dênis que consegue parar a revista policial no momento em que a marmitta, objeto muito utilizado pelos trabalhadores, é aberta por ele. Travis usa a figura do religioso através do objeto da bíblia, que o “diferencia” da imagem de bandido. Ao longo da conversa, aparece também a noção de “cidadão de bem”, construção também perpassada por essas e outras “credenciais” e objetos.

Quando questionadas as vozes que mais aparecem nas reportagens, Jaya e Dênis respondem, respectivamente: “Branco, branco.. E policiais”, “E valentões ricos”. Questiono então sobre a presença da voz dos jovens e a maioria dos participantes responde que eles não

tem voz nas reportagens. Travis questiona a opinião dos amigos dizendo que em uma das reportagens um jovem aparece. Nesse momento tento questionar Travis sobre a circunstância em que a voz desse jovem aparece. Nem precisei completar o questionamento e já fui completada pelos colegas:

Camila: A situação que ele tava ali...

Jaya: É meio crítica!

Travis: É, ele tava numa situação que qualquer coisa que ele falasse ia ser contra ele!

Pablo: Algum caso eu for preso igual esse cara ali do cabelão, eu não aceito nenhum deles filmar eu lá sentado, muito menos gravar minha fala [...]!

Jaya: Eu processava!

Nesse momento novamente alguns dos jovens recorrem à justiça como proteção contra a violação de direitos. Já nos encaminhando para o fim do encontro, peço que imaginem que são comentaristas do programa e escrevam um comentário sobre alguma daquelas reportagens. Fui surpreendida pela reação deles a essa proposta:

Hualter: Tia, eu não sei escrever não, tá tia?

Pablo: Ah, eu não gosto de escrever não!

Dênis: Ah, eu não gosto de escrever...

Travis: Eu acho chato escrever, tia!

Pablo: É melhor falar e você escreve!

Diante dessa negativa e da nova proposta feita por Pablo, deixei que eles assumissem as direções e me mostrei animada com a sugestão. Começaram então a narrar como abordariam as notícias. Pablo destaca a atuação da polícia e a necessidade do cuidado com os jovens acusados. Travis faz uma mudança semântica, acrescentando “*dizem fontes*”, retirando o tom de certeza do apresentador:

Pablo: Eu falaria tipo[...] Teve um roubo, aconteceu tal roubo de adolescente tal, três crianças, né? A mulher fala que roubaram ela e devia revistar eles pra ver se encontrasse alguma coisa de valor, tipo assim, alguma coisa que é dela neles. E tipo assim, investigasse eles morando na rua pra mandar de volta pra casa, mandar pelo menos pra, pra Casa Acolhedora! Coisa assim...

Travis: Eu falaria: “Jovem é baleado nessa noite com três tiros no peito e um na cabeça, um no pescoço. Deu um no pescoço e dois na cabeça. Jovem tem, é... Dizem fontes que jovem tem envolvimento com crime e é usuário de droga”

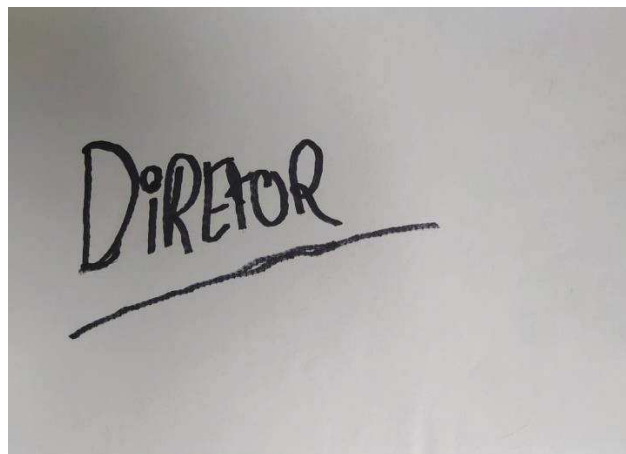
Em meio a essa atividade surge uma discussão sobre a falta de honestidade da polícia, sinalizando que as circunstâncias dos supostos crimes exibidos naquelas reportagens podem ter sido alteradas, o que despertou a exposição de mais relatos pessoais sobre abusos da polícia em suas abordagens. Jaya comenta que apesar de tudo isso, nos jornais os policiais aparecem “*como heróis*”. Ao mesmo tempo em que apontaram uma posição de revolta sobre a polícia, surge uma fala curiosa em meio a essa conversa: “*é por isso que eu quero ser policial!*”. A partir disso, todos os jovens começam a concordar e se identificar.

Nesse momento, fiquei surpresa, preocupada e um pouco confusa sobre como conduzir, então optei por apenas questionar os seus motivos. Questionados, responderam que querem assumir essa posição para “*ter patente*”, para em caso de violência “*puxar a carteirinha*”. Outros dizem que é para fazer diferente dos policiais que atuam hoje: “*fazer o certo e seguir a lei*” e “*não oprimir os meninos*”. Ao mesmo tempo em que o policial aparece como vilão, aparece em alguns momentos como possível herói.

Ao final do encontro retomamos a ideia de que seria interessante que eles fingissem que são comentaristas daqueles jornais e fizessem mais comentários. Ana, nesse momento traz a atividade para o concreto através de uma fala que representa uma virada nos rumos daquela proposta. Fingindo segurar um microfone, ela diz: “*Estamos agora ao vivo... qual é o seu nome?*”. A partir dessa fala os jovens começam a simular um jornal.

O movimento aconteceu de forma muito espontânea. Um logo diz que será o câmera, o outro diretor, e o outro repórter! Deixamos que eles conduzissem, prestando apenas um apoio e direcionamento. Scot se apressou em escrever sua função em um papel:

Fotografia 1 – Rascunho de Scot



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Assim nasce o “jornal” criado pelos jovens, nomeado “*Jornal Boa Esperança*”. Abraçando essa ideia que muito os animou, deixei novamente que conduzissem os rumos e propus que ao fim de todos os encontros eles gravassem vídeos com comentários sobre o conteúdo discutido, abandonando as outras propostas de atividades para o final dos encontros.

Nesse momento de simulação do jornal, Huelton se lembra que o meu celular está gravando nossas vozes, se aproxima e diz: “*Alô, alguém tá me escutando aí?*”. Eles precisavam falar, e eu percebi que isso é o que direcionaria os nossos trabalhos. Ao final do encontro todos pareciam muito envolvidos, me questionando sobre o próximo dia.

6.1.2 “Podia até acontecer com um de nós”

No segundo encontro os jovens já pareciam mais à vontade, mais soltos, ativos e participativos desde o início. Com todos aconchegados, os próprios jovens retomaram os “combinados” sobre sigilo que se resumem muito bem pela interpretação de Jaya: “*O que faz no rolê, fica no rolê!*”. Sendo assim, iniciamos a nossa conversa. O material que embasou o debate nesse dia foi impresso, e percebendo que no encontro anterior os participantes disseram não gostar muito de ler e escrever, procurei levar as notícias editadas com menos texto. Mesmo assim, receosa, e o meu receio se confirmou quando anunciei que discutiríamos notícias impressas:

Huelton: Mas você conseguiu trazer algum vídeo hoje?

Camila: São notícias hoje, notícias da internet...

Huelton: Cê vai mostrar pelo celular?

Camila: Eu vou colocar aqui pra vocês, eu imprimir elas pra ficar mais fácil [...]

Leandro: “Jovem morre após levar uma gravata de segurança em supermercado na Barra da Tijuca, veja o vídeo”

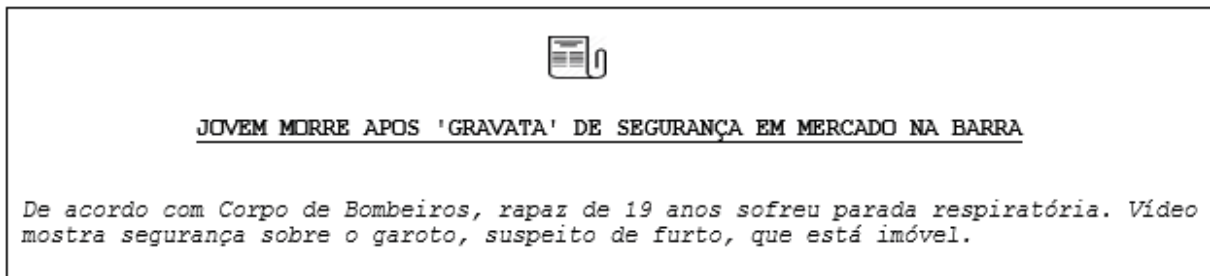
Leandro, Huelton, Scot, Jaya: Não tem como a gente ver o vídeo!

Percebendo que os meios digitais estão incorporados no consumo midiático daqueles jovens, me vi num impasse sobre como conduzir o restante do encontro. A leitura no papel era extremamente cansativa e “arrastada” para eles, o que se modificava quando liam através da tela do celular ou do monitor de TV. Diante da impossibilidade de acessar aquele material online no momento, criei estratégias para conduzir a discussão, como por exemplo, direcionar a leitura apenas às manchetes e trechos principais. Assim, o contato com o material fluiu um pouco melhor, mas ainda prejudicado. Isso me fez repensar nos próximos encontros onde

também seriam utilizadas notícias online impressas: decidi naquele momento que levaria as reportagens digitalizadas para exibir na TV, tentando ao máximo acrescentar vídeos.

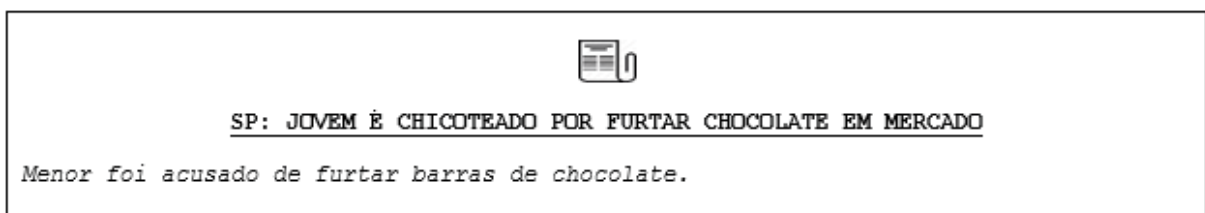
Primeiramente foram apresentadas as notícias sobre os jovens pobres, dispostas no chão para que os participantes explorassem livremente:

Imagem 4 – Manchete 1



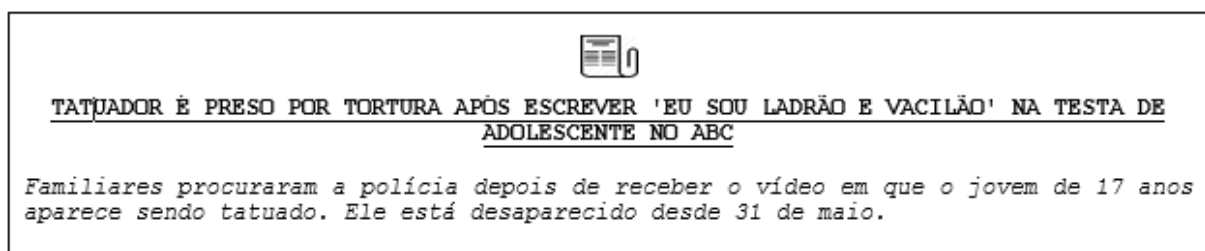
Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de G1 RJ (2019)

Imagem 5 – Manchete 2



Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de Istoé, O Dia (2019)

Imagem 6 – Manchete 3



Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de G1 SP (2017)

Eles reconheceram algumas das reportagens, e isso foi importante para que pudessem ficar mais interessados: “Ah, esse aqui já vi, já! O policial, ele tatuou na testa do menino”, disse Scot. Logo no início da discussão, alguns comentaram que em uma das reportagens havia a versão do jovem, como Pablo: “Ah, eu gostei dessa parte porque tem a parte dele, a versão

dele!. A partir desse momento, começaram a se referir aos jovens pobres como “*vítimas*” e aos policiais como “*acusadores*”.

Quando questiono se eles perceberam algo em comum nas três notícias apresentadas, Jaya se mostra bastante indignado. Dos colegas, foi o que mais pareceu tocado pelas situações apresentadas:

Camila: O que é que vocês tão vendo em comum nessas notícias?

Jaya: Agressão ao jovem! Tortura!

Huelton: Tortura...

Pablo: Ô tia, eu acho que, tipo assim, aquilo ali foi uma agressão de cintada, mas o cara, tipo...

Jaya: Cintada? Chicoteado, irmão! [...] Agressão, tortura... isso é tortura!

Começam então a dizer que os jovens são mais agredidos por conta de uma posição de fragilidade, sendo considerados “*bobinhos*” e “*vulneráveis*” pelas pessoas, mas ao mesmo tempo, Pablo tenta se distanciar pessoalmente dessa imagem:

Pablo: Uma coisa também que eu percebi, tia, é que a maioria dos atos que acontece assim, e tudo jovem...

Jaya: Jovens são mais agredido!

Scot: É porque eles pensa que os jovens são mais bobinhos [...], vulneráveis que eu ia falar [...]. Por isso que bate neles. Eu não ia abrir a boca.

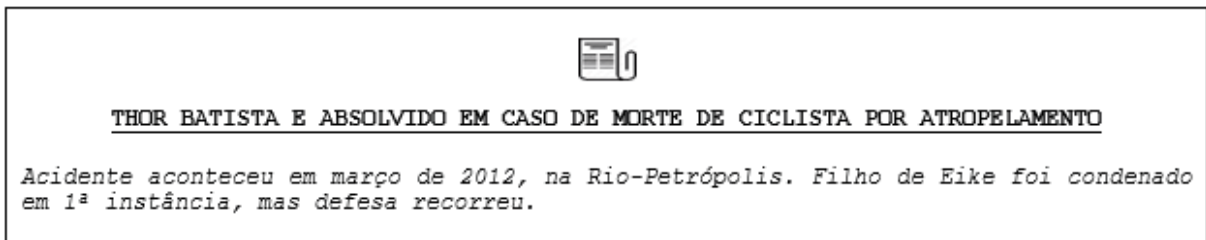
Leandro: É, alguns jovens não consegue se defender, né?

Scot: Isso, e também acontece alguma coisa com o jovem e ele tem medo de falar...

Pablo: Ah, se algum dia eu for preso e eles fazer isso comigo... ah, eu abro a boca, tenho medo deles não!

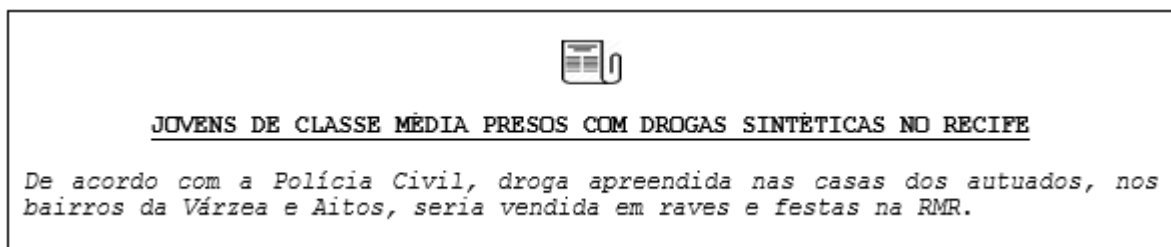
Os colegas não concordam com a posição de Pablo, dando a entender que se sentiriam ameaçados naquela situação e não falariam nada. Questiono então se o que aconteceu naquelas notícias poderia acontecer com qualquer jovem. A princípio, a maioria acena que sim. Dênis diz: “*Podia até acontecer com um de nós*”. Os posicionamentos dos colegas começam a aparecer a partir dessa fala. “*Depende*”, diz Leandro, completado por Jaya: “*Menos se for rico*”. Os colegas concordam com a opinião de Jaya, e nesse momento eu aproveito o gancho da fala para inserir as reportagens dos jovens ricos no debate. Dispus as notícias no chão, como fiz com as anteriores, e deixei que explorassem:

Imagem 7 – Manchete 4



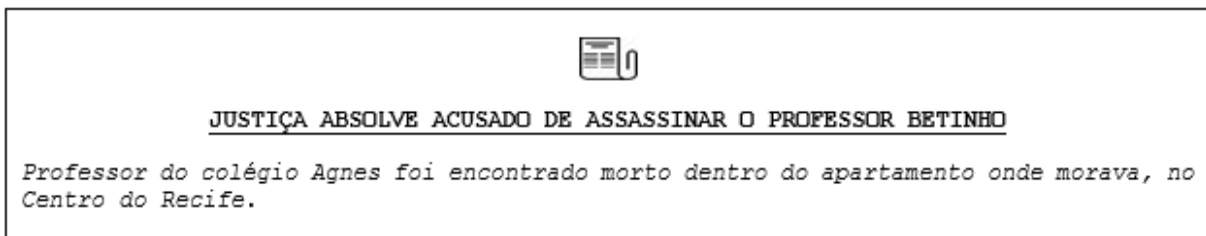
Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de G1 RJ (2019)

Imagem 8 – Manchete 5



Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de Portal OP9 (2019)

Imagem 9 – Manchete 6



Fonte: Elaborado pela autora (2020) - adaptado de Ronda JC Uol (2019)

Jaya se mostrou muito indignado ao ler as reportagens dos jovens ricos absolvidos, repetindo a todo momento: “*Viu!*”. Os outros jovens também ficam incomodados com o que leem:

Dênis: Safado!

Jaya: Foi solto...

Pablo: Foi solto...

Rony: Duvido se fosse gente aqui do morro...

Leandro: É isso que eu ia falar agora! [...]

Jaya: Se fosse aqui do morro, 30 anos de cadeia!

Leandro: Preto ainda por cima?

Pablo: Eu acho que se fosse um negro não seria libertado [...]

Jaya: E se fosse do morro!?

Dênis: Discriminam pela raça...

Huelton: Depende das pessoas...

Rony: Depende não, fi! Porque eles é tudo racista, fi!

Pablo destaca que o que foi retratado pelas notícias dos jovens pobres é mostrado na TV com frequência: “*Só olhar na Record! Minha vó fala comigo que se espremer a Record sai sangue!*”. Questiono sobre as diferenças que eles percebem entre as primeiras notícias e as últimas, e Rony logo responde: “*Nessas daqui são jovens de classe baixa, e nos outros são classe alta!*”.

Pablo: Tipo assim, nas primeiras folhas que a senhora entregou, maioria dos casos foi por causa de furto e roubo. Agora, nas segundas, tá falando mais sobre assassinatos [...]

Leandro: Nessas, nas 3 primeiras que a senhora deu, um foi morto, outro foi preso, outro sofreu, é... negócio lá, lesões corporais. Aí na segunda já não aconteceu nada. Do mesmo jeito que o cara tava antes dele... descobrir que ele tava fazendo as coisas, continuou. Igual, o cara ele tava cheio de droga, ele pegou e foi solto...

Em meio a essa discussão surge também o assunto da violência policial, que vem à tona novamente, dessa vez atravessado pela noção da pobreza:

Leandro: [...] Tem policiais que eu vi na internet, que o cara parado, o policial falou "para", aí o policial na hora que ele ia pegar o negócio do cara que ele tinha pegado, o outro policial pegou e deu tiro nele, aí o moleque morreu [...]

Scot: E também covardia, se a vítima que é o marginal, ele tá sem arma, sem nada na mão, ele não precisa de atirar no cara [...] tipo, diretamente no peito ou na cabeça, cê pode até mirar no pé, que ele teve aula pra isso!

Camila: Teve aula pra isso, eles aprenderam isso... é o que vocês tão dizendo, né? Pra atirar no lugar certo. Por que vocês acham que quando se trata de alguns tipos de jovens eles não fazem isso?

Scot: Porque esses alguns tipos de jovens, dependendo da classe...

Rony: Da classe! [...]

Leandro: Se o policial atira num moleque de classe alta, o delegado vai chamar a atenção dele por causa que o pai do menino vai chamar atenção do delegado, e o delegado vai chamar a atenção dele. Aí o pai do menino pode querer processar a polícia, o delegado ou o cara que atirou.

A partir de então começam a questionar a figura do policial e a ideia de “lei” que ele representa. Em muitos momentos desse encontro, os jovens mencionam as palavras “*marginal*” e “*bandido*”. Eu então resolvo perguntar o que significam esses termos na concepção deles. “*É gente que mexe com essas coisa errada aí, mexe com droga*”, diz Huelton. Rony o contrapõe dizendo: “*Não, nem todos, é o que vende*”. Leandro diz que é “*o que rouba, o que furta*”. Alguns concordaram, outros discordaram e por fim acabam todos ficando em silêncio.

Peço então que digam o que eles acham, por eles mesmos. Pablo diz: “*Isso que a gente aprendeu, né...*”. Os demais colegas concordaram com acenos e reafirmando o que Pablo disse, mas imediatamente mudaram de assunto, começando a descrever para mim, em tom de segredo, como funciona o tráfico no território deles. Alguns se mostram incomodados nesse momento. Scot, que se protege muito pela imagem de religioso foi o que mais se mostrou incomodado. Jaya, a princípio entra no assunto, mas a partir de determinado momento começa a se incomodar, dizendo que os colegas já estão falando demais.

Eu, percebendo o incômodo com o tema, procuro intervir e mudar o assunto de direção, voltando à questão de onde, o que e como aprenderam sobre ser “marginal” e “bandido”. “*Na rua*”, diz Dênis. “*Eu aprendi na pele, tia...*”, diz Jaya. “*A vida, né tia?*”, diz Huelton. A partir disso, começam a trazer os relatos pessoais:

Leandro: Tava andando eu e o Scot na rua, né tia, ali perto do... como é que é o nome do mercado? A mulher, ela tava andando com o celular, telefonando com alguém, aí a lanterna do celular dela tava ligada, aí eu falei assim “não, eu vou chegar na mulher, falar com ela que o celular dela, a lanterna do celular dela tá ligado, se não o celular dela vai ficar quente” [...], aí pode descarregar, o celular pode explodir... Aí eu na maior tranquilidade, maior relax, chego na mulher, aí ela tá falando, aí eu cutuco nela e falo assim “ô moça”. A mulher olha pra trás, do mesmo jeito que ela olha pra trás, ela já começa a andar rápido. [...] Aí ela começa andar rápido, começa a olhar pra trás toda hora, olhar pra trás toda hora... Ela entra dentro do mercado, olha pra trás, vê que nós saiu, pega e sai andando de novo! [...]

Camila: O que é que cês sentiram nessa hora?

Leandro: Ah, a gente sentiu um desconforto, né! Foi um desconforto dentro de mim...

Quando eu perguntava aos jovens sobre como se sentiram nesses momentos, eles tinham dificuldades em expressar, descrever ou nomear. A partir desse relato, vários outros casos de racismo começam a surgir. Ficou nítida a identificação com jovens retratados por aquelas notícias e o estereótipo de “bandido” que os acompanha:

Scot: Teve um dia que nós foi lá na Americanas [...], aí tipo assim, lá é cheio de segurança. [...] Nós tava vendo uns filme lá, né, aí tinha dois segurança em volta da gente fingindo que tava olhando pra gente assim, falando as coisas, negócio de *walkie talkie* assim olhando pra mim. Eu olhei pra cara dele assim “eu não tô ligando não, só vou olhar aqui os filme assim e vou sair andando”. [...] Tinha um monte de gente em volta, e eles só olhou pra gente. A gente tava tipo assim, vestido normal assim que nós veste mesmo, não arruma muito não. [...]

Leandro: Eu fui na maior inocência comprar um biscoito pra mim no mercado, aí eu peguei um *Trident* [...] e fui lá no negócio pegar o biscoito. Aí na hora que eu tava saindo, eu fui pagar, né? Eu fui pegar a mochila pra mim pagar, que o dinheiro tava dentro da mochila. Aí um cara lá [...] chegou em

mim e falou assim: “ô menino, devolve o que cê pegou!”, aí eu: “mas eu não peguei nada não, eu vou pagar”, aí ele: “cadê o dinheiro?”, aí eu falei assim: “não, eu vou pagar moço, vou pagar, aqui o dinheiro dentro da mochila, deixa eu pegar aqui pra mim pagar lá!”. Aí ele começou a gritar comigo [...], aí foi lá, eu peguei e falei assim: “ah, quer saber, eu não quero nada não!”, joguei o biscoito no chão, abri o armário lá, peguei minha mochila e saí andando. O *Trident* ficou no meu bolso!

Ao final do encontro, os jovens se empolgam nos relatos pessoais e começam a compartilhar relatos de vídeos da internet em que famosos se fantasiam de pessoas pobres para dar uma “lição” sobre aparência e humildade. Isso é algo que os inflamou bastante, e por isso o encontro se estendeu um pouco mais que o esperado. Por fim, pedi que eles escolhessem uma reportagem para que comentassem e gravassem no “Jornal Boa Esperança”. Saí desse encontro refletindo sobre como o digital está presente como ferramenta midiática na vida dos participantes, e pensando como inserir esse elemento ainda mais nos próximos encontros.

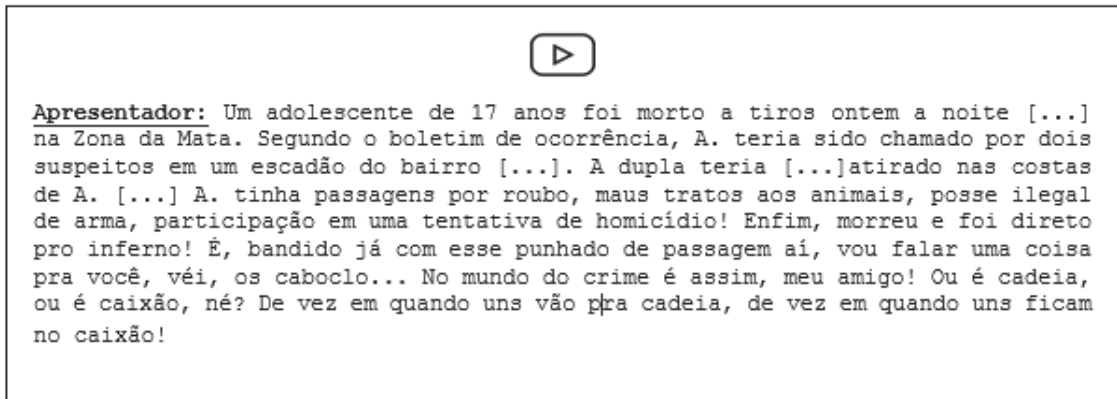
6.2 “BANDIDOS” OU “CIDADÃOS DE BEM”?

Nessa categoria, são apresentados os resultados dos debates dos encontros em que debatemos as notícias locais. O tema que apareceu de forma central durante as discussões, foi a representação dos jovens como “bandidos”, e do local que moram como “perigoso”, e como isso os afeta subjetivamente, sendo expresso através de raiva e silêncio, mas também por necessidade de ação.

6.2.1 “É osso, tia, escutar isso!”

No primeiro encontro deste eixo, iniciei o encontro explicando sobre a proposta de discussão aos participantes, e então começamos as atividades falando sobre o vídeo 4, que eles haviam pedido para que eu levasse, e que naquele dia iríamos assistir e debater. No momento em que disse que iríamos assistir à notícia, ficaram silenciosos e aparentavam estar tensos.

Imagem 10 – Transcrição do vídeo 4



Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de Balanço Geral MG (2019)

Quando o vídeo terminou, ficaram em silêncio por um tempo, e então, se referindo ao apresentador, comentaram:

Jaya: Se esse cara brotasse no Patrimônio, ia tomar um cace... ia tomar uma porretada bonita!

Pablo: Se ele brotasse na Cidade do Sol, né?

Hualter: Não saísse nem vivo!

Jaya: Ele chegava... ele chegava vivo no Patrimônio, mas eu não garantia muito que saía não!

Questiono aos participantes então o porquê as pessoas da comunidade reagiriam assim ao apresentador. “*O jeito dele falar*”, disse Jaya. “*Que vai direto pro inferno*”, “*Que bandido é desse jeito mesmo, vai direto pro inferno*”, continuaram Pablo e Rony, respectivamente. Ao perceber que a reportagem os afetou, e que os silêncios estavam predominando, a minha abordagem foi na tentativa de os questionar de forma que pudessem tentar nomear o que estavam sentindo. Perguntei então o que mudava ao assistir uma reportagem que envolve alguém que eles conhecem. Jaya responde que “*Cê conhece o cara, aí chega alguém que nem nunca nem viu o cara e já começa a falar mal do cara, começa a falar, começa a jogar piada em cima do cara. É osso, tia, escutar isso!*”.

Os jovens estavam nitidamente abalados e distantes, e eu tive muitas dificuldades em conduzir o encontro. Ao perguntar como eles estavam e se queriam continuar com a discussão, o máximo foi um “*de boa*” respondido por Jaya. Tentei então pedir que me dissessem os sentimentos que predominavam naquele momento em uma palavra:

Huater: Raiva!

Pablo: Ódio.

Hualter: Vontade de mandar esse cara pro caixão!

Rony: [...] Fi, nós ficou cheio de ódio!

A conversa parou por aí e novamente se fez silêncio. Tentando seguir com a discussão, perguntei se eles acreditavam que a forma como esse jovem foi representado influencia as vidas de outros jovens. O único que respondeu foi Jaya: “*As pessoas criam opinião errada sobre a pessoa sem nem conhecer [...] discrimina as pessoas*”. Diante ao silêncio e às respostas curtas, fui tentando direcionar a assunto partindo para as outras notícias. Para introduzir o assunto, eu contei a eles sobre meu processo de pesquisa de notícias nos sites locais, já que quando procuramos “jovem” ou “Boa Esperança”, a maior parte das notícias que aparece nos resultados se refere a episódios criminosos. “*Tudo as periferias*”, disse Pablo.

Eu expliquei que trouxe algumas dessas notícias e quando ia colocar na tela, Rony, se referindo à notícia do início do encontro, disse: “*até perdi meu primo, tia, também assim*”. Percebi naquele momento que não era momento de direcionar a discussão, mas sim de escutar. Jaya completou o colega:

Jaya: Meu pai... meu pai foi na judaria. Meu pai tava sem arma, o cara já chegou e já deu um tiro nele.

Rony: Não, meu primo também foi judaria, aí...

Jaya: Meu pai tava... O cara, o cara viu que ele tava sem arma, chegou no meu pai dentro do carro, "pum", matou ele...

Rony: Não, meu primo não tava sem arma, ele tava...

Jaya: Meu pai, aí meu pai correu [...] o cara já "pum", meteu bala nele.
[...]

Rony: Não, meu primo tava sentado assim no bar, aí chegaram uns cara de 380 e deu um tiro nas costas dele.

Jaya: O meu pai [...] ia passar lá aonde que eu tava morando pra me buscar, aí no outro dia, na hora que ele ligou pra mim, no outro dia ele morreu.

Jaya e Rony estavam com tanta urgência em contar aquelas experiências que se interrompiam e embolavam as falas. Fiquei ainda mais confusa sobre como agir e prosseguir diante àqueles relatos tão fortes. Porém, após um período de silêncio, os próprios participantes e seus colegas agiram e prosseguiram na conversa com uma espécie de consolo através do relato dos assassinatos brutais das pessoas que executaram os familiares dos jovens:

Rony: Os cara falou que quem matar os cara que matou meu primo, ia dar uma 380 e mais dois mil...

Jaya: E o cara que matou meu pai morreu com um tiro na cabeça. Tiro de 12. “Pum!”


[...]

Hualter: Aqui no escadão


Rony: Rem! Foi que nem pipoca, tá doido! [...] “BAU, BAU! TÁ, TÁ, TÁ, TÁ, TÁ”! Cê tá doido, lá de casa deu pra ouvir!

Os ouvi, e após esse momento, novamente se fez silêncio. Eles quase não falavam e estavam nitidamente abalados. “*O que eu devo fazer?*”, me perguntava frente a aqueles silêncios e tensões. Por um momento, pensei até mesmo em encerrar o encontro, mas achei que ainda valia a tentativa de prosseguir. Então exibi as notícias escolhidas para o dia, e aos poucos, com a mudança de foco, eles foram se soltando e relaxando.



Imagem 11 – Resumo da notícia 1



APÓS FUGIR DA PM JOVEM É PRESO ARMADO NO BAIRRO S. T.

 **VIDEO:**

A gente já tinha alguma informação, é... vide colaboradores dando conta que o autor de um roubo na data de ontem estaria rodando no bairro [...]. Diante da informação que a gente recebeu, nos deslocamos pro bairro, visualizamos ele rodando com a motocicleta [...]ele tentou evadir da guarnição, durante a fuga deixou cair uma arma de fogo ao solo. A arma foi recolhida, ele foi perseguido, tentou evadir a pé, contudo não conseguiu, não conseguiu... evadir da gente não [...]

Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de portal online local (2019).

Logo quando a notícia 1 foi exibida, o primeiro assunto a ser abordado por eles foi a fuga da polícia: “*Não é tão difícil dar fuga na Rocca não, mas dá fuga sim!*”, disse Rony, despertando a discussão com os colegas. Depois de algum tempo, os jovens direcionam a

conversa para o relato de medo de abordagens policiais injustas e prisões por engano, a partir do questionamento sobre o que realmente poderia ter acontecido no caso retratado pela notícia:

Jaya: Igual aquela vez, ti, que nem ele falou, esse aí foi preso em flagrante, mas e se o cara não tivesse passando ali? [...] Tipo, se tivesse outra pessoa passando ali e o policial levasse?

Rony: É! [...] Tem isso também!

Diego: Tipo assim, cê mora perto daquele local e passa ali sem querer...

Jaya: Aí os homi dá batida na hora!

Diego: Ou se cê tá indo comprar pão!

Hualter: Ou se não, tipo [...] cê tá jogando bola com seus amigos, a bola cai lá dentro...

[...]

Jaya: Aí o que é que eles vão falar com cê?

[...]

Rony: Vai tomar tapão na boca! [...] Ele vai chegar quebrando, meu fi! “Corre mermão, porra!”, VRAU!

Jaya: [...] Eles dão rapa, chute na costela, soco, bicuda, cascudo, tapa na cara!

Hualter: Isso é real isso daí, menor...

A partir desses relatos, questionei aos jovens se a forma de abordar o acontecimento através da notícia influencia nas suas experiências de medo e de preconceito: “*A notícia como ela é colocada, o áudio como ele é colocado, o vídeo [...], influencia nessas experiências que [...] vocês falaram com a gente nos outros encontros e hoje [...] de preconceito?*”. As respostas foram imediatas: “*Sim!*”, disse Rony. Jaya completa o colega: “*Influencia! [...]. Ninguém... não dá voz às pessoas, aí deixa a pessoa muda, a pessoa não fala.*”.

Hualter também expõe a sua opinião, questionando os colegas: “*Ô tia, e também, tipo, deveria ter os dois lados da história e deixar o outro falar, né? O que tá como vítima, mas tem alguns casos que deixam eles falar, mas eles não falam... eles ficam calado*”. Questionado por mim e pelos colegas sobre o contexto da situação em que o jovem costuma ser convidado a falar nas notícias, geralmente algemado na delegacia, Huelton repensa e relata como acredita ser o contexto em que os jovens são convidados a falar nas reportagens: “*[...] A pessoa tá acuada, com medo assim de falar por causa do lugar, tipo assim [...], quando a pessoa tiver um pouco mais calma, por causa que ela vai tá nervosa, né? [...] Aí tinha que tentar escutar o lado da história dela*”.

Após uma breve pausa sugerida pelos próprios jovens, foram apresentadas as notícias que retratam jovens do próprio bairro de forma mais direta. Entre elas, a que mais chamou atenção foi a notícia 2²:

² Todos os comentários das notícias apresentadas neste trabalho foram copiados da fonte original, portanto, podem apresentar erros de ortografia que não foram corrigidos propositalmente.

Imagem 12 – Resumo da notícia 2



JOVEM É PRESO E 200 PAPELOTES DE COCAÍNA SÃO APREENDIDOS NO BAIRRO BOA ESPERANÇA

 VIDEO:

[...]Diante de diversas denúncias aí de tráfico de drogas no bairro [...], durante a operação saturação com a presença aí das equipes [...] realizamos a operação no bairro [...] em determinados pontos já conhecidos pelos traficantes de drogas. Logramos êxito aí, encontramos uma pessoa traficando drogas, mais de 200 papélotes de cocaína apreendidos, uma boa quantidade de dinheiro e além de outros materiais. A pessoa agora, nesse momento está sendo conduzido para a delegacia [...] para [...] posterior ser entregue a policia civil aí para as providências de cunho judiciário.




COMENTARIOS PRINCIPAIS:

- 1) Parabéns a PM, a população de bem não aguenta mais essa situação! Continuem patrulhando nosso bairro!!!! Nossas crianças não merecem conviver com esses baderneiros!!!
- 2) Parabéns a todos policiais envolvidos na operação, tráfico nesse bairro aeroporto ta demais tem que acabar a população de bem já não aguenta mais

Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de portal online local (2019)

Na reportagem, o que mais despertou comentários foi a aba dos comentários que atacavam o bairro e apontavam o local como um lugar perigoso e propício ao crime. “Ah lá! [...] Esse pessoal fala só na internet, por que eles não fala aqui em cima, mano?”, disse Jaya.

Hualter: Ah, mentirada, né?

Rony: Aaaaah! Para, gente!

[...]

Pablo: Fake news, tia!

[...]

Jaya: Na hora que faz festa aqui ninguém reclama, né? Na hora que faz festa todo mundo vem comer e ninguém reclama!

Rony: Falo nada!

[...]

Jaya: Ninguém reclama!

Rony: Lota o morro!

Segui o debate pedindo para que ficassem atentos às imagens e vídeos. Primeiro pedi para identificarem quem aparece nas imagens: “*Policiais, só [...], e os cara enquadrado, só*”, respondeu Jaya. Pedi então que descrevessem as imagens com uma palavra. Sobre os policiais, disseram:

Jaya: Valeu os anjos! Cadê as asas? Cadê a auréola? Cadê? Só faltou!

Hualter: Deu isso tudo de policial pra pegar só um!

[...]

Jaya: Eu ficaria envergonhado, mano!

[...]

Hualter: Postura de tá achando que tá o fodão! Achando que tá bam-bam-bam pra pegar só um!

Rony: Dezesete pra pegar um!

[...]

Jaya: Caçador de fantasma!

[...]

Rony: Os heróis!

Jaya: Os heróis!

[...]

Rony: Nas ideia deles lá, eles é os herói!

[...]

Camila: Cês acham [...] que essa forma que aparecem as coisas [...] influencia nos comentários das pessoas?

Jaya: [...] Falar é fácil, manda vir morar aqui no Boa Esperança! Falar as pessoa fala, todo mundo fala!

Rony: Ah véi, eu não me sinto nem um pouco constrangido com esses negócio aí!

Jaya: Nem eu, eles não vive aqui!

Direcionando ao final, sugeri que fizessem um comentário sobre alguma das notícias e gravassem para o “Jornal Boa Esperança”. Hualter logo concordou e se mostrou animado, porém os outros se mostraram sonolentos e desanimados. Após a insistência de Hualter, ficou decidido que os dois mais interessados fariam a cena naquele dia. A notícia escolhida foi a do colega que foi assassinado no escadão. Hualter disse durante o vídeo que “*o jornalista deveria medir suas palavras*” e ser menos agressivo, respeitando os familiares da vítima.

Esse encontro teve um clima emocional pesado e a condução foi desafiadora. Ao final, estávamos todos muito cansados. A preocupação foi em cuidar para que o próximo encontro fosse um pouco mais leve. A carga emocional desse dia foi tão forte para todos, que eu não consegui escrever o diário de campo no mesmo dia, como costumava fazer.

6.2.2 “Nunca veio aqui e fala que aqui é perigoso”

No segundo encontro do eixo, iniciei tentando conversar um pouco sobre o dia anterior, dizendo que foi intenso para todos nós, pois discutimos casos de pessoas próximas. Os jovens concordaram com a cabeça, mas imediatamente trataram de mudar de assunto: “*Cê trouxe os vídeo hoje?*”, questiona Hualter, desviando a conversa.

Retomei então a proposta do dia, explicando que discutiríamos as reportagens e comentários sobre as operações nas pracinhas do centro da cidade. Nesse momento começam a se entreolhar em tom de riso: “*Rony tava bem lá, né Rony? [...] Rony deu fuga neles!*”, explicou Hualter. Os jovens pediram para que eu lesse as reportagens, então li brevemente o conteúdo em texto e fomos logo para os comentários, parte pela qual eles estavam mais ansiosos:

Imagem 13 – Resumo da notícia 3



PELA 2ª NOITE SEGUIDA, AÇÕES POLICIAIS SÃO REALIZADAS NAS PRAÇAS

Pela segunda noite consecutiva ações policiais foram realizadas nas praças [...]. Após a Operação "Algazarra" [...] policiais militares fizeram batidas em ambas as praças [...]. Nas últimas semanas as autoridades tem recebido muitas denúncias de moradores e transeuntes informando sobre um cenário de desordem promovido por jovens - em sua maioria adolescentes - nas duas praças, especialmente nas noites de fim de semana, causando transtornos para quem morra ou passa pelas praças. [...] Durante as abordagens deste sábado (19), de acordo com a PM, [...] um jovem adulto foi flagrado portando um tubo plástico contendo uma porção de maconha. Ele e o entorpecente foram levados para apresentação à Polícia Civil (PC), na delegacia [...].



COMENTÁRIOS PRINCIPAIS:

- 1) Excelente parabéns a polícia civil e militar e autoridades competentes chega de bagunça na nossa cidade falo nosso por que estou residindo aqui já a quatro anos e fico muito triste em ver a situação que muitas praças da cidade estão menores maiores fazendo de ponto de algazarra tráfico de drogas e outras coisas mais e vez de famílias crianças. Estarem usufruindo desses locais parabéns que continue.
- 2) Passei pela Praça do trabalhador, era dia de meio de semana e vi uns. 5 jovens usando drogas na maior tranquilidade em pleno meio dia. É preocupante...
- 3) Esse tipo de abordagem é válida no sentido de coibir crimes e outros tipos de infrações, mas tenho comigo que esse tipo de ação está com cara de higienização, querem a praça limpa e sem ninguém. Só não podem esquecer que a praça é pública e para os jovens de todos os tipos, sendo negros, brancos, de periferia ou do centro da cidade. Lembro que os mesmos não tem lugar na Cidade do Sol, nada é realizado para eles, não tem atividades recreativas e sadias. Portanto temos que pensar em políticas públicas para favorecer uma juventude participativa, de modo a criar estratégias para fomentar a cultura local, juntos podemos pensar para melhorar, e retirando os jovens, COM CERTEZA não é a melhor solução, ainda mais com a força policial, que auxilia e reforça ainda mais os esteriótipos e outros preconceitos.
- 4) Prefeitura, aonde está a Política Municipal para a Juventude? [...]O que irá promover para o lazer da juventude, principalmente da periferia? Gratuitamente. Tem que ser permanente e não esporadicamente. Que haja mais ações organizadas de lazer para os NOSSOS jovens de Boa Esperança.

Imagem 14 – Resumo da notícia 4



OPERAÇÃO ALGAZARRA: POLÍCIA CIVIL CUMPRE MANDADO EM PRAÇAS DA CIDADE DO SOL

Na noite de sexta-feira (18), uma equipe de Investigadores [...], cumpriram um mandado de busca e apreensão, por determinação do Ministério Público [...] na Vara da Infância e da Juventude, em uma operação denominada "Algazarra". A finalidade da ação é de coibir bagunças e confusões que vem ocorrendo entre grupos de jovens que se concentram nas Praças [...].

Os policiais encontraram adolescentes sem nenhuma documentação pessoal, com bebidas alcoólicas diversas, em garrafas e copos, que foram jogadas fora e um dos abordados estava portando uma bucha de maconha, que segundo ele seria para seu uso. Todos os abordados foram cadastrados pela polícia, que espera diminuir assim, os problemas que vem sendo causados naquelas localidades. [...] A Polícia Civil vai dar sequência a este tipo de operação em outros pontos da cidade.



COMENTÁRIO:

1) Parabéns à iniciativa! Este era um ponto que já me incomodava muito! Mas falta muito ainda. Foi pouco! Fosse eu, já chegava no "pedala Robinho", ajeitava a carga dentro da viatura pra caber uns 15 no porta malas.

Fonte: Elaborado pela autora (2020) – adaptado de portal online local (2018).

Imagem 15 – Resumo da notícia 5



NOVA BATIDA POLICIAL NA PRACINHA DA PREFEITURA E PRACINHA H. ALVO FORAM OS ADOLESCENTES

OPERAÇÕES CONTRA A DESORDEM NAQUELA AREA VAO CONTINUAR

Vários militares cercaram a Praça [...] para que as abordagens a adolescentes e adultos fossem feitas. De acordo com o Ten. Marcos, o objetivo é coibir as desordens (uso de bebidas alcoólicas, drogas e até prática de sexo) que vem sendo praticadas naquela região, alvo de reclamação constante de moradores e transeuntes junto às polícias e Ministério Público. Durante buscas e levantamentos foi constatado que a maioria é menor de idade, e nesta batida foram encontrados porções de maconha e um adolescente de 15 anos e um rapaz de 20 foram detidos.



COMENTÁRIOS PRINCIPAIS:

- 1) Gente... infelizmente não vai resolver o problema! Já ouviram falar em Cracolândia? Daqui a pouco os policiais vão responder por abuso de autoridade ... aí vai continuar tudo como está... já vi esse filme!
- 2) Muito boa esta ação, mas não esqueçam de visitar os bairros. Apertam eles aí, eles migram para infernizar os moradores dos bairros.
- 3) Boa pergunta. A "iniciativa" que de nova não tem nada, começa pelo metro quadrado mais caro da Cidade. E bem possível que tal ação perca o gaz quando o CEP for bairros com menos "pessoas de BENS
- 4) TEM QUE ARRUMAR UMA ENCHADA PARA ESTE BANDO DE ATOA, TRABALHAR NINGUEM QUER NE, ATE SEXO JA VI NAQUELE LUGAR.
- 5) Os mesmos moradores que fizeram a denuncia nessa praça do correios e rua do Fórum , são os mesmo que ficam nos bares da Av , usando drogas, bebendo e etc, ou são pais desses. hipocrisia pura deles, é por isso que nosso País não e nunca terá uma [...] Vamos acordar galera , não que seja menos errado, os dois estão errados , mais o pau que bate em josé tem que bater em francisco também!
- 6) Hoje está assim , trabalhar mesmo nada , agora essa batida precisa ser feita , principalmente pelo uso de drogas e armas , e caso ache essas coisas , fichar na polícia, e entregar na delegacia, os seus país , mediante uma taxa de conduta errada , antes que piore , pois estes caras não trabalham e nem estudam

Durante a leitura dos comentários, era nítido o incômodo. Falavam pouco, mas as expressões e gestos evidenciavam o desconforto ao longo da exposição dos comentários que os colocava como bandidos, ou tratavam o bairro como um local violento. Na leitura do comentário 3 da notícia 3, que ia na contramão dos outros, criticando as operações, os participantes logo se manifestaram:

Rony: Rem!

Hualter: Esse daí foi o que... o comentário que mais chamou a atenção, né?

[...]

Scot: É o mais correto de se fazer...

Rony: É isso aí!

Pedi para que fossem se atentando aos comentários que mais os chamava atenção, seja incomodando, ou porque concordavam. Durante a exibição das reportagens, era muito comum que os meninos identificassem amigos e conhecidos, mas não estendiam seus comentários. Ao fim da leitura das reportagens e dos comentários, pergunto sobre os que mais se destacaram. A maioria dos jovens aponta o comentário 3 da notícia 6: “*Só com o daquele homem [...], tipo, eu achei tão interessante o comentário dele!*”, disse Hualter, com a concordância dos colegas. Pablo é o único que discorda dos amigos, dizendo que achou aquele comentário “*normal*”. Questiono então o que ele pensou sobre os demais comentários, e ele disse que concorda com: “[...] *Eu acho que a maioria*”. Ao mesmo tempo em que concorda, questiona o motivo da “algazarra” dos ricos não ser tratada dessa mesma forma:

Camila: Você acha que tem que continuar tendo esse tipo de operação [...]?

Pablo: Algumas sim [...]. Mas tipo assim, os vizinhos tava reclamando de negócio de som, esses negócio assim, mas a maioria das vezes era os filhos deles que tava lá! [...] Já vi várias pessoas saindo dali e fazendo a mesma arruaça, usando maconha e bebida alcoólica...

Camila: E tem operação de polícia pra esse pessoal?

Pablo: Acho que não!

Camila: [...] Cê acha que a mesma coisa que esse povo tava fazendo, era o que esse outro povo faz?

Pablo: Aham! [...] Mesma coisa! [...] Eu acho que deveria levar todos esses jovens pra delegacia!

Apesar de concordarem com o comentário que critica as operações policiais, quando questionados se essas ações deveriam continuar sendo realizadas, os demais colegas concordam com Pablo e também dizem que sim. Ao mesmo tempo em que nos outros encontros diziam que usuário não é bandido, inclusive alguns relatando uso, com algumas críticas, concordaram

com as operações nas praticinhas. Tentei então conduzir dando mais atenção às contradições, tentando explorá-las:

Camila: [...] Essa questão que você trouxe, por exemplo, né, de que os outros jovens que moram lá pro centro mesmo, às vezes, naquele prédio chique lá fazem bagunça. Cês acham que as operações policiais tinham que ser pra eles também ou só da forma como acontece?

Hualter: Para todos, né tia? [...] Em geral. Até pra eles...

Camila: E por que vocês acham que normalmente não é?

Rony: É que nem a tia M. falou, tia... que tava o irmão dela e um cara lá, que morava lá no bairro chique lá. Aí os dois tava conversando, aí assim, aí os policial foi e chegou e deu batida só no irmão dela e liberou o outro cara. Achou que o irmão da tia tava fazendo as coisa errada.

[...]

Ana: Por que queria levar um e o outro não?

Pablo: Porque um é negro e o outro é branco.

Rony: Isso!

[...]

Camila: Pelas fotos ali, a maioria...

Rony: A maioria era negro!

Scot: Porque eles são os maiores rejeitados tipo em escola ou em algum serviço [...] que não gosta muito de negro.

Camila: Vocês acham então que existe a questão do racismo?

Scot: Isso. [...] E da discriminação também.

Tendo os participantes identificado que a maioria dos jovens que apareciam nas notícias eram negros, introduzi a noção de representação, os questionando sobre se considerarem ou não representados a partir daquelas reportagens e comentários. Não responderam diretamente, mas narraram experiências de discriminação na escola, evidenciando as impressões que as pessoas apresentem sobre eles bem como do bairro:

Scot: Igual os menino da minha sala: nunca veio aqui e fala que aqui é perigoso, dá tiro...

Pablo: E fala mal, tá?

Scot: [...] O meu amigo, ele é da minha sala. [...] No começo do ano, perguntaram de qual escola que a gente era, onde que tipo assim, nós mora. Aí eu... uma vez eu ia perguntar, né, por que ia falar onde que nós mora? Não é preciso, aí ela falou assim, tipo assim, eu pensei direitinho e falei assim assim "não vou perguntar não, só vou falar mesmo, se falar o nome da escola ele vai saber onde que eu já moro" [...]. Aí tipo assim, nós falou, tá! [...] Aí perguntou "em qual escola que cê estudou?", "S.F., eu sou do Boa Esperança", aí ele ficou... todo mundo foi, é... olhou pra minha cara, e eu só fiquei de boa olhando pra cara de todo mundo, assim. Sou espelho não. Aí na hora que chegou o meu amigo, né, ele é escurinho [...]. Aí ele falou "sou cria do Boa Esperança", aí todo mundo olhou mesmo, até o professor olhou meio assustado. Aí tipo assim, aí teve, na segunda semana, mais ou menos, os menino falou, é... tinha uns menino que vendia chup-chup lá, né? Tipo fazia entrega pra eles de lá também, aí nós resolveu pediu pra eles levar pra gente, trazer pra gente aqui.

Aí ele falou assim "vou subir lá em cima não". Aí nós perguntou "por que?", ele falou assim "não, lá é perigoso, vou nem subir aquele morro lá não", aí eu "calma, sô... tem mais perigo não, sô, tá doido?".

[...]

Pablo: Na maioria das vezes, tia, cê consegue fazer, tipo, se você cair numa sala e não tem ninguém daqui, eles vai lá e pega, e tipo te isola um pouco.

Scot: Verdade.

Em meio aos relatos, trouxeram até mesmo o caso de uma professora novata que desistiu de dar aula na escola em que estudam: *“Ela chegou perto do professor [...] e falou assim: ‘eu posso ir de cordão e pulseira... eu posso levar bolsa pra lá?’, [...] na cabeça dela, a gente ia roubar ela. Ela nem foi dar aula não”*, contou Pablo. Relataram também experiências de humilhação circulando pelo centro da cidade com o uniforme da escola, além do olhar de preconceito dos alunos de colégios particulares.

Seguindo o assunto da representação, questiono sobre o que eles acham que os representa e não aparece nos jornais. Eles citaram as atividades que os representam e que são pouco mostradas pelos jornais: *“Jogar bola”, “Estudar, sair em grupo”, “Campeonato”, “Soltar pipa, festa”*, disseram Rony, Pablo, Scot e Hualter, respectivamente.

Camila: E aí essas coisas legais que cês falaram aí aparecem na televisão, aparecem na internet?

Pablo: Não.

Scot: Não. Na maioria das vezes não.

Camila: Por que?

Scot: Porque eles ficam mais preocupados com com a criminalidade, tipo, pensa que vai ter mais coisas negativas do que positiva.

Nesse momento Hualter discorda, dizendo que o que mostram é a realidade: *“Mas tem mais coisa negativa do que positiva”*. Os colegas discutem, discordando de Hualter, até que ele relata a experiência de uma situação em que as pessoas ficaram *“discriminando o bairro, falando essas coisa aí de tiroteio, falando que... ah, não sei explicar direito não, tia”*, e acaba concordando com os colegas. Para finalizar a discussão, perguntei: *“Vocês acham que se aparecessem essas outras coisas que vocês falaram aí, no jornal, talvez as pessoas veriam vocês de outra forma?”*. *“Sim”, “Eu acho que sim”, “A minha opinião é que eu concordo”*, responderam Pablo, Scot e Rony, respectivamente.

Após essa conversa, voltamos ao comentário que chamou a atenção dos participantes para discutirmos mais detalhadamente. Mesmo que os jovens se identificassem com o comentário, existiam termos que eles não conheciam, como *“higienização”, “estereótipo”* –

traduzido por Scot como “*Julgar o livro pela capa*”, e “políticas públicas”. Discutimos sobre esses conceitos, e a discussão sobre o significado de higienização foi a que mais os incitou:

Camila: Vocês sabem o que é higienização?

Pablo: Higienizar a praça?

Scot: Tipo limpar o bairro assim, mais ou menos?

Camila: [...] Higienização é, por exemplo, quando tem pessoa em situação de rua que fica na praça, aí a prefeitura tira todo mundo de lá [...], como se fosse pra limpar, como se aquelas pessoas fossem sujeiras para limpar do lugar [...].

Hualter: E coloca aonde?

Camila: Essa é uma boa pergunta!

Pablo: Igual na praça ali ó, fecharam aquela parte ali, e o pessoal lá que tinha necessidade lá, eles dormia ali, aí parece que mandou fechar, colocou um monte de cerâmica.

Hualter: Não, isso daí agora que eu descobri [...] eu achei ruim, eu achei errado...

Outro ponto que eles ressaltaram no comentário, foi sobre o jovem não ter lugar na cidade. Pablo comentou sobre serem abordados o tempo todo ao circularem pelo centro, especialmente em períodos festivos onde a polícia está mais presente: “*Quando tem carnaval assim, tudo, qualquer coisinha eles querem te abordar, quer fazer alguma coisa*”.

6.2.3. “Nós queremos nos apresentar para todos”

Direcionando para o fim do encontro, retomando a identificação da ausência das suas vozes naquelas reportagens, sugeri que criassem um comentário como se fossem postar para opinar sobre as notícias e responder aos comentários. Deixei que decidissem fazer esse comentário da maneira que se sentissem mais à vontade. Eles preferiram elaborar um texto coletivo e ditar para que eu registrasse.

Foi um processo em que os jovens trocaram muitas ideias e precisaram entrar em consenso sobre o que iria para o papel. Eu apenas medieei, pois eles se apropriaram totalmente do texto. Quando eu compreendia algo errado e escrevia, logo eles me interrompiam e corrigiam: “*Começa assim não, tia! Se eu começasse assim na redação, eu tirava 5!*”. Um ponto interessante na elaboração desse comentário, foi quando Scot disse que deveriam usar aspas na palavra “perigoso” ao se referirem à ideia que as pessoas têm do bairro: “*Acho que é melhor, tipo, colocar entre aspas*”. Escolheram também por utilizar o termo “higienização”. Por fim, o comentário foi concluído e ao fim do encontro foi gravada a sua leitura para o Jornal Boa Esperança:

Jornal Boa Esperança add:

Nós queremos nos apresentar para todos e comunicarmos que somos do Jornal Boa Esperança, e que somos adolescentes do bairro Boa Esperança, o mais conhecido da Cidade do Sol como “mais perigoso”, mas o lugar que a gente mora não mostra o que somos. Nesse bairro não acontecem só tragédias e não incentivam os jovens a fazerem coisas erradas, como por exemplo temos o CRAS, projetos e etc. Os jovens de Boa Esperança frequentam a praça para o wi-fi, para se reunir com os amigos e não para usar coisas erradas na maioria das vezes. Os que vão para usar drogas são a minoria. Não só os jovens daqui vão para a praça, jovens de outros bairros também vão para curtir com os amigos ou fazer coisas erradas. Muitas vezes os policiais praticam higienização com pessoas de classe baixa e com pessoas que só estão para curtir. Isso é tudo por hoje no Jornal Boa Esperança., até a próxima reportagem.

6.3. QUE VOZES REPRESENTAM ESSA JUVENTUDE? TECENDO ALTERNATIVAS E RESISTÊNCIAS

Nessa última categoria, serão apresentados os resultados referentes aos últimos encontros realizados com os jovens. Esses foram marcados pela discussão de outras formas de representação midiática e de ações no sentido de construir outros discursos diferentes daqueles com os quais não se identificam.

6.3.1 “Por falta de condições a gente se limitou”

Iniciei o primeiro encontro desse último eixo retomando a ideia de representação, destacando que o objetivo agora era discutir como eles se sentem representados, já que não se identificaram com as representações das notícias apresentadas. Questionei então o que os representa, e Hualter imediatamente responde: “*Os meus amigos!*”.


Camila: Os seus amigos te representam? [...] Como assim eles te representam?

[...]

Hualter: Nem eu sei explicar muito bem, tia. Porque tipo, quando acontece uma coisa com um... é, não deixa tipo o outro, tipo, se ferrar sozinho, essas parada assim. Por exemplo, alguém tá em um momento difícil, aí vai lá, sempre tem um pra chegar, conversar e dar conselho.

Os colegas se identificam, e começam a contar situações engraçadas ou embaraçosas que viveram com os amigos, até que Jaya fala de uma música que o representa, então ouvimos a música 1, indicada por ele.

Imagem 16 – Música 1

<u>MULEQUE DE VILA - PROJOTA</u>	
<p>Eu falei que era Uma questão de tempo E tudo ia mudar e eu mudei Vários me disseram que Eu nunca ia chegar no CD Lembra da ladeira, meu Toda sexta feira Meu melhor amigo é Deus E o segundo melhor sou eu Eu tanto quis, tanto fiz, tanto fui feliz [...] Sei que não é possível todos serem feliz Mas geral merece não ser infeliz Prosperei com suor do meu trabalho E esperei, lutei sem buscar atalho Sem pisar em ninguém Sem roubar também Então sei Que hoje o meu nome é foda E meu sobrenome pra caralho Deus olhou pra mim, disse assim: escuta neguin Pegue este caderno e escreve cada folha até o fim [...] Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou [...] Você vai transformar O mundo ao seu redor Mas não vacila</p>	<p>Moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila Não vacila Moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila Já fui vaiado Já fui humilhado Já fui atacado Fui xingado, ameaçado Mas nunca amedrontado Fui Aplaudido, reverenciado Homenageado Premiado pelos homens E por Deus abençoado [...] Hoje eu acordei chorando Porque me peguei pensando Será que lá de cima Minha veia segue me olhando Se me olhando Ela ainda está me escutando Será que me escutando Ela ainda está se orgulhando Hoje tanto faz Putaria tá demais Mas ninguém se liga mais Mas ninguém respeita os pais [...] Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come? Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com a fome [...]</p>


Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A letra fala sobre superar as dificuldades, “subir na vida”, se superar, ser humilhado, atacado e depois reverenciado. Durante a música, Jaya se emocionou e estava rabiscando sobre a mesa. Ofereci a ele uma folha, e ele começou a destacar trechos da letra no papel. Ao final do encontro, ele exibiu o papel e explicou melhor sobre o que escreveu.

Quando questiono sobre o que mais o representa nessa música, ele responde: *“Tudo o que eu já passei! [...] Negócio de fome [...], negócio da mãe dele que ele falou, [...] se ela tá olhando, então, mas só que é do meu pai. [...] Humilhado, xingado...”*. Hualter disse que também se identifica com a música: *“Também me acho identificado com ela um pouco [...]. O negócio da fome”*.

Quando Jaya mencionou sobre ser xingado e humilhado, todos os outros colegas se identificaram. Seguindo com a discussão, Hualter se lembra de uma música com a qual ele se identifica, e então escutamos a música 2.

Imagem 17 – Música 2

<u>HISTORIA DE VIDA - MC PITICO</u>	
<p>Antigamente eu vivi uma vida tranquila Fechava com os manos na disciplina Mas o tempo foi passando e a gente estava crescendo O lado ruim da vida eu estava conhecendo Eu me envolvi no crime junto com meu aliado Braço fiel da antiga que tava sempre ao meu lado A gente era colado desde a nossa infância Mas deixamos de lado o sonho de criança Sonhava em ser doutor, até jogador Por falta de condições a gente se limitou Passando necessidade por consequência da vida A única opção foi a vida bandida [...]</p>	<p>Formamos no crime, ganhamos fama e poder Daqui pra lá esta história vai te surpreender Uma dia na favela aconteceu uma parada [...] Recebi a notícia, acertaram o patrão [...] Daqui pra frente você comanda o morrão Eu aceitei o cargo e falei com meu amigo Você vai ser linha de frente, vai guerrear comigo Pus ele no poder para seguir ao meu lado Ele aceitou na judaria querendo meu reinado [...] Para de judaria, a gente é parceiro Desde de pequeninho, amigos verdadeiros Sem essa de amigo, com você não tem conversa O dedo tá no gatilho, até vi o brilho da peça Cai, ajoelhei, falei, pode atirar, se você quer ser patrão Vai ter que me matar, chorando pediu perdão e disse Não me esqueça, de repente um barulhão Deu um tiro em sua própria cabeça [...]</p>
<p>Uma história de vida que hoje venho contar De um guerreiro que nunca mais voltar Um camarada valente que hoje mora no céu Sabemos que aqui na terra ele cumpru seu papel</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Enquanto a música tocava, todos cantavam e sabiam a letra inteira. A música fala sobre crime, violência, tráfico e morte, mas principalmente da amizade. Além disso, a música fala sobre crescer, “conhecer o lado ruim da vida” e manter as amizades de infância frente às novas circunstâncias. A letra também menciona ter os sonhos limitados por “falta de condições”:

Camila: Por que é que essa música te representa? Conta pra nós.

Hualter: Na parte dos amigos, né tia.

Camila: A parte da amizade? Essa história aqui vocês acham que é muito comum por aqui?

Dênis: Uhum.

Java: Judaria.

Dênis: Judaria é o que mais tem nesse mundo.

Camila: O que é que é isso?

Java: Judaria? Amigo falso, pegar pelas costas...

[...]

Camila: Uma coisinha que vocês falaram que eu achei interessante e que eu queria que vocês falassem, da parte da outra música: "Queria ser doutor"... como é que é?

Dênis: "Queria ser jogador" ou... "queria ser doutor, até jogador"...

Hualter: "... até jogador, por causa de condições a gente se limitou".

Dênis: Porque quando eles era menorzinho, igual na música tava falando... que eles era muito amigo, aí os dois tinha um sonho junto, de ser doutor ou até jogador...

Camila: Uhum...

Hualter: Mas por causa da condição deles, eles teve que...

Dênis: ... que entrar pro crime.

Camila: O que é que você acha que impede algumas pessoas de ser doutor, de ser jogador... de ser o que ela sonha?

Hualter: Tipo, a condição, né tia. Tipo, a mãe e o pai não tem um emprego bom pra... pra ajudar o filho. Tipo, pra ajudar o filho a realizar esse sonho dele. Não tem, tipo, uma escola...


Dênis: ... uma escola boa pra ensinar as coisas pra eles...

Hualter: ... é, uma escola boa, essas coisas assim, pra ensinar o que eles precisam pra eles seguirem os sonhos deles.

Questionei os participantes se essa “falta de condições” pode ter a ver com os casos dos jovens que nós discutimos, eles logo respondem que sim e se lembram da opinião que um dos colegas expôs durante uma reportagem que discutimos em um encontro anterior, sobre o qual Dênis discorre: *“É igual o que o Hualter falou [...], que às vezes os meninos tava fazendo aquilo por causa que eles não tinham uma condição muito boa pra ficar comprando comida, aí eles tinha que [...] tá fazendo aquilo. [...] Muitas pessoa entra na vida do crime por causa disso”*. Na tentativa de iniciar o processo de amarrar melhor os elementos que jovens trazem, pergunto se é sobre isso que eles falam quando mencionam que as notícias não considerarem os dois lados da história, eles concordam, porém não avançam no assunto.

Quando mencionam a ideia de “judaria”, Dênis pede para que a gente escute a música 3, que fala sobre a traição e inveja entre amigos dentro do tráfico através de uma metáfora bíblica.

Imagem 18 – Música 3

<p><u>JUDAS - MC ROMEU</u> </p> <p>Desde de pequeno já no corre para se levanta, Quem via aquele de menor podia imaginar, Esse já nasceu vagabundo em disposição, Questão de tempo, para isso tudo tá na sua mão, Ele aprendeu que para ter paz tinha que guerrear, E que respeito não se compra, tem que conquistar, Logo por toda zona norte seu nome ecoou, Considerado, admirado ele reinou</p>	<p>Nos braços de uma mina conheceu o amor, Uma parceira, conselheira que te ensinou, Que desde que o mundo é mundo existe dor, Jesus foi pregado na cruz porque ele confiou, Judas... Era aquele irmão que ele adorava, E guardava no seu coração, Judas... Sempre te invejou, São poucos que podem chegar onde ele chegou E como todo frente tem, ele tinha do lado [...]</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A partir dessa música, se lembram de casos que, segundo eles era melhor não relatar. Dênis menciona a saudade de um tio que morreu “*na judaria*”. Jaya também se lembra do caso do pai. Nesse momento, os discursos de vingança novamente aparecem como forma de consolo:

Dênis: Mas quem matou ele vai pagar.

Jaya: Quem pegou meu pai de judaria já morreu já, irmão!

Dênis: Então tá feita a justiça!

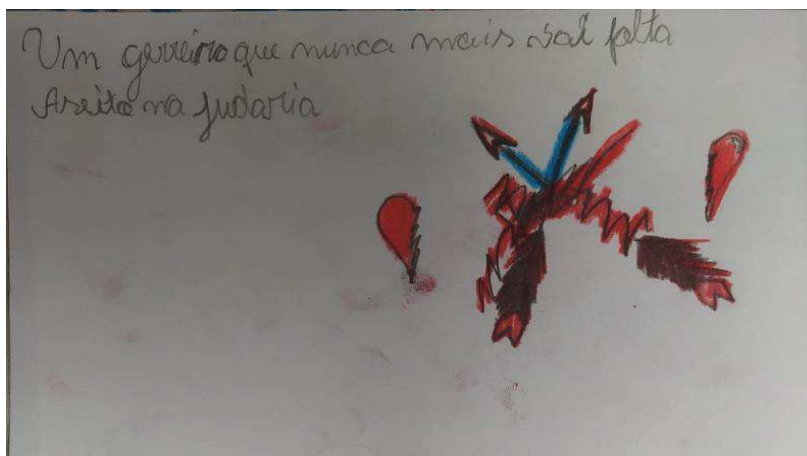
Percebendo que os jovens já estavam bastante cansados, fui encaminhando o encontro para o fim. Jaya fez questão de mostrar o papel que rascunhou durante o encontro, lendo os trechos que destacou e escreveu. Rony também mostrou o papel em que escreveu:

Fotografia 2 – Rascunho de Jaya



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Fotografia 3 - Rascunho de Rony



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Ao final do encontro, os jovens gravaram um vídeo falando sobre o que os representa como se fosse um quadro especial do Jornal Boa Esperança. Durante essa atividade surgiu o assunto dos nossos encontros estarem chegando ao fim, e Hualter disse: “[...] tipo, se acabar, cês bem podia voltar a fazer outra pesquisa com nós, tia”. Eu não soube como interpretar essa fala, e nem como reagir, então apenas disse que outras coisas podem ser pensadas no futuro.

Nesse dia, inicialmente, a ideia era também escolher quais vídeos entrariam na edição do Jornal Boa Esperança, realizando as escolhas de edição. Porém, a discussão sobre as músicas e formas de representação acabou se estendendo, e em conversa com os participantes, ficou decidido que deixaríamos essa atividade para o encontro seguinte. Dessa forma, foi necessário adicionar um novo encontro ao planejamento inicial, que era fechar o eixo com apenas dois.

Esse segundo encontro precisou ser adiado, pois no dia combinado, estava acontecendo uma operação policial no bairro. Por conta disso, fui orientada pelos funcionários do CRAS a não realizar o encontro, em razão do perigo de troca de tiros. Mesmo assim, Scot e Hualter estavam nos esperando quando chegamos. Conversamos com os jovens, e mesmo incomodados e contrariados, reafirmando que não tinha perigo, eles concordaram com o adiamento do encontro.

6.3.2 “Taca memes, tia!”

Na semana seguinte nos reunimos, e logo no início do encontro conversei com os participantes sobre o que aconteceu na semana anterior, me referindo a aquilo como algo que poderia ter acontecido em outro lugar, mas que exigia cuidados. Abordei o assunto tentando não reforçar o estereótipo do bairro como um local perigoso. Os jovens fizeram questão de explicar que ficou tudo bem aquele dia, afirmando que foi um alarme falso.

Como esse encontro foi totalmente dedicado ao processo de edição dos vídeos gravados pelos participantes, a gravação ficou marcada por muitos ruídos, prejudicando trechos da transcrição. Sendo assim, o relato desse dia aqui exposto se baseia essencialmente nas anotações do diário de campo, com poucas citações das transcrições. Em síntese, expliquei o objetivo das atividades propostas, evidenciando a importância do processo de edição para a versão final do Jornal Boa Esperança, destacando que na edição é que se decide o que irá aparecer ou não, e como irá aparecer. Pedi também autorização para que Lana tivesse contato com os vídeos, pois ela se disponibilizou a editar o vídeo posteriormente. Os jovens concordaram.

Assistimos aos vídeos e começamos a discussão sobre o que iria ou não entrar na edição. No começo, houve um movimento dos participantes não quererem que a maioria dos vídeos entrassem na edição final porque não gostaram da forma como apareciam e falavam. Pedi então para que ficassem mais atentos ao que estava sendo falado nos vídeos, nas coisas que os representavam e no que queriam que as pessoas ouvissem e vissem. A partir disso, foram direcionando suas escolhas mais pelo conteúdo. Foram extremamente exigentes quanto aos

detalhes, sinalizando exatamente os trechos que deveriam ser cortados e os que deveriam aparecer.

A princípio, os jovens tiveram dificuldades em compreender o processo de edição. Alguns deles não entendiam, por exemplo, que não era necessário descartar um vídeo inteiro por conta de uma gaguejada, ou um pequeno erro. Foi necessário insistir nesse ponto. Scot, que parecia ter alguma noção de edição, colaborou para que os colegas enfim pudessem entender como funciona o corte nos vídeos.

Os jovens se divertiram muito assistindo as falhas nos vídeos, e um dos pedidos foi que fizéssemos também uma versão “making of” com as cenas engraçadas e erros. Outra exigência foi de que colocássemos “memes” nos vídeos. Eles deram algumas direções sobre os memes que pensaram, mas disseram que poderíamos escolher onde colocar os memes na hora de editar, pois: *“Cê que sabe, tia [...], vocês também é jornalista, né! [...] Vocês também são do jornal”*, disse Hualter. *“É tia! Taca memes, tia!”*, completou Jaya.

Ao fim, após algumas discussões entre os participantes sobre o que entraria ou não na edição final, foi possível chegar a um consenso. O encontro teve um ritmo diferente dos outros, sendo mais voltado a essas escolhas e troca de ideias entre os participantes. Todos se envolveram bastante na atividade. Ao nos despedirmos, lembrei a eles de que o próximo encontro seria o nosso fechamento, onde veríamos a versão final do jornal e conversariamos sobre as discussões que tivemos. Reforcei a importância da presença de todos.

6.3.3 Agora é a vez do jovem falar!

No último dia, os jovens estavam bastante empolgados e ansiosos para assistir ao Jornal Boa Esperança editado. Iniciamos o encontro perguntando como os participantes estavam se sentindo nesse último dia de intervenção:

Java: Bem normal...

Scot: Como os outros...

Hualter: Bem triste.

Scot: Por que triste, rapaz? Triste... o último dia de que, tia?

Hualter: É o último dia das tias! Por isso que é bem triste.

Scot: Não, a tia vai morrer por acaso? Todo mundo tá aqui!

Hualter: Não, último dia delas aqui com nós!

Scot: Então, não vamo falar assim...

Rony: Não!

Hualter: E você?

Camila: Eu? Tô feliz que a gente fez uma discussão que eu acho que foi muito legal.

Eles pediram para que assistíssemos ao vídeo editado, e antes de colocarmos na tela, explicamos que foi editado em um curto intervalo de tempo, e que faríamos uma segunda edição com os ajustes necessários. Durante a exibição do vídeo, si divertiram bastante, e a todo momento mencionavam os ajustes que precisavam ser feitos, como Jaya e Hualter: “*Podia abaixar aquela parte lá do ‘eu sou rica’!*”, “*Tia, podia colocar um meme aí. Do nada apareceu um trem na frente da câmera ali!*”. Anotei os ajustes que foram mencionando para a segunda edição, e perguntei o que acharam de se assistir na tela:

Camila: [...] O que é que vocês acharam do vídeo, gente? Assim, o que é que cês acharam assim, do... desse jornal que cês criaram pra vocês?

Rony: Top!

Jaya: Rachei a cara!

Scot: Bonito e quero continuação, parte 2!

Camila: Precisa ter uma continuação?

Rony: Sim.

Jaya: Tinha que mandar pra Globo, a Globo tinha que passar isso todo dia!

Scot: Mandar pra Globo, é verdade!

Jaya: É verdade! É verdade, manda pra Globo!

[...]

Camila: Por quê que tinha que aparecer na Globo?

Jaya: Porque é muito foda!

Scot: É porque nós, nós...

Pablo: Ou mesmo aparecer, tipo...

Hualter: No SBT qualquer coisa... um canal engraçado...

Scot: Não, não!

Hualter: ... qualquer canal tá bom, tia. Os outro vendo nós tá bom!

Rony: É, tinha que aparecer no... como é que fala gente? É...

Pablo: Ou mostrar esse jornal no CRAS!

Rony: ... TV Alterosa, TV Alterosa!

Eles então decidem que após a segunda edição, gostariam que o vídeo fosse exibido no CRAS. Depois dessa discussão, tentei levar uma síntese dos principais pontos de discussão que os jovens trouxeram, usando as falas mais marcantes, no sentido de compartilhar aquele conteúdo de forma mais organizada, pedindo para que me interrompessem se não entendessem ou se achassem que algo estava errado.

Destaquei os momentos em que eles falaram sobre os jornais não considerarem a história das pessoas; a abordagem violenta dos apresentadores; sobre as operações policiais que consideram injustas; as experiências de preconceito que sofrem nas ruas, que eles identificaram serem influenciadas pelo modo como são representados; além da ausência da voz do jovem nas reportagens. Por fim, trouxe o Jornal Boa Esperança e as músicas que discutimos como algo

que eles trouxeram para os representar. Eles ouviram e concordaram durante toda a fala: “*É verdade!*”, repetia Scot. “*Muita revolta, né?*”, comentou Hualter.

O assunto não se estendeu, então os questioneei sobre o que acharam da discussão e dos encontros. Pedi que falassem os pontos que acharam interessantes e o que deveria melhorar, e então surge a questão da linguagem. Hualter disse que faltou falar “*do modo mais fácil*”, e eu então pedi que ele explicasse melhor. Quando Hualter fala sobre essa questão, os outros debocharam, rindo do colega:

Camila: Como que é o modo mais fácil?

Hualter: O "português" claro.

Scot: "Português"!

((risos))

[...]

Camila: E você acha que a gente falou português claro ou faltou às vezes falar português claro?

Hualter: Faltou português claro, né...

((risos))

Camila: Como é que faltou o português claro?

Hualter: Falar a minha língua.

Jaya: A língua da bobiça?

Scot: Não, a sua língua tá aí, não tem como falar não...

Ana: Em que momento você acha que faltou?

Camila: Dá exemplo pra gente.

Hualter: Hum... nos momentos que eu pedi pra cês explicar de novo.

[...]

Scot: O João Paulo nem lembra!

[...]

Ana: Entendi, as reflexões foram um pouco complexas assim mas depois cê foi entendendo?

Hualter: Isso, isso, isso!

Nesse momento, me preocupou se a questão da linguagem atrapalhou a discussão ponto de não fazer sentido para eles, então os questioneei sobre isso: “*Fez!*”, responderam Scot e Hualter. “*Isso fez sentido!*”, completou Hualter, se referindo às discussões dos vídeos. Perguntei aos demais se eles concordavam com Hualter sobre ter faltado falar de forma mais fácil, e todos sinalizaram discordar do colega. Jaya, Pablo e Rony acenaram negativamente com a cabeça, e Scot disse: “*Não faltou não, tia! [...] O Hualter tá meio desatualizado aí no software dele*”, se referindo a Hualter.

Após esse momento, entramos na discussão dos nomes fictícios, já que a ideia era de que escolhessem os nomes que apareceriam como forma de sinalizar sua autoria. Nesse momento eles questionaram bastante e começam a se agitar, incomodados por seus nomes reais não aparecerem no texto:

Pablo: Mas e se a gente, tipo assim, a gente quiser pesquisar, como é que a gente vai saber... que a gente vai identificar com isso e isso?

[...]

Hualter: Ô tia, e se nós autorizar a aparecer nosso nome? Pode ou não?

Camila: Então, o que é que acontece? Vocês falaram aqui várias coisas, né, que são muito interessantes, mas são coisas que podem expor vocês...

Scot: "PVD", privado.

Pablo: Vai vim um monte de mídia atrás da gente.

Hualter: Isso aí é bom tia! Hã! Nós vai, nós vai...

Pablo: ... ficar rico, ganhar...

Hualter: ... sucesso!

Rony: É, tia... e se nosso, por exemplo, reportagem tipo assim... ir pro jornal?

Hualter: Aí as cria ó, os cria ó!

Scot: Aí vai explicar lá assim ó, perai... e exemplo do final...

Pablo: ... "feito na Europa"?

Scot: ... vai ficar assim: "autores", aí primeiro "editores", seus nome todos...[...] "editoras: Ana e Camila"...

Hualter: Ô tia, que é bom que os cara faz uma música com nós, nós inventa uma música aí, nós vira famoso no *Free Fire*...

Scot: ... "autores: Tilin"...

Rony: Nós vira famoso, tia! Aí como é que eles vai achar nós?

Hualter: Aí nós vai ficar igual o "piuzim", esses cara assim do *Free Fire*, tá ligado?

Pablo: Até descobrir que é nós, fi!

Rony: Até achar nós...

Pablo: ... já ganhou muito dinheiro a senhora!

Começaram então a demonstrar muito receio de que eu me aproveitasse da participação deles na pesquisa. Foi difícil contornar a euforia e explicar que o estudo ficará disponível na internet e que é um trabalho acadêmico. Nesse momento, Ana foi essencial, pois conseguiu explicar de forma muito simples: “*Ela vai jogar ele lá ó, na internet, "pum" [...]. Qualquer pessoa vai poder acessar ele, só que é de graça. Pessoas que fazem pesquisa, só que acessa de graça... ou seja, não paga nem um centavo*”. Perguntados sobre a pesquisa e as discussões que realizamos os representarem ou não, eles afirmam que sim e justificam:

Pablo: Porque escutou as nossas voz.

Hualter: Escutou a parte de cá.

Pablo: Se não, não sabe realmente o que acontece.

Hualter: Não sabe o que acontece por trás das câmeras.

Scot: E é bom também saber que os adolescentes mesmo que falaram, [...] mostrando que foi totalmente adolescentes.

[...]

Hualter: Agora é a vez do jovem falar!

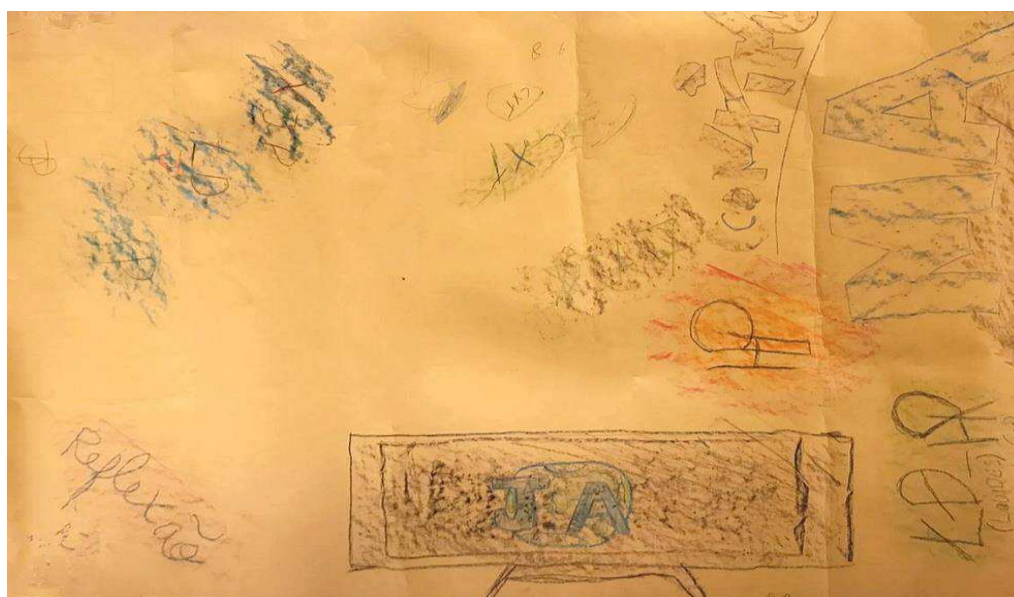
[...]

Pablo: Agora é a voz dos jovens que vai falar!

Passado o momento de discussão sobre o processo dos nossos encontros, busquei direcionar para o momento final. Fizemos um lanche e depois nos sentamos ao chão para ouvir músicas escolhidas por eles e desenhar numa cartolina algo que representasse a intervenção e o nosso grupo. As músicas escolhidas foram “Poesia 7” de Mc Hariel, “Vida Loka pt. 1” e “Diário de um detento” de Racionais Mcs. Todas as músicas escolhidas falam sobre a realidade das comunidades e fazem críticas sociais.

Pedi para que desenhassem ou escrevessem na cartolina o que eles quisessem, e que representasse os nossos encontros. Jaya desenhou uma TV com o logo do Jornal Boa Esperança, os outros ficaram em dúvida do que fazer, receosos com os lápis em mãos. Eu escrevi a palavra “reflexão”, e disse que é uma palavra que acredito ter representado os nossos encontros. A partir de então, eles escreveram:

Fotografia 4 - Cartaz da atividade final



Fonte: Acervo pessoal (2019)

A maioria apenas assinou com os nomes de seus personagens de jogos online. Um dos jovens escreveu a palavra “continua”, como se ela estivesse saindo do papel, e um outro pequeno desenho feito no cartaz representa o símbolo de “infinito”. Rony, em contrapartida, fez apenas um ponto e me disse que fez um ponto porque tudo precisa ter um ponto final.

Durante essa atividade, Pablo sugeriu que fizessem futuras intervenções sobre sexualidade. Segundo ele, é um tema que precisa ser discutido. Pablo, em vários momentos, no decorrer dos encontros, sinalizou sofrer homofobia, inclusive entre por parte dos demais participantes. Os colegas reafirmaram a necessidade de um espaço para debater sobre

sexualidade, e no desenrolar do assunto começaram inclusive a expor algumas dúvidas que tem sobre o assunto, me pedido para falar a respeito.

Nesse encontro, fechamos os trabalhos elaborando uma matéria para o “Fala Boa Esperança”. Luiz havia me convidado a escrever uma reportagem falando sobre o processo da pesquisa. Acreditei ser incoerente pensar nesse texto sozinha, já que se trata de um informe comunitário e que a pesquisa foi realizada em conjunto aos jovens. Fiz então a proposta de escrevermos juntos, e eles concordaram. Eles me diziam o que deveria ser dito, e eu elaborava as frases e lia para eles verificarem se estava do jeito que queriam. Assim, fechamos o texto e as nossas atividades:

Chegou a hora da juventude falar!

Foram realizadas, nos meses de Outubro e Novembro deste ano, discussões com um grupo de jovens do Boa Esperança sobre juventude, criminalidade e mídia. Os encontros do grupo de discussão aconteceram na biblioteca comunitária (espaço cedido pelo Pró-cultura) e fizeram parte de uma pesquisa de pós-graduação na área de Psicologia Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. O objetivo foi de oferecer um espaço aberto para diálogo e debates críticos.

Durante os encontros, nós, os jovens do Jornal Boa Esperança, discutimos sobre como os jovens aparecem nas reportagens e a forma como são representados na mídia. Achamos que os apresentadores dos jornais muitas vezes são rudes para falar dos jovens das comunidades, além de não escutarem os dois lados de um acontecimento.

A partir das nossas discussões criamos o Jornal Boa Esperança, um jornal onde falamos sobre a nossa opinião, ou seja, a opinião dos jovens sobre notícias em que não somos ouvidos. Falamos também sobre coisas que não aparecem na TV e nos jornais da forma como deveriam: a amizade entre os jovens, preconceito, racismo, além das dificuldades e também das coisas legais do nosso bairro.

Achamos que devemos ter outros grupos e projetos abertos para discutirmos sobre assuntos que temos curiosidade e interesse, como por exemplo os jogos online, esportes, o fechamento do intercâmbio e também sobre temas como a sexualidade.

Camila (pesquisadora), Ana (co-pesquisadora) e Equipe do Jornal Boa Esperança (Fala Boa Esperança, 2019 – adaptado)

Fotografia 5 - Reportagem do Fala Boa Esperança



Fonte: Acervo pessoal (2019)

A partir dessa atividade, foi possível que os jovens escrevessem uma reportagem de jornal. Pensando em todo o processo de intervenção, e tudo o que apontaram durante as demais atividades, esse ato representou assumir a autoria de um texto, ou seja, possibilitou que suas vozes e histórias ecoassem através da escrita.

7 UMA ANÁLISE SOBRE OS DIÁLOGOS ENTRE OS JOVENS E A MÍDIA

Através do diálogo que se desenrolou entre os discursos midiáticos e os discursos dos jovens participantes a partir da condução dos grupos de discussão, é possível analisarmos em que medida o conteúdo simbólico proferido pelos meios de comunicação produz efeitos nas experiências concretas vivenciadas pelos sujeitos. Nesse sentido, se destaca a construção de sentidos que revelam violências que compõe o cotidiano em que esses produzem suas vidas. Apesar de haver uma ação ideológica que se observa a partir do discurso midiático e o modo como ele opera sobre a vida dos jovens, é possível identificarmos também movimentos de resistência contra tais ímpetos de violência perpetrados pela mídia hegemônica (GUARESCHI, 2012; ZAFFARONI, 2012; MARTÍN-BARÓ, 2017; COSTA, 2019).

Primeiramente, é importante ressaltar que o que foi dito pelos jovens provavelmente possui estreita relação com a forma dialógica com que se buscou conduzir o processo de pesquisa, permitindo e desejando a interpelação dos sujeitos em relação à construção da intervenção e dos debates. Partimos da ideia de que os discursos são constituídos na relação entre os interlocutores e no contexto em que são produzidos, portanto sua análise precisa ser pensada de acordo com as particularidades envolvidas na sua produção (BAKHTIN, 2011; 2017).

Tratando-se de um processo de pesquisa dialogado e participativo, durante o caminho de aproximação e construção de vínculos, é comum que o pesquisador se depare com uma série de desafios e encontros que atravessam a relação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, é necessário ter abertura para dialogar, compreender e analisar esses elementos, permitindo que eles interfiram nas direções dos trabalhos, já que o campo e os participantes são vivos e ativos (FALS BORDA, 1999; MONTERO, 2006; SOUZA; CARVALHO, 2016).

Entre os principais encontros, interpelações e desafios ocorridos nesse momento de aproximação, as principais questões giraram em torno do desafio da construção da autonomia enquanto pesquisadora, na desvinculação da imagem da ONG, e os apontamentos dos jovens sobre a imagem e representação da minha presença naquele espaço. O vínculo com uma figura-chave da comunidade é essencial para facilitar o processo de familiarização, mas que há de se ter cuidado com a natureza da manutenção desse vínculo. Afinal, é necessário que o pesquisador tenha autonomia para agir (MONTERO, 2006; BONILLA et al, 2008). Aqui, essa figura é representada pelos membros da ONG, e principalmente por Luiz. A princípio, fui compreendida por essas pessoas e pelas pessoas da comunidade, como membro da ONG, e foi necessário me desvincular desse papel com cautela.

É algo delicado, primeiramente, porque a ONG, em si, representa determinados valores religiosos, morais e pedagógicos específicos que, de certa forma, não favoreceriam o movimento mais livre e dialogado proposto pela pesquisa. Em segundo lugar, porque apesar da necessidade de me distanciar de tais valores, era necessário e interessante manter uma relação de confiança para ter mais autonomia e poder contar com os recursos disponíveis (MONTERO, 2006). Afinal, trata-se de uma instituição que nasceu da luta comunitária e com potencial para ser multiplicadora de atividades voltadas ao debate e fortalecimento político e social local. Aos poucos, no espaço institucional, foi possível a construção de ideias de intervenções mais horizontalizadas, baseadas na escuta e participação dos jovens.

Essas foram questões importantes para que eu entendesse o papel que ocupava naquele espaço e não caísse na armadilha de acreditar que, ao me tornar familiarizada, poderia considerar-me alguém já pertencente àquele contexto, e, portanto, seria possível “me camuflar”. Algumas cenas escancararam a minha condição de “agente externa” constantemente observada (VALLADARES, 2007). Existem claras separações e símbolos que me marcam enquanto alguém “de fora”, e o desafio foi que essa marcação das diferenças não impedisse ou prejudicasse o curso do processo de aproximação com o campo, com a comunidade, e na construção de uma relação de confiança os participantes.

Na tentativa de propor e construir uma pesquisa que fizesse sentido aos participantes e à realidade da comunidade, foi importante a abertura para que interferissem no material proposto, tanto no conteúdo quanto na forma (FALS BORDA, 1999; SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012). Os jovens contribuíram indicando reportagens que desencadearam em discussões as quais provavelmente não seriam possíveis sem a abertura para que sugerissem material de seu interesse. Quanto à forma do material, os participantes também interferiram, se mostrando desconfortáveis, por exemplo, com material impresso e atividades escritas, sugerindo outras alternativas que faziam mais sentido para eles.

Esse processo de se deixar surpreender pelo campo e pelos participantes, porém, apesar de necessário e essencial quando nos propomos a pesquisar nos moldes da presente investigação, não se trata de um movimento fácil (FALS BORDA, 1999; SOUZA, ALBUQUERQUE, 2012). Por vezes o pesquisador se vê em situações de dificuldade na condução das atividades.

Sendo assim, a partir de uma série de negociações com o campo e interpelações dos participantes, as relações e aproximações foram sendo construídas com o desenrolar da pesquisa. Portanto, as falas e experiências expressadas pelos jovens sobre a realidade de violência e suas interconexões com a mídia foram resultado dos diálogos que se desenvolveram

entre pesquisadora, campo, participantes e o material apresentado. Além da questão dialógica e seus desdobramentos no processo de pesquisa, é importante considerar a natureza polifônica dos discursos ao analisarmos os resultados construídos. Dessa forma, assim como o discurso midiático se constitui ecoando uma série de vozes hegemônicas, os discursos dos jovens também ecoam vozes que compõe suas experiências, relações e opiniões proferidas (BAKHTIN, 2011, 2017).

O olhar crítico dos participantes durante as discussões com o material midiático demarca os seus papéis enquanto sujeitos históricos e políticos, capazes de analisar sua realidade e contexto em que estão inseridos. Os jovens, à sua maneira e a partir de seus olhares atentos, identificam os fatores econômicos e políticos que exercem influência sobre suas vidas, narrando experiências e tecendo debates sobre os atravessamentos entre tais fatores, a representação midiática e seu cotidiano marcado por uma série de violências (COSTA, 2019).

Durante o debate sobre as primeiras notícias apresentadas, algumas temáticas foram levantadas pelos jovens, entre elas, o apontamento do material representar uma mídia que desconsidera as histórias das pessoas. As reportagens exibidas aos jovens refletem o que Mendes (2017) descreve como “mídia tribunal”, ou seja, uma abordagem midiática que promove julgamentos e juízos de valor, sempre pautados em ideias comuns a uma “criminologia midiática” (ZAFFARONI, 2012), onde os jovens das periferias são postos como os grandes responsáveis pela criminalidade do país.

Assim, quando os participantes dizem que os apresentadores e programas ignoram as histórias dos jovens ali apresentados, podemos pensar nas discussões de Fanon (2006) e Martín-Baró (2017) sobre a necessidade de despersonalizar os sujeitos para que se possa exercer violência sobre eles. Ou seja, as práticas midiáticas violentam essa juventude a partir do momento em que silenciam histórias e trajetórias, considerando os sujeitos ali exibidos como pessoas individualmente e moralmente inadequadas e perigosas, que precisam ser, a qualquer custo ser segregados, punidos e eliminados para a “proteção” das demais pessoas (ZAFFARONI, 2012).

Os participantes ressaltam essa violência nas próprias palavras dos apresentadores, se referindo a suas falas como discursos agressivos. Esses apresentadores acabam compondo uma mídia que desconsidera a história da pessoa representada até que ela chegue ao ato de cometer um crime, julgando os sujeitos apenas pelo seu histórico criminal. Isso ilustra a discussão sobre ser necessário fazer com que os jovens pobres sejam considerados corpos desprovidos de humanidade para que sejam vistos como inimigos e perigosos, pois através dessa lógica, se justifica qualquer medida de violência sobre tal grupo como sendo um ato necessário e

desejado. Assim, essa mídia acaba sustentando outras violências exercidas sobre eles através, por exemplo, das medidas estatais desproporcionais de controle, agressão e punição (WACQUANT, 2015; MARTÍN-BARÓ, 2017; MENDES, 2017).

Mendes (2017) destaca esse elemento da violência dos âncoras de telejornais policiais afirmando que estes ultrapassam a descrição dos fatos, opinando e se expressando de forma inflamada sobre o caso que está sendo noticiado. Há então uma figura provida de capital simbólico, ou seja, um apresentador em que a população confia e tem como referência de informação (THOMPSON, 2002), proferindo julgamentos criminalizadores e violentos. Nesse sentido, é importante considerarmos as reflexões de Moraes (2013) sobre a mídia quando este destaca o potencial ideológico e simbólico do que é dito através dos meios de comunicação hegemônicos, exercendo forte impacto sobre o imaginário social.

Zaffaroni (2012, p.308) discorre sobre o papel central da construção de um clima de emotividade e indignação constante através dos discursos dos apresentadores e da criminologia midiática em geral, que sustenta a crença da população sobre a juventude das periferias como criminosos e perigosos:

Essa crença se constrói sobre bases bem simplistas, mas profundamente internalizadas, à força de reiteração e bombardeio de mensagens emocionais através de imagens: indignação frente a alguns fatos aberrantes, mas não a todos, apenas os dos estereotipados, impulso vingativo por identificação com a vítima desses fatos, mas não com todas as vítimas, apenas com as dos estereotipados e, se possível, que não pertençam elas próprias a esse grupo, pois nesse caso, considera-se uma violência intergrupala própria de sua condição inferior, medo da própria vitimização e reivindicação de maior repressão com base em uma causalidade mágica, segundo a qual maiores penas e maior arbítrio policial produzem maior prevenção dos delitos.

A partir dessa prática midiática que silencia a história dos sujeitos, os jovens percebem os impactos sobre suas experiências cotidianas de violência e consecutivamente sobre suas subjetividades. Os relatos de violência policial são uma constante nas narrativas dos participantes. Essa é uma questão que também remete às discussões de Zaffaroni (2012). Segundo o autor, a criminologia midiática exerce uma cisão entre o “nós” e o “eles”, sendo “eles” todos os jovens pobres que possuem símbolos estéticos, sociais e econômicos parecidos com aqueles jovens exibidos nos jornais como criminosos insuficientemente penalizados. Sendo assim, se tem o aval para tratar qualquer jovem pobre como um sujeito perigoso, prestes a cometer algum crime. A partir desses símbolos a polícia determina seu conceito de “atitude suspeita”, justificando a violência programática cotidianamente exercida sobre a juventude pobre (BATISTA, 2011).

A partir dos relatos dos jovens suscitados pelos vídeos e reportagens exibidas, é possível analisar a função da representação midiática quando o assunto é criminalização. Os discursos inflamados e a abordagem que simplifica, desumaniza e reduz as histórias das pessoas ali representadas, acabam por sustentar ideologicamente uma lógica punitivista e repressiva através da espetacularização dos casos ali exibidos. Isso colabora com que a população que consome tal conteúdo midiático seja conduzida a um raciocínio que ignora questões e discussões que dizem respeito à estrutura social que gera pobreza, precariedades e violências, para reproduzir um discurso amedrontado que clama por mais punição e encarceramento, refletindo o Estado Penal (BOURDIEU, 1997; WACQUANT, 2015).

Os jovens também sinalizam sobre seus sentimentos diante à necessidade de vigília constante sobre como, onde e em que horário circulam pela cidade por medo de serem vistos como “bandidos” e repreendidos pela polícia. Martín-Baró (2017), ao discutir sobre trauma psicossocial considera que é necessário substantivarmos a violência para não reduzirmos o ato violento a aquilo que poderia ser bom ou mal, mas que devemos compreender que este está atrelado às condições concretas de sua produção. Assim, ao tomar a violência como substantivo podemos pensar na relação que se estabelece entre sujeitos e estrutura social, mediados por elementos ideológicos, como a própria mídia que pode ser uma perpetuadora de violência. O autor, ao dissertar sobre contextos de guerra e violência explícita sobre como essas experiências sociais constantes de medo e de agressividade exercem impacto sobre a saúde mental das pessoas, podendo até mesmo desencadear quadros relacionados a transtornos de ansiedade e depressão, por exemplo.

Sendo assim, podemos falar de uma espécie de violência midiática, que através de suas representações sobre a juventude, embasa e reproduz a lógica da criminalização, forjando as opiniões dos consumidores desses discursos, ou seja, levando a população a um movimento de desumanizar os jovens que carregam símbolos que remetem à pobreza, bem como elementos raciais, pois esses são “naturalmente” associados à criminalidade. Esse processo impacta sobre as vidas e subjetividades dos jovens, que buscam constantemente fugir e se desvincular de tais símbolos associados à pobreza e “bandidagem” (COIMBRA, 2001; GUARESCHI, 2012; ZAFFARONI, 2012).

Em suas representações do que seriam os “criminosos” e os “cidadãos de bem”, a mídia hegemônica também fornece espécies de credenciais, afinal, o que se propaga é uma divisão dicotômica onde se “desenha um mundo de *nós*, os *bons* e *eles*, os *maus*, que não deixa espaço para a neutralidade” (ZAFFARONI, 2012, p. 309). Ainda segundo o autor, qualquer manifestação, inclusive estética e cultural, que destoe do estereótipo dos “bons”, é

estigmatizado como algo violento. Sendo assim, os jovens, durante as conversas, demonstraram utilizar de tais credenciais de “boa índole” para se afastarem do estereótipo de “bandido” que tanto os violenta subjetivamente. Se a roupa, o modo de andar ou de falar os identifica enquanto sujeitos ameaçadores, a bíblia, por exemplo, faz o efeito contrário. Os objetos assumem sentidos no cenário das visibilidades sociais, nas experiências de circulação e interação social nas cidades, e a representação midiática reforça e valida tais sentidos. Por diversas vezes os jovens utilizam das imagens de “trabalhador” e de “religioso” para se protegerem inclusive das abordagens policiais.

Essas duas representações – religioso e trabalhador - que compõe a figura do “cidadão de bem” têm suas origens ideológicas nas construções que compõe a estrutura social brasileira, onde é útil que a pobreza seja vista como uma questão individual a ser superada através do trabalho e da fé para que se seja considerado um “bom pobre”, um “cidadão de bem”. Sendo assim, assumindo a figura do trabalhador ou do religioso – reforçadas pela própria mídia como posturas desejáveis, o jovem se afasta da figura que essa mesma mídia hegemônica “tribunal” reserva a ele, e que gera tantas consequências de diversas naturezas (BATISTA, 2011; MONTAÑO, 2012).

Como uma dessas consequências, podemos evidenciar o cerceamento da liberdade de ser quem se é ou se deseja ser. A individualidade desses jovens marcados pela criminologia midiática como violentos e criminosos simplesmente por serem quem são, residirem onde residem, se vestirem como se vestem e por seus demais símbolos estéticos, sociais e econômicos, acaba sendo perpassada pela necessidade de assumir determinadas posturas que por vezes violentam suas subjetividades e identificações. Uma preocupação relatada pelos participantes é sobre a forma de se vestirem ao circularem pelo comércio e pelas ruas do centro da cidade para não serem confundidos com bandidos. Dessa forma, existe uma limitação na exposição e na construção de suas identidades e subjetividades (GUARESCHI, 2012; COIMBRA, 2001).

Segundo Coimbra (2001), a mídia hegemônica forja nossas subjetividades e opiniões a partir da disseminação de determinados valores simbólicos. A partir das falas dos participantes é possível perceber que para quem é protagonista dessa mídia – o jovem pobre -, o forjar das subjetividades se torna ainda mais evidente e acentuado. Um ciclo de violências é construído na medida em que é necessário que esses jovens incorporem as representações proferidas como desejáveis pela mídia e pela sociedade (mesmo que isso se choque com suas reais identificações individuais) para se protegerem da própria criminologia midiática que os violenta, os elegendo

como pessoas perigosas e que devem ser indiscriminadamente controladas, penalizadas, agredidas e inclusive exterminadas.

Alguns momentos evidenciam esse movimento, como por exemplo, ao fim de um debate onde ao relatarem uma série de abusos policiais e situações de injustiça, os jovens expressaram de modo unânime que desejam ser policiais. Assim, frente a situações de opressão, percebem de forma crítica e indignada a posição que ocupam e as violências a que são submetidos, porém acabam, em consonância com as reflexões de Paulo Freire (2019) em “A pedagogia do oprimido”, enxergando a incorporação da figura do opressor como uma espécie de solução a essas violências enfrentadas, pois assim, talvez possam conquistar o respeito das pessoas e das demais autoridades, podendo de alguma forma se blindarem dessas violências sofridas cotidianamente.

Mesmo citando diversas assimetrias exercidas pelo sistema judiciário e pelos poderes coercitivos em suas ações quando se trata da juventude pobre, os participantes por diversas vezes apontam essas instituições como referências de proteção. Ou seja, contraditoriamente, apontam o sistema judiciário como aparato protetor contra as violências e injustiças decorrentes da atuação desse mesmo sistema. Nos momentos em que identificam determinada diferença de tratamento em casos julgados por conta de classe ou cor, os jovens indicam que recorriam à própria justiça, pois a punição deveria ser “igual para todos”. Através das diversas contribuições de autores da criminologia crítica, compreendemos que o direito, apesar de propagar os supostos ideais de igualdade, se desenvolve com o objetivo de gerenciar e criminalizar a pobreza, ao invés de proteger, embasando historicamente medidas de extermínio e punição contra essa população (RUSCHE; KICHHEIMER, 1999; BATISTA, 2009; BARATTA, 2011). Ainda assim, o discurso proferido pela mídia, que por vezes é incorporado pelos participantes, é o de que a “justiça é para todos”.

As notícias sobre as operações nas praças no centro da cidade e as discussões tecidas a partir do diálogo com essas reportagens, revela o forte caráter de criminalização e discriminação dessas ações, já que foram iniciadas por solicitação dos moradores das áreas centrais da Cidade do Sol devido à presença dos jovens das periferias naqueles locais aos finais de semana. Segundo Rusche e Kichhheimer (1999), quando os pobres visivelmente ocupam os espaços das cidades, a burguesia se amedronta, buscando cada vez mais formas de proteger sua propriedade, recorrendo para isto à justiça e às instituições de controle e repressão como a polícia. O clima de terror criado pela criminologia midiática aponta que os mesmos jovens que estão na praça reunidos em seu momento de lazer, amanhã poderão cometer crimes bárbaros, já que são “parecidos” com aqueles que as notícias exibem como protagonistas da

criminalidade. Sendo assim, é necessário os isolar, afastar, prender e exterminar (ZAFFARONI, 2012).

Os jovens, porém, não deixam de se identificar e se posicionar criticamente frente a essas situações, mesmo que por vezes incorporem parcialmente os discursos reproduzidos pela mídia. Quando foram discutidas as reportagens emblemáticas que evidenciavam o contraste de casos de crimes envolvendo jovens pobres e jovens ricos, há uma mudança semântica espontânea importante na fala dos participantes, pois passam a se referir a esses jovens injustiçados como “vítimas”. Esse fator destaca o movimento dinâmico e vivo que a linguagem assume no diálogo com o discurso midiático, expressando através dessa “resposta” semântica que altera as posições da representação dos interlocutores dos textos em questão, a análise crítica e de indignação produzida pelos jovens sobre tais situações (BAKHTIN, 2011; 2017).

A partir dos diálogos tecidos pelos jovens com o conteúdo apresentado é perceptível então um movimento dinâmico de contestação, mas também impotência frente aos discursos proferidos pela mídia. Uma potência de indignação é produzida, porém esta não encontra espaço de expressão e ação frente a esse ciclo de criminalização e violências que é vivenciado na pele desses jovens e expresso através dos inúmeros relatos por eles trazidos. Podemos, através disso, perceber a atuação do poder simbólico midiático, tolhendo a manifestação de forças contra-hegemônicas (THOMPSON, 2002; MORAES, 2013).

Nos referimos então a uma mídia em que não há espaço para a real presença das vozes desses jovens. Através de uma dinâmica comunicacional que define a agenda de discussões que será posta em pauta e circulará nas ruas e lares do país (MCCOMBS; SHAW, 1972), oculta-se a voz desses sujeitos que se tornam uma espécie de protagonistas emudecidos. O mecanismo midiático de se “ocultar mostrando”, ou seja, ocultar temas e grupos através da evidenciação de outras temáticas e vozes discutida por Bourdieu (1997) e Moraes (2013), é percebido pelos participantes quando estes identificam que a voz do jovem não costuma estar presente nas reportagens, e quando aparece, acontece sob situação de coerção ou humilhação, em contraste, por exemplo, às vozes e imagens dos policiais, comumente retratados com orgulho em poses heroicas.

Diante a esse impasse, porém, os participantes construíram, a partir de um movimento de criatividade e inquietude, formas de resistência. Quando convidados a inserirem suas vozes onde o espaço a ela é limitado, subvertem os moldes a princípio propostos na intervenção e criam sua própria forma de dizer o que querem. O símbolo maior desse movimento é a criação do Jornal Boa Esperança. De acordo com Coimbra e Nascimento (2005, p.13), as juventudes criminalizadas e marginalizadas “teimam em continuar existindo, apesar de tudo”, criando

mecanismos e formas de lutar, ou seja, colocar suas vozes em ações que contestam a lógica do capital, refletida pela mídia, que os tenta emudecer.

Ao identificarem uma “criminologia midiática” que desconsidera suas histórias, oculta suas vozes e exerce influência sobre suas mais simples experiências cotidianas, os participantes se apropriaram da potência da comunicação, das tecnologias e da mídia para, à sua maneira, se fazerem protagonistas de suas opiniões e visões sobre o que é dito sobre eles e sobre como são (ou não) representados. A metalinguagem do jornal dentro do jornal escancara a necessidade de serem ouvidos e de “se apresentarem” de forma genuína, rompendo com a não-identificação que os violenta, sendo exibida todos os dias através de determinados programas e reportagens (COIMBRA; NASCIMENTO, 2005; GUARESCHI, 2012; ZAFFARONI, 2012).

A resistência dos jovens também aparece de forma mais sutil através de sua relação com a internet e com as redes sociais. Desde o início da intervenção, eles ressaltavam que a internet é o veículo mais consumido por eles. Apesar da presença massiva da televisão em seus lares, todos relataram não gostar ou evitar assistir a jornais televisivos, preferindo se atualizarem das notícias por grupos de redes sociais. Além disso, diziam também consumir vídeos, músicas e jogos através da internet em seu tempo livre. Leal Filho (2018), apostando na internet como ferramenta de contestação e democratização midiática, ressalta que a *web* possui características que permite expressões contra-hegemônicas e acesso a conteúdo diverso, fornecendo outras possibilidades de identificação.

Em pesquisa que discute sobre o *hip-hop* e a internet como formas de resistência dos jovens das periferias, na mesma direção da análise aqui proposta, Fraga et. al. (2013, p. 260) afirma:

Podemos inferir que a sociedade, e em especial jovens da periferia de pequenas, médias e grandes cidades brasileiras, experimenta cada vez mais a navegação e comunicação pela rede mundial de computadores, construindo novas formas de conhecimento, sociabilidade e representação. Existe um novo modo de ser e estar no mundo, que agrega a vida *online*, ou seja, conectada à *web*, com a *off-line*, que diz respeito ao mundo externo e atual. Mais ainda, esses espaços são formas de se organizarem, de resistirem e de afirmarem suas preferências e maneiras de se expressarem.

Através da internet, os jovens encontram discursos alternativos com os quais realmente se identificam e que genuinamente representam suas histórias e experiências de vida. Paulo Freire (2019) destaca que as compreensões e apreensões dos sujeitos estão intimamente relacionadas a suas experiências de vida, às imagens, objetos e emoções que fazem parte do seu cotidiano. A partir desse movimento, os jovens são capazes de falar, por exemplo, sobre

amizade, honestidade e lealdade através de músicas que narram histórias que trazem como contexto o tráfico de drogas, que é algo presente na realidade de comunidade.

Frente a uma representação midiática que violenta suas subjetividades (COIMBRA, 2001; GUARESCHI, 2012), as suas vozes e subjetividades encontram caminhos de expressão alternativos através da identificação com pessoas e discursos que refletem seus valores, realidades, desejos e experiências. Sendo assim, o “capital simbólico” (THOMPSON, 2002) atribuído aos veículos midiáticos hegemônicos e seus representantes, é também subvertido pelos jovens, afinal, as vozes de confiança e representação para eles são outras contra-hegemônicas, as quais a população em geral desconhece ou nega como manifestação cultural “legítima”. A partir de uma lógica dicotômica onde as coisas são simplificadas e classificadas como boas e desejáveis ou ruins e repulsivas (ZAFFARONI, 2012), certamente, aos olhos de um segmento social elitista, músicas que refletem as vozes dos jovens criminalizados das periferias não são consideradas dignas de serem amplamente divulgadas e discutidas.

Através desses “respiros” fornecidos pelas mídias alternativas e pela internet, os jovens encontram inspiração para mover sua capacidade crítica, de indignação e ação. Quando suas vozes estão genuinamente em evidência, como por exemplo, através da criação, edição e finalização do Jornal Boa Esperança, os participantes demonstraram uma grande necessidade de mostrar às pessoas o que diziam. É como se desejassem que suas vozes pudessem alcançar as pessoas da mesma forma que os discursos midiáticos que os violentam e não os representam alcançam a população, influenciando os olhares, as opiniões e os valores disseminados. (COIMBRA, 2001; GUARESCHI, 2012; MARTÍN-BARÓ, 2017)

A partir de um processo onde tentou se criar um clima dialógico, coletivo e participativo, foi possível que os jovens analisassem criticamente as representações midiáticas hegemônicas e seus impactos em suas vidas. Foi possível também que se apresentassem a partir de suas reais identificações, tecendo formas criativas de inserir suas vozes frente a uma lógica onde não há espaço a elas, que os emudece (COIMBRA, 2001; BAKHTIN, 2011, 2017).

Portanto, através dos diálogos construídos, é possível dizermos que o conteúdo midiático impacta nas experiências e subjetividades dos jovens, resultando em uma série de violações. A esse processo, conforme anteriormente mencionado, consideramos se tratar de um tipo de violência específica, a qual denominamos de violência midiática. Diante a essa violência midiática, porém, há uma forte potência de indignação, crítica e resistência que, apesar de atravessada por contradições provenientes da reprodução do discurso ideológico hegemônico, encontra força e espaço de ação através de representações alternativas (GUARESCHI, 2012; ZAFFARONI, 2012; MARTÍN-BARÓ, 2017; COSTA, 2019).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do caminho construído na tentativa de analisar os sentidos produzidos por jovens inseridos em um contexto de violência e criminalidade em relação a um discurso midiático criminal, algumas questões se destacaram. É importante ressaltar, porém, que com isso não pretendemos esgotar ou simplificar o debate a respeito do tema, mas sim propor uma síntese que impulse novos questionamentos e aponte limitações e possibilidades frente à problemática.

A complexidade da tentativa de condução de uma pesquisa participante em um contexto comunitário que se aventura a promover uma intervenção dialogada e construída em conjunto aos participantes, exigindo uma série de negociações e soluções criativas, encontra significação a partir do momento em que a proposta faz sentido aos participantes e estes se propõem a embarcar na discussão. Sendo assim, é importante destacar que a dedicação dos jovens, o interesse e a implicação que demonstraram nos debates foram essenciais para que essa pesquisa e análise pudesse ser realizada.

Toda a problemática das representações, discursos e práticas midiáticas destacadas teoricamente pode ser observada nas vidas dos jovens em questão quando estes narram episódios cotidianos em que tais discursos tomam forma, se traduzindo em violências expressas através de uma “coça” ou revista truculenta da polícia, experiências de humilhação na circulação por regiões centrais da cidade, em estabelecimentos comerciais, ou mesmo através de olhares e comentários que condenam seus modos de estar no mundo – suas roupas, modo de andar, gostos e identificações.

Trajatórias, histórias e subjetividades são violadas. É como se a fala dos jovens pudesse ser mais clara, direta e potente que qualquer apontamento teórico. Discutimos teoricamente sobre o papel da mídia hegemônica no processo de criminalização da juventude pobre. Mencionamos um Estado que penaliza sujeitos advindos de condições precarizadas e limitantes que esse mesmo Estado proporciona. Assim, com uma mídia que legitima e embasa tal lógica simplista e interessada, deixa-se de lado as políticas sociais e as tentativas de se compreender o crime como um fenômeno complexo e fruto de uma organização social desigual. Os participantes traduzem todo esse debate assertivamente dizendo sobre uma mídia que não considera suas histórias.

Os participantes também são precisos ao se posicionarem sobre as expressões da “mídia tribunal”: uma série de estudos e autores aqui apresentados expõe a confiança atribuída pela população aos âncoras de telejornais, assim como aos portais, canais e fontes de informação.

Esses mesmos comunicadores e fontes midiáticas por diversas vezes assumem discursos e representações imagéticas que realizam julgamentos parciais sobre pessoas e situações. Os jovens, nessa direção, apontam que os apresentadores são violentos em suas palavras e que isso influencia na produção de opiniões sobre eles, sobre a comunidade e consecutivamente impacta em sua circulação pela cidade e nas experiências cotidianas.

Trata-se de uma mídia que, através de seus discursos, legitima e justifica ideologicamente práticas e políticas de violência que tem suas consequências concretamente representadas pelas estatísticas que apontam os jovens pobres e negros como o grupo que mais morre no Brasil. Consequências também representadas pelo que os jovens relatam sobre suas vivências. Cabe nos questionarmos então sobre os impactos dessa lógica nos processos de subjetivação desses jovens e mesmo na expressão de sua saúde mental. As falas dos jovens participantes nos apontam algumas direções.

A partir dessa mídia que é organizada a serviço das elites e seus interesses de forma não democrática, nada imparcial e monopolizada, as subjetividades dos jovens que protagonizam as manchetes de episódios criminosos bem como aqueles que são de certa maneira ali representados são não só atravessadas, como violentadas. Essa violência chega ao ponto de fazer com que esses sujeitos precisem usar “credenciais” propagadas pela própria mídia para se protegerem e fugirem do estereótipo de “bandido”, que tanto os fere cotidianamente.

Em um contexto de dificuldade de acesso a políticas públicas universais como educação de qualidade, renda, saúde e lazer, o leque de possibilidades acaba se apresentando de modo limitado, fazendo com que a criminalidade faça parte do cotidiano da comunidade. O tráfico e a violência não limitam ou definem, porém, compõem a realidade dos participantes, sendo muitas vezes o ponto de partida de suas metáforas, e suas formas de dizer sobre sentimentos e identificações.

Os jovens encontram nas mídias alternativas uma outra forma de expressão. Através de vídeos, músicas e acesso a redes sociais, dizem de forma genuína sobre si. Sendo assim, trata-se de uma juventude capaz de produzir sentidos na direção de se posicionar, assumir uma postura crítica e politizada. Esses sujeitos se deparam com embarreiramentos e silenciamentos através dos estereótipos a eles endereçados e das políticas e representações que violentam suas histórias, expressos em suas experiências cotidianas de violência. Essas barreiras conduzem a “incorporações” dos discursos criminalizadores como forma de proteção a toda essa violência – através, por exemplo, da utilização das “credenciais” midiáticas. Mesmo assim, tecem criativamente uma série de resistências. Os participantes, desde o princípio, buscaram formas

práticas de colocar suas vozes em evidência, e a principal expressão desse movimento foi a criação do Jornal Boa Esperança.

O Jornal Boa Esperança, assim como as demais identificações dos jovens através do conteúdo online e das músicas consumidas, aponta para a importância das mídias alternativas e da internet no tecer de suas resistências. Os jovens, assim, nos dão uma pista de possíveis direções interventivas na busca de uma mídia mais democrática. Acreditamos que a desconstrução da violência midiática passa por intervenções e ações em que diversas vozes e perspectivas são apresentadas, e nesse sentido, a internet e as mídias alternativas apresentam-se como ferramentas potentes.

Outra questão trazida pelos jovens, é a falta e a necessidade de espaços abertos de diálogo que proporcionem a discussão de temas que fazem parte de suas vidas, e que, por vezes, são censurados ou mesmo ignorados por uma razão moral. Como exemplo, podemos trazer a fala de Pablo quando este sugeriu que fizéssemos futuras intervenções sobre sexualidade. Segundo ele, é um tema que precisa ser discutido. Pablo, em vários momentos, no decorrer dos encontros, sinalizou sofrer homofobia, inclusive entre os demais participantes. Os colegas reafirmaram a necessidade de um espaço para debater sobre sexualidade, demonstrando que essa é uma demanda importante para eles.

Essa pesquisa, assim como qualquer investigação, possui limitações e desafios que apontam para direções de possíveis futuras intervenções, práticas e pesquisas. Questões como racismo, construções acerca da masculinidade, e as relações das políticas de assistência social com o setor religioso apareceram durante a construção da pesquisa, e por razões de limitação de tempo e de objetivo não puderam ser exploradas de forma mais aprofundada.

Dessa forma, acreditamos que pesquisas que se dediquem mais especificamente a essas nuances, assim como às mídias alternativas e a internet em suas limitações e possibilidades de ação, são essenciais ao avanço do debate sobre juventude, mídia e criminalização, assim como no processo de busca por formas de rompimento com a violência midiática. Intervenções e práticas que potencializem e evidenciem as vozes da juventude das periferias, os compreendendo como sujeitos políticos e capazes de construir ricos diálogos e contribuições são cada vez mais necessárias.

Realizando afetuosamente uma relação com os versos de Milton Nascimento, Lô Borges e Marcio Borges em “Clube da Esquina II”, finalizo esse trabalho dizendo que a cada passo na estrada dessa juventude, o que se encontra é aço - seja das armas dos policiais, da dureza da violência midiática, das impossibilidades e desigualdades, ou do julgamento popular. Sonhos são adormecidos pelos gases lacrimogênicos de todas as barreiras e violências exercidas sobre

suas subjetividades, porém, esses jovens teimam em encontrar formas de lutar e resistir todos os dias.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Juventudes, violências e o Estado: jovens em territórios com o programa unidades de polícia pacificadora no Rio de Janeiro. **Dilemas: revista de estudos de conflito e controle social**, v. 1, p. 17-41, 2015.

AMORIM, T. R. de S. **A criminalização da juventude pobre na Paraíba: reflexões acerca das mudanças e permanências**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

ARAÚJO, J. de A. Violência, racismo e mídia: a juventude negra em situação de risco. **Revista InSURgência**, v. 1, n. 2, p. 462-482, 2015.

AZEVEDO, A. C. de O; FERNANDES, R. M. Mídia, controle social e criminalização da juventude. **Serviço Social em Revista**, v. 18, n. 1, p. 120-137, 2015.

BAKHTIN, M., VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARATTA, A. **Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2011.

BARBOSA, J. C. A. **Criminalização da pobreza: a guerra civil não declarada e o genocídio negro, sob o prisma do rap**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito). Curso de Direito, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

BARROS, N. V.; MOREIRA, C. A.; DUARTE, K. M. Juventude e criminalização da pobreza. **EducereetEducare: Revista de Educação**, v. 3, n. 5, p. 141-148, 2008.

BATISTA, V. M. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2009.

BATISTA, V. M. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BONILLA, V. D. et al. Causa popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação. In: C. R. BRANDÃO (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 131-158.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista da Educação Popular**, v. 6, n. 1, p. 53-62, 2007.

BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar. In: C. R. BRANDÃO (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 7-15.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Código Brasileiro de Telecomunicações, Lei nº 4.117**. Brasília, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14117compilada.htm> Acesso em: 15 de maio de 2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. Secretaria Nacional de Juventude. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. UNESCO. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/indice-de-vulnerabilidade-juvenil-a-violencia-2017-desigualdade-racial-e-municipios-com-mais-de-100-mil-habitantes/> Acesso em: 15 de maio de 2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

CABRAL, E. D. T. *Mídia concentrada no Brasil: até quando?* **Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación**, v. 13, p. 48-59, 2016.

CASSAB, C. et al. Representações na mídia da juventude e a produção do medo: experiência em uma cidade média brasileira. **Finisterra**, Lisboa, v. 102, p. 103-120, 2016.

CASTRO, J. A. de.; AQUINO, L. M. C. de.; ANDRADE, C. C. de. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

CASTRO, A. C. de.; BICALHO, P. P. G. de. Juventude, território, psicologia e política: intervenções e práticas possíveis. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 33, p. 112-123, 2013.

CASTRO, L. R. de; MATTOS, A. R. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a ação política a partir da juventude. **Análise social**, v. XLIV, n. 193, p. 793-823, 2009.

CAVALCANTI, M. F. **Uma análise sobre o discurso da redução da idade penal no telejornal policial**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

COIMBRA, C. **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Niterói, RJ: Oficina do Autor e Intertexto, 2001.

COIMBRA, C.; NASCIMENTO, M. L. Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? **Jovenes, Revista de Estudios sobre juventud**, v. 9, n. 22, p. 338-355, 2005.

COSTA, A. P. M. Prefácio - Juventudes, violências e políticas públicas: defesa e garantia de direitos. In: P. K. GROSSI et al. (Orgs). **Juventudes, violências e políticas públicas**. Rio Grande do Sul: edPUCRS, 2019.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: C. R. BRANDÃO (Ed.). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1999, p. 42-62.

FALS-BORDA, O. **Ciencia, compromiso y cambio social**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2014.

FALS BORDA, O. **Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla**. Bogotá: Federación para el Análisis de la Realidad Colombiana (FUNDARCO), 1978.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

FERREIRA, H. et al. Juventude e políticas de segurança pública no Brasil. In: J. A. de CASTRO; L. M. C. de AQUINO; C. C. de ANDRADE (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 191-219.

FLORES, T. Genocídio da juventude negra no brasil: as novas formas de guerra, raça e colonialidade do poder. In: IX ENCONTRO DA ANDHEP, 2016, Vitória. **Anais...** Espírito Santo, UFES e Faculdade de Direito de Vitória, 2016, p. 1-17.

FRAGA, P. C. P. et al. Caiu na rede: o hip-hop como experiência social. In: J. A. S. IULIANELLI; P. C. P. FRAGA. (Orgs.). **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 245-261.

FRAGA, P. C. P. Política, isolamento e solidão: práticas sociais na produção da violência contra jovens. In: M. A. SALES, M. C. de MATOS, M. C. LEAL (Orgs.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 81-103.

FRAGA, P. C. P. Vítimas e agressores ou por que matamos os nossos jovens? Estudo sobre homicídios contra jovens em municípios baianos. In: J. A. S. IULIANELLI; P. C. P. FRAGA. (Orgs.). **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 27-49.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, S. M. Contribuição da Mídia na Adesão Subjetiva à Barbárie: a manufatura da criminalização dos direitos humanos. In: S. M, FREIRE. (Org.). **Direitos humanos para quem? Contextos, contradições e consensos**. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

GERSHENSON, B. et al. Juventudes encerradas: extermínio e aprisionamento segundo opressões de classe, raça e gênero. **Argumentum**, v. 9, n. 1, p. 119-133, 2017.

GOBBO, B. A. Para desterritorializar aparelhos ideológicos de estado. In: B. A. GOBBO; J. E. P. FILHO; M. A. P. GONÇALVES. (Orgs.). **O poder da mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016, p. 11-28.

GOIG, R. L. **Grupos de discusión**. Madrid: ESIC Editorial, 2004.

GOMES, R. Análise e Interpretação de dados em Pesquisa Qualitativa. In: M. C. de S. MINAYO (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUARESCHI, P. A. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, 2007.

GUARESCHI, P. A. Mídia e política. In: VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA POLÍTICA MEMÓRIA POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ESFERA PÚBLICA, 2012, São Francisco de Paula. **Anais...** Rio Grande do Sul, UERGS, 2012, p. 58-67.

GUARESCHI, P. A. **Psicologia social crítica como prática de libertação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

HJARVARD, S. Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**, v. 2, n. 5, p. 53-91, 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Minas Gerais**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/>> Acesso em: 15 de maio de 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018**. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>> Acesso em: 15 de maio de 2020.

IULIANELLI, J. A. S.; FRAGA, P. C. P. Juventude como sujeito de direitos: nova gramática dos discursos sobre juventudes. In: J. A. S. IULIANELLI; P. C. P. FRAGA. (Orgs.). **O tempo real dos jovens: juventude como experiência acumulada**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>> Acesso em: 15 de maio de 2020.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432> Acesso em: 15 de maio de 2020.

JUNIOR, J. A. S.; PROCÓPIO, P. P.; MELO, M. S. Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.31, n.2, p. 205-221, 2008.

LEAL FILHO, L. L. **A mídia descontrolada: episódios da luta contra o pensamento único**. São Paulo: Barão de Itararé, 2018.

LIMA, V. A. **Regulação das comunicações: história, poder e direitos**. São Paulo: Paulus, 2011.

MACHADO, R.; DUPRET, L. A Baixada Fluminense na mídia: um olhar do jovem negro. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2010, Vitória. **Anais...** Espírito Santo, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

MARTÍN-BARÓ, I. Los medios de comunicacion masi va y la opinion publica en el salvador de 1979 a 1989. In: XV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 1989, San Juan de Puerto Rico. **Anais...** Puerto Rico, 1989, p. 1-16.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, 1972.

MEDRADO, B.; SPINK, M. J. P.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: M. J. P. SPINK et al. (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 274-294.

MENDES, S. M. **Juventude e mídia tribunal: considerações sobre a violência a partir de uma abordagem televisual**. Curitiba: Appris, 2017.

MINAYO, M. C. de S. et al. **Fala galera, juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTAÑO, C. Pobreza, "questão social" e seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, v. 110, p. 270-287, 2012.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: el método en Psicología Comunitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MORAES, D. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Editora Mauad/Faperj, 2016.

MORAES, D. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: D. de MORAES; I. RAMONET; P. SERRANO. (Orgs.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo editorial, 2013, p. 14-39.

PIVETA, R. T. A.; CARVALHAES, F. F. de. O extermínio da juventude da periferia sob o olhar da mídia. In: XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS –SEPECH: HUMANIDADES, ESTADO E DESAFIOS DIDÁTICO-CIENTÍFICOS, 2016, Londrina. **Anais...** Paraná, Universidade Estadual de Londrina, 2016, p. 240-247.

PIVETA, R. T. A. **Enunciados da mídia sobre as mortes de jovens da periferia: uma análise a partir do jornalismo impresso**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

RIZZOTTO, C. C. Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder. **Rev. Estud. Comum**, v. 13, n. 31, p. 111-120, 2012.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. Enferm**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 1-2, 2007.

RUSCHE, G.; KIRCHHEIMER, O. **Punição e estrutura social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2004.

SÁ MARTINO, L. M. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SANTIBANEZ, D. A. C. de S., FRATTTARI, N. F., OLIVEIRA, D. D. As narrativas do medo e a criminalização da juventude: o discurso punitivo contra adolescentes em conflito com a lei. **InterAção**, v. 40, n. 2, p. 305-323, 2015.

SANTOS, S. dos.; AIRES, J. **Sempre foi pela família: mídias e políticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2017.

SILVA, J. F. S. Sociedade do capital, violências e práxis profissional. In: P. K. Grossi, et al. (Orgs). **Juventudes, violências e políticas públicas**. Rio Grande do Sul: edPUCRS, 2019.

SIQUEIRA, L. S. Desenvolvimento e pobreza: uma análise crítica. **Revista Temporalis**, v. 24, n. 12, p. 353-384, 2012.

SOUZA, C. de.; PAIVA, I. L. de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, 2012.

SOUZA, S. J. e; ALBUQUERQUE, E. D. P e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, 2012.

SOUZA, S. J. e; CARVALHO, C. S. Ética e pesquisa: o compromisso com o discurso do outro. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 98 - 112, 2016.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

VIEIRA, J. A. O uso do diário em pesquisa qualitativa. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 5, p. 93-104, 2002.

WACQUANT, J. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teóricometodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006.

YAZBEK, M. C. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, n. 110, p. 288-322, 2012.

ZAFFARONI, E. R. **A palavra dos mortos: conferências de criminologia cautelar**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ANEXO A – Material midiático utilizado nos grupos de discussão na íntegra

Aqui será apresentado, na íntegra, o material midiático utilizado durante os encontros dos grupos de discussão. Em algumas reportagens, foram omitidas imagens e comentários (que não comprometem a compreensão do leitor) por uma questão de espaço de exposição do material. Nas reportagens locais, os elementos de identificação foram ocultados.

MATERIAL MIDIÁTICO UTILIZADO NO ENCONTRO 1:

Vídeo 1 (transcrição):

Apresentador: *Um homem de 20 anos foi morto ontem a noite em Vila Áurea em Montes Claros pela polícia militar. Matheus Silva Rodrigues estava sentado em um banco na porta de casa quando foi surpreendido por dois homens em uma moto, que já chegaram atirando. Dois comparsas ficaram no fundo do imóvel para que a vítima não fugisse. A vítima, que morreu, conhecida como Ratão, foi atingido com um tiro no pescoço e dois tiros na cabeça e morreu no local. Testemunhas contaram para a polícia militar que Matheus era usuário de drogas e costumava cometer roubos e furtos para manter o vício. A suspeita é que o crime tenha sido um acerto de contas. Os suspeitos ainda não foram identificados e a polícia segue o rastreamento. Enfim, enfim Matheus, tava usando droga, tava vendendo droga, tava roubando, tava furtando, agora tá no colo do capeta. Morreu, menos um, mais uma baixa num CPF aí. Mais um CPF que deu baixa aí. Lugar de bandido é esse mesmo: ou cemitério ou então na cadeia.*

Vídeo 2 (transcrição):

Apresentador: *Apreendeu mais de dois quilos de Maconha! E uma espingarda calibre 12 na noite de ontem no bairro Maria Andreas em Bahia. Gleidson dos Santos, 18 aninhos, disse à polícia que alguém, alguém... pessoal, presta atenção... alguém pediu para ele guardar... ((tom de deboche))*

Produção: *Heeeeeeeei!*

Apresentador: *...Guarda essa maconha pra você, só 2kg, você pode guardaaaaar? E quem acreditou? Ninguém. Vamos ver.*

Repórter: *Esses policiais militares que aqui estão da força tática conseguiram fazer a prisão desse homem que tem 18 anos de idade e apreender uma espingarda de repetição calibre 12, e quase 3kg de maconha. Isso aconteceu no conjunto Mário Andreas, mas conhecido como Muquirão.*

Policia: *A gente já tem informações que nessa residência, uma pessoa que estava residindo nela tava guardando um material: droga e arma e no dia de hoje estivemos no local e todo esse material foi encontrado na casa desse cidadão.*

Repórter: *É do seu conhecimento se ele já tem passagens pela polícia?*

Policia: *Não, não... não é do meu conhecimento não.*

Repórter: *Ele reagiu?*

Policia: *Não.*

Repórter: *Tava sozinho dentro da casa?*

Policia: *Tava ele e a esposa, uma criança de colo... mas a gente deixou ela na residência com a criança e trouxemos ele.*

Repórter: *Ele disse ao senhor porque estava usando essa arma de grosso calibre?*

Policial: É... ele, é o que todos dizem, que alguém mandou guardar... ele disse que o pessoal tava pagando a ele para guardar todo esse material.

Repórter: Agora, maconha com balança de precisão caracteriza o tráfico de drogas...

Policial: Exato. Vai ser entregue agora na delegacia ao delegado de plantão para tomar as providências cabíveis.

Repórter: E deu águia pra ele porque quem está de plantão é Carlos Othon.

Policial: ((rindo)) Isso, com certeza.

Repórter: Ai estão os policiais militares que fizeram essa prisão e essa apreensão. O que é que o senhor tem a dizer a respeito dessa prisão? ((pergunta ao jovem sentado, cabeça baixa e algemado))

Jovem: Nada a declarar não.

Repórter: Não é sua não? Alguém que deu pra você guardar, foi?

Jovem: Sei não.

Repórter: Você não disse para a polícia que tava guardando?

Jovem: Eu disse nada não. Disse que tava guardando não.

Delegado: Como a gente vê que a polícia militar faz uma apreensão dessa estirpe aí, tirando de circulação uma arma com grande poderio de fogo e também uma quantidade aí considerável de entorpecente... a gente fica feliz, a gente tá aqui é pra trabalhar mesmo.

Repórter: Existe drogas, balança de precisão de uma arma. Dois flagrantes?

Delegado: É, na verdade um flagrante pra dois crimes, né? Em tese seria o crime aí de posse ilegal de arma de fogo, se tiver sido encontrado de fato na casa dele, e também o crime de tráfico de entorpecentes.

Apresentador: Minha gente, eu vou mostrar pra vocês o dono dessa maconha. Coloca a cara dele. Minha gente, isso é assustador... isso é assustador, isso é o Bozo paraibano não é? Veja... veja o corte de cabelo. Pelo corte de cabelo, é um advogado?

Produção: Não!

Apresentador: É um engenheiro?

Produção: Não!

Apresentador: É um cirurgião dentista?

Produção: Não!

Apresentador: É um maconheiro?

Produção: É!

Vídeo 3 (transcrição):

Apresentador: Coloca na tela, aqui ó: 11, 12, 13. O que é que esses garotos deveriam estar fazendo? Ah tá! Deveriam estar em casa descansando pra poder o que? Estudar no outro dia. É o certo, concordam comigo? Ou tá brincando, porque criança tem que brincar, mas não. Eles estava cometendo crimes, eles estavam cometendo crimes e de repente eles resolveram roubar os pertencer de uma mulher. Mulher esta que saiu correndo atrás do mesmo, dos mesmos, e graças a Deus eles conseguiram prende-los. Roda a vinheta pra mim, gira o Brasil, vamo lá! ((corte)) O que é que acontece? Acontece que esses meninos... cadê? Coloca na tela pra mim fazendo o favor. Esses meninos, como eu falei agora pouco, estava praticando crimes, e graças à mulher, à vítima que correu atrás dos meninos, ela teve o apoio também de um morador de rua. A polícia foi acionada e os mesmos foram levados para a delegacia. Até o momento, pra vocês terem uma ideia, o conselho tutelar... aliás, aliás, os pais que deveriam estar educando essas crianças, não compareceram na delegacia, e o delegado decidiu leva-los até o conselho tutelar. Resumindo: hora dessa tão em casa, assistindo o nosso Primeiro Impacto e rindo da cara do idiota do Marcão. Põe a matéria na tela pra mim, vai lá meu filho! ((corte)) Sabe o que é que acontece com essas leis brasileiras? Menor, aliás, menores, porque não é só um, são

três! Cadê meu filho? Deixa na tela pra mim, pai, fazendo o favor, deixa aqui na tela pro papai, se não o papai fica nervoso, aí quando o papai fica nervoso, meu amigo... Aí ninguém aguenta, pra acordar essa cambada, que tá todo mundo dormindo aqui no estúdio. Aí o que é que acontece? Menores não cometem crimes, Marcão! Menores cometem ato infracional! Peraí, gente, vamos mudar esse negócio! É por isso, é por isso que esses menores estão nas ruas! Primeiro, primeiro... são crianças, e cadê os pais desses garotos? Cadê os pais desses garotos? Atenção pais desses garotos, vocês não vão buscar os filhos de vocês não? Vocês sabem o que é que tá acontecendo? Tá acontecendo que os jovens, as crianças estão entrando de maneira precoce no mundo do crime e isso que eu tô mostrando aqui agora, na realidade gente, tá acontecendo em várias partes do nosso país. Enquanto essas leis não forem realmente mudadas, nós não sabemos mais aonde nós vamos parar, porque nós terceirizamos a educação dos nossos filhos.

MATERIAL MIDIÁTICO UTILIZADO NO ENCONTRO 2:



ALTO PADRÃO PE

Jovens de classe média presos com drogas sintéticas no Recife

De acordo com a Polícia Civil, droga apreendida nas casas dos autuados, nos bairros da Várzea e Aflitos, seria vendida em raves e festas na RMR

agosto 27, 2019 às 19:29 - Por: Redação OP9

Dois amigos de 20 e 21 anos que, segundo a Polícia Civil, vendiam drogas sintéticas em raves e festas, foram presos no Recife. Nas casas de ambos, os investigadores da Delegacia de Afogados apreenderam micropontos de LSD, comprimidos de ecstasy, haxixe, maconha e balanças de precisão. Para ter acesso a clientes de classe média alta em bairros abastados do Recife, os autuados usavam uma rede de intermediários para vender a droga, quase sempre repassada em locais públicos.

O suspeito mais novo da dupla é estudante de psicologia e se encarregava de comercializar o material ilegal no bairro de Boa Viagem. De acordo com o delegado Igor Leite, responsável pela investigação, o suspeito separava o haxixe de acordo com a pureza e dava nomes como “Neymar”, “Lula” e “Rolex” às amostras da droga.

Ele foi preso em casa, no bairro da Várzea, com 20 micropontos de LSD, 400 gramas de haxixe, três bolsas plásticas com maconha, balança de precisão, além quantidade não informada de comprimidos de ecstasy. O suspeito foi liberado em audiência de custódia.

Já o suspeito de 21 anos foi preso em casa, no bairro dos Aflitos. Com ele, os policiais localizaram 60 gramas de haxixe, um frasco com sementes de maconha, dois recipientes com óleo da maconha, dois frascos com LSD líquido, comprimidos de ecstasy, material para embalo, duas balanças de precisão. Ele foi autuado por tráfico e encaminhado ao Cotel.

As drogas apreendidas em posse da dupla estão avaliadas em R\$ 25 mil. “Não existia nenhuma droga em poder deles que fosse barata”, reiterou Igor Leite.

Justiça absolve acusado de assassinar o professor Betinho



Raphael Guerra

Publicado em 31/01/2019 às 21:12

COMPARTILHE:    



FOTO: Professor do colégio Agnes foi encontrado morto dentro do apartamento onde morava, no Centro do Recife

Professor do colégio Agnes foi encontrado morto dentro do apartamento onde morava, no Centro do Recife. A Justiça absolveu, na noite desta quinta-feira (31), o estudante Ademário Gomes da Silva Dantas, acusado de ser um dos assassinos do coordenador pedagógico José Bernardino da Silva Filho, o Betinho, 49 anos. Na decisão, o juiz Jorge Luiz dos Santos Henriques, da Segunda Vara do Tribunal do Júri Capital, concluiu que não há provas para levar o suspeito a júri popular e decidiu inocentá-lo do crime. O magistrado destacou as divergências nas perícias que, inicialmente, apontaram Ademário e um adolescente de 17 anos como os assassinos de Betinho. O crime ocorreu em 16 de maio de 2015, no apartamento onde a vítima morava, no Edifício Módulo, no Centro do Recife. Na época, peritos do Instituto de Identificação Tavares Buril afirmaram que digitais dos suspeitos foram encontrados em uma cômoda e em um ferro de passar. No entanto, duas perícias - uma da Polícia Federal e outra do Instituto de Criminalística - apontaram que as digitais não eram da dupla. Numa revisão, os peritos do laudo inicial reconheceram o erro. "E as câmaras do sistema interno? A resposta também é do Delegado que presidiu o inquérito, dada na mesma audiência, no sentido de que viu e reviu as imagens das câmaras do prédio, juntamente com sua equipe e não se constatou o acusado entrando ou saindo do Edifício Módulo, o que é decisivamente favorável à alegação do réu de que não esteve no local do crime", destacou o juiz na decisão pela absolvição sumária. O advogado de defesa do acusado, Jorge Wellington, comemorou a decisão. "A Justiça foi feita. Todos sabiam que Ademário era inocente. Não havia nenhuma prova contra ele", disse. O adolescente, que respondia a processo perante a Vara da Infância e Juventude, também foi absolvido das acusações no início deste ano. O inquérito policial foi conduzido pelo delegado Alfredo Jorge, que atuava no Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). Na época do crime, o delegado afirmou que não conseguiu precisar qual seria a motivação do crime. Desde a conclusão das investigações, ele optou por não se pronunciar mais sobre o caso. **INQUÉRITO SERÁ REABERTO.** Atendendo a um pedido do Ministério Público de Pernambuco, o juiz também determinou que seja enviado ofício à Chefia da Polícia Civil de Pernambuco para que as investigações sobre o assassinato de Betinho sejam reabertas. Um novo delegado deve ser designado para o caso. **RELEMBRE**

09/10/2019

G1 - Thor Batista é absolvido em caso de morte de ciclista por atropelamento - notícias em Rio de Janeiro

Thor Batista é absolvido em caso de morte de ciclista por atropelamento

Acidente aconteceu em março de 2012, na Rio-Petrópolis. Filho de Eike foi condenado em 1ª instância, mas defesa recorreu.

do G1 Rio



Thor Batista pouco antes de audiência há 2 anos em Caxias (Foto: Alexandre Durão/G1)

Desembargadores da 5ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) absolveram, nesta quinta-feira (19), o empresário Thor Batista, filho de Eike Batista, do atropelamento que causou a morte de Wanderson Pereira dos Santos na Rio-Petrópolis em 2012. Um ano depois da batida, [Thor chegou a ser condenado](#) pela juíza Daniela Barbosa, da 2ª Vara Criminal de Duque de Caxias, mas os advogados recorreram e reverteram a situação. À última decisão também cabe recurso.

Dois dos três magistrados votaram a favor da absolvição: Luiz Felipe da Silva Haddad e Paulo de Oliveira Baldez. Cairo Ítalo Franca David foi o único que votou pela condenação. Na sentença condenatória de primeira instância, a magistrada pede a apuração de "supostas evidências de crimes" praticados no processo, inclusive por Eike e Thor, citados em pedido de investigação ao Ministério Público sobre um acordo com o bombeiro militar Márcio Tadeu Rosa da Silva, que teria recebido R\$ 100 mil como "compensação" pelo "auxílio e consolo à família da vítima".

saiba mais

- [O GLOBO: Thor Batista é absolvido em processo por atropelamento e morte de ciclista](#)

Condenação e polêmica

A juíza pediu ainda a investigação do perito que apontou a velocidade do carro na hora da batida de 110km/h. No laudo seguinte, feito por outro profissional, a velocidade registrada era de 135km/h.

"Como disse em seu interrogatório, as multas de trânsito não eram problema dele [Thor], mas, sim, de alguma secretária. Bastava pagar, e pronto. E, também, [ele] somente soube pela mídia sobre a quantidade de pontos acumulados em sua carteira de habilitação. Com tamanha blindagem, restou ao Acusado [Thor] a melhor parte: dirigir seus carros fora-de-série, aproveitando ao máximo aquilo que parece ser um dos seus maiores prazeres, a velocidade. E foi assim, livre para dirigir da forma que desejasse, desrespeitando as normas administrativas e legais, que o Réu [Thor] atropelou e matou Wanderson Pereira dos Santos no começo da noite do dia 17 de março de 2012", escreveu Daniela Barbosa.

O acidente

Na noite de 17 de março de 2012, Thor Batista atropelou e matou um ciclista que cruzava a Rodovia Washington Luís (BR-040), na altura de Xerém, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

O ajudante de caminhão Wanderson Pereira dos Santos passava de bicicleta pela pista sentido Rio, na descida da serra, e foi atingido pelo carro do filho do bilionário, uma Mercedes-Benz SLR McLaren prata, placa EIK-0063, ano 2006.

Link <http://glo.bo/1DwusYg>

Jovem morre após 'gravata' de segurança em mercado na Barra

De acordo com Corpo de Bombeiros, rapaz de 19 anos sofreu parada respiratória. Vídeo mostra segurança sobre o garoto, suspeito de furto, que está imóvel.

Por G1 Rio e TV Globo

14/02/2019 17h58 · Atualizado há um ano



Um homem morreu após ficar desacordado ao levar um "mata-leão" de um segurança de um hipermercado na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, na tarde desta quinta-feira (15). Segundo mercado, o rapaz tentou tomar a arma de um segurança. Imagens que circulam em redes sociais mostram o vigilante Davi Amâncio em cima do jovem, já aparentando estar desacordado. Pessoas no entorno tentam convencer o segurança a liberá-lo, em vão.



Segurança ficou sobre o homem, que deixou o mercado desacordado — Foto: Reprodução/Redes sociais

O suspeito morreu no Hospital Lourenço Jorge, na Barra.

O caso aconteceu pouco depois das 12h. Nas imagens, o vigilante é visto sobre o rapaz. Clientes do mercado ficam em volta do segurança e do jovem. Uma mulher chega perguntar se o garoto não está desmaiado.

Um cliente chega a tocar no segurança que responde: "Não segura, senhor, quem sabe sou eu". Outros seguranças se aproximam do local. Ao mesmo tempo, um cliente afirma que o rapaz está "roxo". E uma mulher grita: "está sufocando".

"Ele está desacordado", desespera-se outra mulher. Ainda sobre o rapaz, o vigilante grita com as pessoas ao redor: "Cala a boca".

De acordo com o Corpo de Bombeiros, o jovem identificado como Pedro Gonzaga, de 19 anos, sofreu parada respiratória, foi socorrido e levado, às 12h47, para o hospital.

Em nota, a Secretaria da Polícia Militar confirmou a agressão.

"A Secretaria de Estado de Polícia Militar informa que equipes do 31º BPM (Recreio dos Bandeirantes) foram acionadas para uma ocorrência onde um homem e seguranças de um supermercado, situado na Av. das Américas, entraram em luta corporal durante a tarde desta quinta-feira (14/2). Chegando ao local, o envolvido já havia sido socorrido pelo Corpo de Bombeiros para o Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca. As partes ainda presentes foram conduzidas à 16ª DP (Barra da Tijuca) para apreciação dos fatos".

Em nota, o Extra Supermercado informou que os seguranças envolvidos no caso foram imediatamente afastados. "A rede esclarece que repudia veemente qualquer ato de violência em suas lojas. Sobre o fato em questão, a empresa já abriu uma investigação interna e constatou de forma inicial que se tratou de uma reação a tentativa de furto a arma de um dos seguranças da unidade da Barra da Tijuca. Após o indivíduo ser contido pelos seguranças, a loja acionou a polícia e o socorro imediatamente. A empresa já abriu um boletim de ocorrência e está contribuindo com as autoridades para o aprofundamento das investigações."

ODIA

BRASIL

SP: Jovem é chicoteado por furtar chocolate em mercado

Menor foi acusado de furtar barras de chocolate



O Dia
03/09/19 - 11:08 - atualizado em 03/09/19 - 11:08

Um vídeo que circula na internet mostra dois seguranças de um supermercado em São Paulo chicoteando um adolescente. Nas imagens, o menor aparece nu, com as mãos amarradas e boca amordaçada. O jovem disse à polícia que a tortura durou cerca de 40 minutos e que ele foi, inclusive, ameaçado de morte. A vítima também afirmou que foi a terceira agressão sofrida pelos mesmos seguranças.

"Eu fui pegar um chocolate. Aí, eles me pegaram, me levaram no quartinho e me deram uma pá de chicotada. Aí eles falaram que se eu falasse pra alguém iam me matar ainda, me ameaçaram de morte. Muita maldade isso daí" conta o adolescente, que acrescenta não ter prestado queixa na época por não saber se o caso foi testemunhado.

Ele prestou depoimento ao 80º Distrito Policial, da Villa Joaniza, no Sul de São Paulo, após o vídeo cair na internet e virar alvo de inquérito policial. O gerente do mercado afirmou que o estabelecimento repudia o ocorrido e que os seguranças, que foram identificados como 'Neto' e 'Santos', estão afastados.

"A empresa repugna esta atitude e foi com indignação que tomou conhecimento dos fatos por intermédio da reportagem. Que a empresa não coaduna com nenhum tipo de ilegalidade e colaborará com as autoridades competentes envolvidas na apuração do caso, a fim de tomar as providências cabíveis", diz o texto publicado pela assessoria do mercado.

O caso foi registrado como tortura na segunda-feira pela pelo delegado Pedro Luiz de Sousa, do 80º Distrito Policial, segundo informações da Secretaria da Segurança Pública. No boletim de ocorrência

Tatuador é preso por tortura após escrever 'eu sou ladrão e vacilão' na testa de adolescente no ABC

Familiares procuraram a polícia depois de receber o vídeo em que o jovem de 17 anos aparece sendo tatuado. Ele está desaparecido desde 31 de maio.

Por Glauco Araújo, G1 SP

10/06/2017 16h40 | Atualizado há 3 anos



Tatuador é preso por tortura após escrever 'Eu sou ladrão e vacilão' na testa de jovem.

O tatuador Maycon Wesley Carvalho dos Reis, 27 anos, e o vizinho Ronildo Moreira de Araújo, 29 anos, foram presos em flagrante por tortura, na noite desta sexta-feira (9), no Centro de São Bernardo do Campo. Eles são responsáveis por tatuar a inscrição "eu sou ladrão e vacilão" na testa de um adolescente de 17 anos. O crime, segundo informações da polícia, foi cometido na manhã desta sexta-feira.

Na tarde deste sábado (10), a juíza Inês Del Cid, da Vara Criminal de São Bernardo do Campo, decretou a prisão preventiva dos dois.

A tatuagem foi filmada com o celular de Maycon, compartilhada no Whatsapp e o vídeo viralizou rapidamente. O detalhe é que o adolescente estava desaparecido desde 31 de maio e os familiares o reconheceram quando também receberam o vídeo do adolescente sendo tatuado na testa.

Nas imagens é possível perceber que o adolescente não reage às provocações do tatuador e do vizinho dele. Em certo momento, um deles diz: "vai doer, vai doer". Em outro momento eles perguntam ao menino o que ele quer tatuar e forçam a resposta: "ladrão."

Com o vídeo em mãos, eles foram até o 3º Distrito Policial de São Bernardo do Campo para tentar localizar o paradeiro do adolescente. Segundo relato da família à polícia, o jovem é usuário de drogas e não estaria gozando de suas faculdades mentais.

Com as informações passadas pela família, uma equipe de investigadores seguiu até a Rua Jurubatuba, no Centro de São Bernardo do Campo, onde localizaram o tatuador na calçada. No local não funciona um estúdio de tatuagem, mas uma pensão onde Ronildo e Maycon eram vizinhos.

Na delegacia, os dois disseram para a delegada Carolina Nascimento Aguiar que o adolescente teria tentado furtar uma bicicleta na região e ficaram revoltados com isso e "resolveram tatuar o mesmo como forma de punição".

Uma operação de busca foi realizada na região, mas o jovem que foi tatuado na testa permanece desaparecido até as 16h30 deste sábado.

Os indiciados informaram aos policiais que colocaram o jovem em liberdade.

O advogado Ariel de Castro Alves, coordenador da Comissão da Criança e do Adolescente do Condepe (Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo) disse que vai acompanhar o caso, que considera "gravíssimo". "O vídeo circula desde ontem [sexta-feira] na internet. A polícia agiu corretamente. Submeter alguém a intenso sofrimento físico e psicológico configura tortura. Se ele estava tentando furtar ou roubar eles deveriam chamar a polícia e não torturar."

MATERIAL MIDIÁTICO UTILIZADO NO ENCONTRO 3:

Transcrição do vídeo do noticiário televisivo:

Um adolescente de 17 anos foi morto a tiros ontem a noite na Cidade do Sol, na Zona da Mata. Segundo o boletim de ocorrência, A.I.S.R. teria sido chamado por dois suspeitos em um escadão do bairro Boa Esperança. A dupla teria deixado uma moto parada perto do local, subido o escadão e atirado nas costas de A. A vítima foi levada para o Hospital na Cidade do Sol, mas não resistiu. Os suspeitos fugiram a pé e deixaram a moto para trás. O veículo era furtado, ninguém foi preso. A. tinha passagens por roubo, maus tratos aos animais, posse ilegal de arma, participação em uma tentativa de homicídio! Enfim, morreu e foi direto pro inferno! É, bandido já com esse punhado de passagem aí, vou falar uma coisa pra você, véi, os caboclo... No mundo do crime é assim, meu amigo! Ou é cadeia, ou é caixão, né? De vez em quando uns vão pra cadeia, de vez em quando uns ficam no caixão!"

02/06/2019

Após fugir da PM jovem é preso armado no bairro

VIDEO TRANSCRIÇÃO: "A gente já tinha alguma informação, é... vide colaboradores dando conta que o autor de um roubo na data de ontem estaria rodando no bairro com a moto utilizada no crime. Diante da informação que a gente recebeu, nos deslocamos pro bairro, visualizamos ele rodando com a motocicleta pelo... pelas ruas do local, tentamos realizar a abordagem, ele tentou evadir da guarnição, durante a fuga deixou cair uma arma de fogo ao solo. A arma foi recolhida, ele foi perseguido, tentou evadir a pé, contudo não conseguiu, não conseguiu... evadir da gente não. É... foi abordado, foi preso, contido durante, durante... a fuga e posteriormente foi informado que a motocicleta que ele tava utilizando no momento da... é dessa fuga, também era roubada."



O rapaz é suspeito de praticar roubos a mão armada na cidade



A ocorrência contou com o apoio dos militares do GER de

Um homem foi preso na noite deste sábado (01), no bairro . A ocorrência foi registrada pela Polícia Militar, com o apoio do Grupo Especializado em Recobrimento (GER) de .

Os militares chegaram até o local depois de receber uma informação de que um homem estaria pilotando uma moto roubada e que a mesma pessoa era suspeita de praticar um assalto na última sexta-feira (31) em .

A PM foi até o bairro e avistou o suspeito. Ele ainda tentou fugir, mas no momento da fuga, o autor perdeu o controle da motocicleta e caiu. A PM realizou a abordagem e encontrou uma arma de fogo, calibre 38 muniada, com numeração raspada.

O suspeito estava com mandado de prisão em aberto e foi levado para o Presídio do bairro . A moto apreendida e levada para um pátio credenciado do Detran.

13/04/2019

Após denúncias, PM apreende maconha e suspeito é preso

Ten. ■■■ deu detalhes ao repórter ■■■ no local:

ÁUDIO TRANSCRIÇÃO: "Boa noite ■■■, boa noite a todos os ouvintes aí da ■■■. Na verdade, o local lá já é conhecido como ponto de tráfico, e alguns dias atrás aí, esse indivíduo já havia sendo denunciado, tanto através de ligações, né? Bem como por pessoas de bem daquela localidade, dando conta aí que ele estava realizando tráfico de drogas e o local aonde ali ele guardaria o entorpecente. Então, nessa data, né? Deslocamos até o local, onde de fato conseguimos abordar ele no local denunciado, procedida a busca pessoal, nada foi encontrado, contudo, iniciamos as buscas nas imediações, foi feita a aplicação aí do cão e haste no local, o nosso cão localizou aí aproximadamente 11 invólucros de uma substância análoga a maconha. Diante da situação o indivíduo aí foi preso então em flagrante delito, pelo cometimento aí do crime de tráfico de drogas e encaminhado aí pra delegacia de polícia para as demais providências. É, participou lá da ação, a equipe Rocca, comandada pelo cabo ■■■ e mais a minha equipe aí, né? Que ela é de coordenação e de policiamento da unidade."



Em ação no início da noite deste sábado (13), policiais militares voltaram a encontrar droga no bairro ■■■, antigo ■■■. A ação partiu de denúncia anônima e foram apreendidos 11 buchas de maconha.

De acordo com a Polícia Militar (PM), a denúncia citava um jovem de 22 anos que estaria vendendo entorpecentes, equipe ROCCA (Canil do ■■■ Batalhão) juntamente com a viatura do comandante do patrulhamento partiram para o local, sendo a droga encontrada pelo cão farejador ■■■, escondida em um terreno baldio. O jovem denunciado ao avistar a viatura tentou correr mais acabou preso sendo encaminhado juntamente com a droga para Delegacia do bairro ■■■.

08/06/2019

Jovem é preso e 200 papelotes de cocaína são apreendidos no bairro

Boa Esperança



VÍDEO TRANSCRIÇÃO: "Boa noite. É... diante de diversas denúncias aí de tráfico de drogas no bairro Boa Esperança durante a operação saturação com a presença aí das equipes GER de [REDACTED], CPU, Rocca, Tático Móvel, realizamos a operação no bairro Aeroporto, é... realizamos diversas incursões no bairro em determinados pontos já conhecidos pelos traficantes de drogas. Logramos êxito aí, encontramos uma pessoa traficando drogas, mais de 200 papelotes de cocaína apreendidos, uma boa quantidade de dinheiro e além de outros materiais. A pessoa agora, nesse momento está sendo conduzido pra delegacia de polícia civil para serem tomadas as devidas providências, registro pela polícia militar e posterior ser entregue a polícia civil aí para as providências de cunho judiciário".

Durante operação "saturação", desencadeada no bairro Boa Esperança, na noite deste sábado (08), um jovem acabou preso com uma quantia de R\$ 529,00 e aproximadamente 200 papelotes de cocaína foram apreendidos pela Polícia Militar. O autor, já com passagens por tráfico de drogas, foi conduzido para a delegacia do bairro [REDACTED] onde será apresentado ao delegado de plantão. Participaram da operação as Equipes Tático Móvel, CPU (Comandante do Policiamento), Rocca e GER de [REDACTED].

COMENTÁRIOS: (4)

- » Parabéns aí a todos policiais envolvidos na ocorrência estamos de olho e vamos continuar denunciando msm
- » Parabéns a PM, a população de bem não aguenta mais essa situação! Continuem patrulhando nosso bairro!!!! Nossas crianças não merecem conviver com esses baderneiros!!!
- » Parabéns a policia militar que esta fazendo um grande trabalho em nossa cidade.Policia tem que estar cada vez mais nas ruas para inibir possíveis crimes.
- » Parabéns a todos policiais envolvidos na operação, tráfico nesse bairro Boa Esperança ta demais tem que acabar a população de bem já não aguenta mais.

13/06/2019

Polícia prende três suspeitos de traficar drogas na Praça do [REDACTED]



Três pessoas foram presas em flagrante, na noite desta quarta-feira (12) na Praça do bairro [REDACTED]. De acordo com informações da Polícia Militar, eles são suspeitos de praticar tráfico de drogas no local. A PM chegou até os autores depois de perceberem a ação na venda das drogas.

Segundo os militares, um dos rapazes vendia a droga e os outros dois ficavam na contenção para avisar se a polícia aparecesse.

Foi apreendido com um deles um tablete de maconha. Um dos envolvidos possui passagem pela polícia por tráfico de drogas.

Ao interroga-los para saber onde eles conseguiram a droga, eles disseram que o entorpecente foi comprado no bairro [REDACTED] Boa Esperança, mas não souberam dar detalhes precisos do local e disseram que compraram a droga para consumir e não para vender.

Eles foram levados para a delegacia do bairro [REDACTED] onde permanecem presos.

COMENTÁRIOS: (1)

» Como sempre o bairro [REDACTED] Boa Esperança no fita onde vai parar com isso meu Deus

MATERIAL MIDIÁTICO UTILIZADO NO ENCONTRO 4:

Operação Algazarra: Polícia Civil cumpre mandado em praças de [REDACTED]

Na noite de sexta-feira (18), uma equipe de Investigadores da [REDACTED], sob o comando do Delegado Regional, [REDACTED], cumpriram um mandado de busca e apreensão, por determinação do Ministério Público da Comarca de [REDACTED], na Vara da Infância e da Juventude, em uma operação denominada “Algazarra”.

A finalidade da ação é de coibir bagunças e confusões que vem ocorrendo entre grupos de jovens que se concentram nas Praças [REDACTED].

Durante a abordagem os policiais encontraram adolescentes sem nenhuma documentação pessoal, com bebidas alcoólicas diversas, em garrafas e copos, que foram jogadas fora e um dos abordados estava portando uma bucha de maconha, que segundo ele seria para seu uso. Todos os abordados foram cadastrados pela polícia, que espera diminuir assim, os problemas que vem sendo causados naquelas localidades.

O rapaz que estava com a maconha foi detido e encaminhado para a delegacia, no [REDACTED], onde o delegado de plantão fez o registro da ocorrência e tomou as medidas cabíveis em relação ao fato. A Polícia Civil vai dar seqüência a este tipo de operação em outros pontos da cidade.



COMENTÁRIOS: (1)

Parabéns à iniciativa!

Este era um ponto que já me incomodava muito!

Mas falta muito ainda. Foi pouco!

Fosse eu, já chegava no “pedala Robinho”, ajeitava a carga dentro da viatura pra caber uns 15 no porta malas.

19/05/2018

Operação “Algazarra” é deflagrada em duas praças do Centro



Uma operação deflagrada na noite desta sexta-feira (18) pela Polícia Civil, por determinação da Promotoria Pública da Infância e da Juventude, nas praças [REDACTED], ambas no centro da cidade.

Batizada de “Algazarra”, a operação teve como objetivo acabar com o cenário de baderna nas praças, denunciado por moradores, e promovido especialmente nos fins de semana por jovens - em sua maioria adolescentes - envolvendo consumo de bebidas alcoólicas, drogas e até prática de sexo.

Com um dos abordados foi encontrado uma bucha de maconha, que segundo o jovem, seria para uso próprio. A droga foi apreendida e o rapaz levado para a delegacia do bairro [REDACTED].

COMENTÁRIOS: (7)

- » na pq do trabalhador ta precisando urgentemente dessas operações
- » Muito pertinente, parabéns pela ação.
- » Parabéns a polícia, estudar e trabalhar que é bom ninguém quer não, porcaria é com os jovens mesmo,né OK
- » Que maravilha! Grande exemplo!
- » Muito bom está atitude do ministério público desta cidade. Gosto de [REDACTED] pois aí em minas a lei funciona
- » Muito bom, mas acho que isso ser feito também quando acontece em certas casas de vizinhos que as vezes colocam som e algazarra a noite toda. E som de clubes TAMBÉM que vira a noite com som alto prejudicando o sono daqueles trabalham ou tem crianças pequenas ou idosos. isso é Muito ruim.
- » Cidade das drogas, simples assim.

Pela 2ª noite seguida, ações policiais são realizadas nas praças

20/05/2018



Pela segunda noite consecutiva ações policiais foram realizadas nas praças [redacted] no centro [redacted]. Após a Operação "Algazarra", deflagrada na sexta-feira (18) pela Polícia Civil (PC), neste sábado (19) policiais militares fizeram batidas em ambas as praças e vários jovens, entre adultos e adolescentes, foram abordados. Um adulto foi flagrado com uma porção de maconha.

Nas últimas semanas as autoridades têm recebido muitas denúncias de moradores e transeuntes informando sobre um cenário de desordem promovido por jovens - em sua maioria adolescentes - nas duas praças, especialmente nas noites de fim de semana, causando transtornos para quem morra ou passa pelas praças. As reclamações citam um quadro de bagunça, envolvendo consumo de bebidas alcoólicas, drogas e até prática de sexo.

A ação deste sábado (19) foi coordenada pessoalmente pelo comandante da [redacted] Companhia da PM, sediada na [redacted], tenente [redacted], e contou com várias equipes. Durante as abordagens deste sábado (19), de acordo com a PM, na praça [redacted] um jovem adulto foi flagrado portando um tubo plástico contendo uma porção de maconha. Ele e os entorpecentes foram levados para apresentação à Polícia Civil (PC), na delegacia do bairro [redacted].

COMENTÁRIOS: (9)

>> O Bairro [redacted] está precisando de uma dessas. Na esquina da rua [redacted], ao lado e embaixo da ponte que vai para o [redacted] há o consumo e venda indiscriminados de drogas

>> Excelente parabéns a polícia civil e militar e autoridades competentes chega de bagunça na nossa cidade falo nosso por que estou residindo aqui já a quatro anos e fico muito triste em ver a situação que muitas praças da cidade estão menores maiores fazendo de ponto de algazarra tráfico de drogas e outras coisas mais e vez de famílias crianças. Estarem usufruindo desses locais parabéns que continue .

>> Passei pela Praça [redacted] era dia de meio de semana e vi uns. 5 jovens usando drogas na maior tranquilidade em pleno meio dia. É preocupante...

>> Esse tipo de abordagem é válida no sentido de coibir crimes e outros tipos de infrações, mas tenho comigo que esse tipo de ação está com cara de higienização, querem a praça limpa e sem ninguém. Só não podem esquecer que a praça é pública e para os jovens de todos os tipos, sendo negros, brancos, de periferia ou do centro da cidade. Lembro que os mesmos não tem lugar em [redacted], nada é realizado para eles, não tem atividades recreativas e sadias. Portanto temos que pensar em políticas públicas para favorecer uma juventude participativa, de modo a criar estratégias para fomentar a cultura local, juntos podemos pensar para melhorar, e retirando os jovens, COM CERTEZA não é a melhor solução, ainda mais com a força policial, que auxilia e reforça ainda mais os estenótipos e outros preconceitos.

>> Parabéns mas teria que tomar uma providência mais rígida .pq esses menores ainda abusa da cara das Polícia

>> Parabéns, é mais uma prova de prevenção ao sossego, porém se possível gostaria de dar uma sugestão, tem pessoas usando de vésperas de feriado, e finais de semana para fazer o mesmo nas portas de casa fora de hora atrapalhando o sono de vizinhos. Isto é permitido???? aguardo resposta

>> Prefeitura, aonde está a Política Municipal para a Juventude? Fundarte o que irá promover para o lazer da juventude, principalmente da periferia? Gratuitamente. Tem que ser permanente e não esporadicamente. Que haja mais ações organizadas de lazer para os NOSSOS jovens de [redacted]

>> Outra área de lazer pra população de [redacted] q se as autoridades não tomarem uma providência vai ficar impossível de frequentar [redacted] já está virando local pra consumo de Drogas...

>> Parabéns a nossa PM dando uma prensa na molecada mas poderia também dar uma sacudida nos bairros brits relâmpago [redacted] tem muita gente andando armadas a noite aterrorizando moradores

Nova batida policial na Pracinha [REDACTED] Alvo foram os adolescentes

OPERAÇÕES CONTRA A DESORDEM NAQUELA ÁREA VÃO CONTINUAR



Vários militares cercaram a Praça [REDACTED] Centro de [REDACTED] para que as abordagens a adolescentes e adultos fossem feitas. De acordo com o Ten. [REDACTED], o objetivo é coibir as desordens (uso de bebidas alcoólicas, drogas e até prática de sexo) que vem sendo praticadas naquela região, alvo de reclamação constante de moradores e transeuntes junto às polícias e Ministério Público. Durante buscas e levantamentos foi constatado que a maioria é menor de idade, e nesta batida foram encontrados porções de maconha e um adolescente de 15 anos e um rapaz de 20 foram detidos.

COMENTÁRIOS: (16)

>> Demorou teve que a civil vir primeiro agora civil vem primeiro aqui pca [REDACTED] o tráfico esta pesado e dia inteiro e noite aqui o comércio esta pedindo socorro

>> Passo diariamente nestas praças , e o consumo de drogas e escancarado. Não ha respeito nem pelas crianças que passam pelo local. Parabéns pela ação da polícia, mas terão muito trabalho para acabar com isso. Bom se colocassem uma cabine policial no local e fazer rondas pelas ruas próximas, dia e noite.

>> Gente.... infelizmente não vai resolver o problema! Já ouviram falar em Cracolândia? Daqui a pouco os policiais vão responder por abuso de autoridade ... aí vai continuar tudo como está.... já vi esse filme!

>> Muito boa esta ação, mas não esqueçam de visitar os bairros. Apertam eles aí, eles migram para infernisar os moradores dos bairros.

>> Parabéns pelo excelente trabalho dá PM e PC, mais existem outras praças que estão a muito tempo em pior situação do que essas duas, [REDACTED] mais por qual motivo não fazem o msm trabalho nelas? Será que os moradores ao redor delas são de menor poder aquisitivo? Ou tem menos influencia?

>> Boa pergunta. A "iniciativa" que de nova não tem nada, começa pelo metro quadrado mas caro da Cidade. É bem possivel que tal ação perca o gaz quando o CEP for bairros com menos "pessoas de BENS"

>> Parabéns a PC e PM pelo belo trabalho. Espero que isso se repita por outras noites, pq isso não é só um final de semana que vai ser resolvido, eles têm que aprender a respeitar os moradores e as pessoas que passam pelas praças. Ações contínuas dessas e cue precisamos.

>> Essa praça precisa de uma boa reforma com quiosques plantas e ate estacionamento. ...o abandono público que causa esta bagunça...parabéns aos policiais. ...uma pergunta pergunt...onde estao os pais desses adolescentes ?

>> TEM QUE ARRUMAR UMA ENCHADA PARA ESTE BANDO DE ATOA, TRABALHAR NINGUEM QUER NÉ, ATÉ SEXO JA VI NAQUELE LUGAR.

>> Os mesmos moradores que fizeram a denuncia nessa praça do correios e rua do Fórum , são os mesmo que ficam nos bares da [REDACTED] , usando drogas, bebendo e etc, ou são pais desses. hipocrisia pura deles, é por isso que nosso País não e nunca terá uma mudança , primeiro vamos mudar igual para todos , até acredito que a bagunça na [REDACTED] seja pior que na denunciada na matéria, porque lá está o [REDACTED] . deveria ser uma área de silêncio! Vamos acordar galera , não que seja menos errado, os dois estão errados , mais o pau que bate em José tem que bater em francisco também!

>> Não só Parabéns a esta AÇÃO, mas, apoio também, de nossa parte, no que pudermos ajudar. Um erro ou uma falha, não justica outra.. Com olhos nas falhas, no fato e na realidade.

>> Hoje está assim , trabalhar mesmo nada , agora essa batida precisa ser feita , principalmente pelo uso de drogas e armas , e caso ache essas coisas , fichar na polícia, e entregar na delegacia, os seus pais , mediante uma taxa de conduta errada , antes que piores , pps estes caras não trabalham e nem estudam ,....

>> Parabéns a policia de [REDACTED] aos policiais e que não seja só coibido na prcinha mas em todo o [REDACTED] está virando baderna, bagunça e os menores os pais deveriam ser responsabilizados, onde estão os pais desses adolescentes, onde está a familia desses ado escentes, onde, pois então os mesmos deverão se responsabilizar perante a justiça. Acho que deveria ser feito uma operação com o conselho tutelar, ação social e a policia. Parabéns ao excelente trabalho da policia e dos policiais. Continuem mas em todo [REDACTED].

>> Boa noite a todos... Pessoal...nem todos os jovens que vão nessas Praças, vão para consumir drogas. Há que se analisar duas situações. Afinidade social. Ali eles se juntam aos iguais. Assim como antigamente ocorria na Praça [REDACTED]. Falo de muito antigamente. Anos 80 e tal. Na verdade, o que mais tem atraído os Jovens para essas praças são os ACESSOS GRATUITOS à internet. Na Praça [REDACTED], eles tem a senha do sinal da [REDACTED]. Alguém deve ter passado. Na Praça [REDACTED], pegam os sinais dos riquinhos que moram por ali. E com isso liberam o sinal de internet para eles interagirem por ali. Dinheiro pra ir nos bares caros eles não tem. Então cada um se junta por afinidade em suas fraquesas. Outro fato a se levar em consideração é que as prcinhas dos bairros ficaram muito violentas. Dominadas por traficantes. E consequentemente eles que são "Somente usuários" ficam ali porque qualquer problema a POLICIA chega mais rápido. Se não acreditam no que estou falando. Consultem qualquer CONSULTOR SOCIAL e terá essas mesmas respostas. É o que observei e continuo de olho.

>> [REDACTED], acho que o mínimo que a Polícia Militar e a Prefeitura de [REDACTED] deveriam fazer é dar uma satisfação à todos que ficaram sem dormir de sábado pra domingo por causa do altíssimo volume do som da boate. Por que a policia não compareceu ao local, mesmo depois de tantas ligações pro 190? Qual funcionário da Prefeitura liberou esse Alvará pra festa ser na parte externa e sem limite de horário? Espero que façam um pronunciamento para a população.

>> Num cridito qui ta rolando até sequiçu nessa praça! #!!!

MATERIAL MIDIÁTICO UTILIZADO NO ENCONTRO 5:

Moleque de Vila - Projota

Eu falei que era
 Uma questão de tempo
 E tudo ia mudar e eu mudei
 Vários me disseram que
 Eu nunca ia chegar no cd
 Lembra da ladeira, meu
 Toda sexta feira
 Meu melhor amigo é Deus
 E o segundo melhor sou eu
 Eu tanto quis, tanto fiz, tanto fui feliz
 Eu canto Xis, canto Péricles, canto Elis
 Torcedor do Santos
 Sei que não é possível todos serem feliz
 Mas geral merece não ser infeliz
 Prosperei com suor do meu trabalho
 E esperei, lutei sem buscar atalho
 Sem pisar em ninguém
 Sem roubar também
 Então sei
 Que hoje o meu nome é foda
 E meu sobrenome pra caralho
 Deus olhou pra mim, disse assim: escuta
 nequin
 Pegue este caderno e escreve cada folha até o
 fim
 Eu disse Senhor: Sou tão tímido!
 Sinto mó pavor
 Só em subir no palco
 A perna congelou
 Rodei o Brasil
 Cd na mochila foi 50 mil
 Mão em mão
 Na rodoviária passando mó frio
 Quem viu viu
 Curitiba, meu tesouro, foi estouro
 25 mil tiu, DVD de ouro, Leandro estourou,
 Triunfo bombou, Michel prosperou
 Dei valor, só trabalhador, homens de valor
 Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou
 Quem falou que era moda, hoje felizmente se
 calou
 Vai, vai lá
 Não tenha medo do pior

Eu sei que tudo vai mudar
 Você vai transformar
 O mundo ao seu redor
 Mas não vacila
 Moleque de vila, moleque de vila, moleque de
 vila
 Não vacila
 Moleque de vila, moleque de vila, moleque de
 vila
 Já fui vaiado
 Já fui humilhado
 Já fui atacado
 Fui xingado, ameaçado
 Mas nunca amedrontado
 Fui Aplaudido, reverenciado
 Homenageado
 Premiado pelos homens
 E por Deus abençoado
 Avisa o Rony que hoje é nós
 Não tem show, tô sem voz
 Se o Danilo não colar
 Vou buscar de Cross
 Se o Marques chegar
 Liga o Magrão
 Liga mó função
 Tem churrasco, sem fiasco
 Tira espinha do salão
 Já cantei com Mano Brown
 Com Eddie Rock, com Helião
 Com D2, Com MV
 Dei um abraço no Chorão
 Aprendi fazer freestyle no busão
 Hoje é o mesmo freestyle
 Mas a gente faz do fundo do avião
 Hoje eu acordei chorando
 Porque me peguei pensando
 Será que lá de cima
 Minha veia segue me olhando
 Se me olhando
 Ela ainda está me escutando
 Será que me escutando
 Ela ainda está se orgulhando
 Hoje tanto faz
 Putaria tá demais

*Mas ninguém se liga mais
Mas ninguém respeita os pais
Mas pra mim tanto faz
Porque ainda tem Racionais
Pra quem quer um diferente
Tem Oriente e Haikass
Raps Nacionais
Rostos diferentes, mesmos ideais
Salve Sabota
E todo rap sem lorota
Os manos gosta de ir no Twitter xingar o
Projota
Mas trai a mulher e não abraça a mãe faz uma
cota
Desde 16 to aqui
Outra vez vou sorrir
Vou cantar, vou seguir
Vou tentar, conseguir
Se quer falar mal, fala daí*

*Mas meu público grita tão alto
Que já nem consigo te ouvir
Olha lá o outdoor com o meu nome
Me emocionar não me faz ser menos Homem
Se o diabo amassa o pão, você morre ou você
come?
Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com
a fome
Vai, vai lá
Não tenha medo do pior
Eu sei que tudo vai mudar
Você vai transformar
O mundo ao seu redor
Mas não vacila
muleque de vila, muleque de vila
muleque de vila, não vacila
muleque de vila, muleque de vila, muleque de
vila*

História de Vida - Mc Pitico

Antigamente eu vivi uma vida tranquila
 Fechava com os manos na disciplina
 Mas o tempo foi passando e a gente estava crescendo
 O lado ruim da vida eu estava conhecendo
 Eu me envolvi no crime junto com meu aliado
 Braço fiel da antiga que tava sempre ao meu lado

A gente era colado desde a nossa infância
 Mas deixamos de lado o sonho de criança
 Sonhava em ser doutor, até jogador
 Por falta de condições a gente se limitou
 Passando necessidade por consequência da vida

A única opção foi a vida bandida
 Uma história de vida que hoje venho contar
 De um guerreiro que nunca mais voltar
 Um camarada valente que hoje mora no céu
 Sabemos que aqui na terra ele cumpriu seu papel

Uma história de vida que hoje venho contar
 De um guerreiro que nunca mais voltar
 Um camarada valente que hoje mora no céu
 Sabemos que aqui na terra ele cumpriu seu papel

Formamos no crime, ganhamos fama e poder
 Daqui pra lá esta história vai te surpreender
 Uma dia na favela aconteceu uma parada
 Deitado no barraco, escutei uma rajada
 Em fração de segundos me chamaram no rádio
 "Irmão desce aqui na biqueira velho
 Mas tem que ser rápido cara, rápido"
 Saí desesperado com situação
 Recebi a notícia, acertaram o patrão

O fato que me chocou ainda está por vim
 Agonizando, o chefe sussurrou para mim
 Mano, tu é guerreiro, pura disposição
 Daqui pra frente você comanda o morrão
 Eu aceitei o cargo e falei com meu amigo
 Você vai ser linha de frente, vai guerrear comigo

Pus ele no poder para seguir ao meu lado
 Ele aceitou na judaria querendo meu reinado
 Com o tempo descobri que a casinha tava armada

Cheguei nele e perguntei qual que era a parada

Ele abriu o jogo, mano, eu sou falcão
 Eu que deveria ter sido nomeado o patrão
 Para de judaria, a gente é parceiro
 Desde de pequenininho, amigos verdadeiros
 Sem essa de amigo, com você não tem conversa

O dedo tá no gatilho, até vi o brilho da peça
 Caí, ajoelhei, falei, pode atirar, se você quer ser patrão

Vai ter que me matar, chorando pediu perdão e disse

Não me esqueça, de repente um barulhão
 Deu um tiro em sua própria cabeça

Uma história de vida que hoje venho contar
 De um guerreiro que nunca mais voltar
 Um camarada valente que hoje mora no céu
 Sabemos que aqui na terra ele cumpriu seu papel

Uma história de vida que hoje venho contar
 De um guerreiro que nunca mais voltar
 Um camarada valente que hoje mora no céu
 Sabemos que aqui na terra ele cumpriu seu papel

Judas - MC Romeu

Desde de pequeno já no corre para se levanta,
 Quem via aquele de menor podia imaginar,
 Esse já nasceu vagabundo em disposição,
 Questão de tempo, para isso tudo tá na sua
 mão,
 Ele aprendeu que para ter paz tinha que
 guerrear,
 E que respeito não se compra, tem que
 conquistar,
 Logo por toda zona norte seu nome ecoou,
 Considerado, admirado ele reinou
 Nos braços de uma mina conheceu o amor,
 Uma parceira, conselheira que te ensinou,
 Que desde que o mundo é mundo existe dor,
 Jesus foi pregado na cruz porque ele confiou,
 Judas...
 Era aquele irmão que ele adorava,
 E guardava no seu coração,
 Judas...
 Sempre te invejou,
 São poucos que podem chegar onde ele chegou
 E como todo frente tem, ele tinha do lado,
 De todos dessa bateria, o mais considerado,
 O seu gerente, braço forte no cotidiano,
 Aquele que enfrentava a morte guerreando,
 Mas esse era odiado por onde passou,
 Pois agia na covardia até com morador,
 Mais a sua pior maldade estava por vim,

Ele chamou uns camaradas e disse assim:

-Aquele outro lá tá devagar demais,
 Se ele morre nós vai tomar o poder,
 Se a mulher dele vier junto tanto faz,
 É menos uma para depois me atender.
 Eu vou chamar e dar um papo de caô,
 E aperta um boldo pra nois dois fuma,
 Quando eu beija o rosto dele demoro,
 É o sinal é tudo nosso vem pega.
 Aquele mano, como em premonição
 Falou pra mina, eu tô querendo trabalhar,
 Vou deixar tudo pros pranceiros;
 E ai então...
 A gente recomeça a vida em outro lugar!
 E como um dia a mina já profetizou,
 Como na biblia um beijo vendeu jesus,
 Esse guerreiro que se foi, não mais voltou
 Encontre a paz e siga o caminho da luz...
 Judas...
 Era aquele irmão que ele adorava,
 E guardava no seu coração,
 Judas...
 Sempre te invejou,
 São poucos que podem chegar onde ele chegou

 E desde que o mundo é mundo, que existe dor,
 Jesus foi pregado na cruz porque ele confio,
 Logo por toda zona norte seu nome ecoou,
 São poucos que podem chegar onde ele chegou

Mc Romeu - Rainha

Oh
 Você sempre me avisou
 Amor larga isso tudo e vamos viver
 Quantas vezes já chorou
 Pedindo de joelhos pra deus me proteger
 Na vida loka e assim
 Parto pro tudo ou nada sem saber se volto
 So tenho você por mim
 Então não me abandone amor, eu te imploro!
 Nosso amor e verdadeiro e forte o bastante
 Pra suportar a distancia e algum tempo longe
 Não quero que vá me visitar naquele lugar
 Não importa!
 Prisão perpétua é a morte e eu volto sim
 Você e a parte boa que existe em mim.
 Segura a onda amor, rainha, por favor
 Não chora!
 Vou te pedir meu bem eu rodei mas troquei
 Foi tiro a reveria
 Armaram pra mim quem foi eu não sei
 Me entreguei, pra te rever um dia!
 Vou te pedir meu bem eu rodei mas troquei
 Foi tiro a reveria
 Sempre que eu cai eu me levantei
 Me entreguei, pra te rever um dia!
 Você sempre me avisou

Romeu larga isso tudo e vamos viver
 Quantas vezes já chorou
 Pedindo de joelhos pra deus me proteger
 Na vida loka e assim
 Parto pro tudo ou nada sem saber se volto
 So tenho você por mim
 Então não me abandone amor, eu te imploro!
 Nosso amor é verdadeiro e forte o bastante
 Pra suportar a distancia e algum tempo longe
 Não quero que vá me visitar naquele lugar
 Não importa!
 Prisão perpétua é a morte e eu volto sim
 Você é a parte boa que existe em mim.
 Segura a onda amor, rainha, por favor
 Não chora!
 Vou te pedir, meu bem eu rodei, mas troquei
 Foi tiro a reveria
 Sempre que eu cai eu me levantei
 Me entreguei, pra te rever um dia!
 Vou te pedir, meu bem eu rodei, mas troquei
 Foi tiro a reveria
 Armaram pra mim quem foi eu não sei
 Me entreguei, pra te rever um dia!
 Um dia eu volto e te faço
 Mais feliz do mundo
 Rainha sou e sempre vou ser
 Seu nobre vagabundo!!!